Diário de Lisboa

ANO 54.º/18664 4$00

QUARTA-FEIRA 15 JANEIRO 1975

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

TERMINA HOJE A CIMEIRA DO ALGARVE

ACORDO ÀS 20 HORAS

PENINA, 15 (Dos nossos enviados especiais) — O protocolo do acordo entre o Governo Português e os três movimentos de libertação de Angola, será assinado às 20 horas, pelo general Costa Gomes e pelos presidentes do M.P.L.A., dr. Agostinho Neto, da F.N.L.A., Holden Roberto, e da U.N.I.T.A., dr. Jonas Savimbi.

Em seguida o Chefe de Estado oferece um jantar aos membros das delegações participantes na cimeira, no Hotel Penina.

Esta madrugada, o general Costa Gomes confirmou que a independência de Angola será proclamada a 11 de Novembro deste ano, como já havíamos anunciado. No entanto, um dos membros de uma das delegações angolanas disse-nos que aquela data ainda não é definitiva. Competirá ao Governo de Transição fixar o dia da independência. O dia 11 de Novembro não corresponde a qualquer data histórica para Angola, coincidindo apenas com o 10.º mês após o início da cimeira da Penina.

O Governo de Transição de Angola será dirigido por um Conselho Presidencial constituído por três vice-primeiros-ministros. Ao que julgamos saber, a U.N.I.T.A. será representada por Jorge Valentim, o M.P.L.A. por Lúcio Lara e a F.N.L.A. por Joni Eduardo.

O presidente da República de Angola, que será eleito pela Assembleia Constituinte, tomará posse no próprio dia da independência, assistindo à cerimónia o Chefe do Estado Português.

O Governo de Transição será constituído por 12 ministros, três designados por Portugal e os restantes pelos movimentos de libertação (três cada). Os ministros nomeados pelo Governo Português sobraçarão as pastas da Economia, Transportes e Comunicações e Obras Públicas. O Alto-Comissário Português, que tudo indica será o brigadeiro Silva Cardoso, ficará responsável pela Defesa e pela Segurança Pública. O Ministério da Informação será confiado ao M.P.L.A., a Administração Interna à F.N.L.A. e o Trabalho à U.N.I.T.A.

Cada um dos ministros designados por Portugal terá três secretários de Estado, designados pelos movimentos de libertação. Cada ministro designado por um movimento de libertação terá dois secretários de Estado nomeados pelos outros dois movimentos.

A retirada das tropas portuguesas iniciar-se-á em Junho, devendo estar completa no dia da independência.

O Presidente Costa Gomes, que permaneceu no Algarve durante toda a cimeira, acompanhando de perto o curso dos trabalhos, aproveita um breve intervalo para um passeio na Rocha.

A delegação portuguesa

A delegação do M.P.L.A.

A delegação da U. N. I. T. A.

A delegação da F.N.L.A.

Sargentos da Força Aérea em plenário

Iniciou-se esta manhã na Base Aérea de Sintra o Plenário dos Sargentos da Força Aérea, inicialmente marcado para anteontem mas que teve de ser adiado em consequência do atraso de um dos aviões em que viajavam delegados das unidades estacionadas em África.

Participam neste Plenário cerca de uma centena de delegados representando todas as unidades da Metrópole e as que se encontram estacionadas em África e nos Açores.

A primeira sessão começou cerca das 10.30, sob a presidência do chefe do Estado Maior da Força Aérea, devendo prolongar-se até ao fim da tarde.

24 páginas

SIM À UNICIDADE SINDICAL

Centenas de milhares de trabalhadores participaram na manifestação de apoio à unicidade, promovida em Lisboa pela Intersindical. O ministro Costa Martins, falando à multidão, sublinhou que a opção pela unicidade resulta apenas do cumprimento da vontade do povo por parte do Governo. (pág. 8)

BOATOS E BOATEIROS

. No «Le Monde», Paul Balta fala da onda de boatos que na Argélia é utilizada como uma das formas de «guerrilha burguesa» contra o processo de socialização em curso naquele país. Da mesma «guerrilha» fazem parte a sabotagem económica e a corrupção.

Também nós assistimos a coisas semelhantes, tendentes a contrariar o processo de democratização do país depois do 25 de Abril. Mas é no boato e nos boateiros que se pode encontrar a nota dominante.

Após outros boatos, felizmente ultrapassados, voltou agora a falar-se de crise governamental, a propósito da unicidade sindical. Embora o dr. Mário Soares tenha desmentido o facto, fez-se constar que o P.S. e o P.P.D. sairiam do Governo (no que seriam acompanhados por alguns ministros militares), no caso de a lei consagrar a unicidade sindical, defendida pela Intersindical e por vários partidos políticos (P.C.P. M.E.S. M.D.P. etc.)

. Falou-se em manobras daqui e dali, em forças e fraquezas, em alianças estranhas e em dissídios indesejáveis. O M.F.A. pelo seu lado, clarificou já a sua posição no assunto.

Os trabalhadores estão a mostrar a sua força e a sua vontade num assunto que lhes diz respeito muito particularmente. Às forças democráticas resta-lhes aceitar a vontade popular e continuar a trabalhar pela democratização do País, tendo em conta as verdadeiras aspirações do povo.

Ultrapassemos o debate e continuemos. Os destinos gerais do País é que contam.

MANUEL DE AZEVEDO

De ontem para hoje

CRUZ DE OLIVEIRA REGRESSOU DE CUBA

Após uma semana de permanência em Cuba, regressou a Lisboa o secretário de Estado da Saúde, dr. Cruz de Oliveira. No aeroporto, afirmou:

— Um dos objectivos pretendidos quando saímos de Lisboa era inteirar-mo-nos dos progressos que a saúde pública estava a fazer em Cuba ao fim de 16 anos de revolução, pois parecia-nos que isso poderia ser muito importante para nós, dado que Cuba saíra também de um caos como o nosso e em condições económicas muito idênticas. Assim, estabelecemos um programa intensíssimo, para podermos saber tudo o que fora feito em Cuba. Esse programa foi ultrapassado em muito em face da boa vontade dos cubanos, que nos deram todas as facilidades pondo ao nosso dispor os seus recursos.

Depois de realçar a colaboração da população cubana o secretário de Estado acrescentou que isso «veio reforçar a ideia que ja já tínhamos: que é importantíssimo para quem quer fazer alguma coisa na saúde pública o papel que a comunidade pode vir a desempenhar».

Interrogado sobre se o molde cubano podia ser implantado em Portugal, disse:

— Posso responder com as palavras que o ministro Gutierrez me dirigiu quando se despediu de mim. Essas palavras foram: cada país tem que ter o seu sistema. Pode tirar lições daquilo que os outros fizeram, pode tentar corrigir as asneiras que outros podem ter feito; mas não há um figurino, e dizer «este adapta-se perfeitamente ao nosso», isso não me parece possível de maneira nenhuma.

■ CRÉDITO ESPECIAL

Por decreto-lei do Ministério das Finanças, foi aberto um crédito especial de 86 mil contos a favor do Ministério da Coordenação Interterritorial.

Este crédito será aplicado em subsídios não reembolsáveis, a Cabo Verde (50 mil contos), S. Tomé e Príncipe (16 mil contos) e Timor (20 mil contos).

■ COMBOIO APEDREJADO

Uma já antiga onda de violência na zona do caminho-de-ferro compreendida entre a Reboleira e a Amadora continua a trazer em sobressalto os utentes da linha de Sintra, em consequência dos apedrejamentos aos comboios.

Verificou-se agora mais um apedrejamento, desta feita ao comboio que saíra da estação do Rossio às 19 e 45. Próximo da ponte da entrada da vila da Amadora, a composição foi atingida por uma pedra, das que são utilizadas no calcetamento dos passeios. O projéctil produziu um enorme buraco numa das janelas da carruagem do meio da composição, onde viajava grande número de passageiros, alguns dos quais foram atingidos pelos vidros dos estilhaços provocados pela violência da pedra que só por sorte não foi atingir qualquer passageiro.

■ ASSALTADA UMA SECÇÃO DA F S P

A Frente Socialista Popular difundiu um comunicado em que informa ter sido assaltada a sua secção da Pena por «energúmenos identificados com um partido político que se diz porta-voz das classes trabalhadoras».

Afirma a nota terem sido destruídos documentos e desaparecido valores, cujo montante ainda está por apurar. E acrescenta:

. «Este tipo de provocação reaccionária, orquestrada pela cúpula de um partido com responsabilidades no Governo Provisório, além de revelar a desorientação de certas «personalidades», pode levar a confrontos de extrema gravidade e acarretar danos físicos e morais aos que, ingenuamente se prestarem a por em prática tão reprováveis acções.»

teatro desmontável tel 87 42 80
L. Martim Moniz metro Socorro
ADÓQUE grupo de teatro
TODAS AS NOITES EM 2 SESSÕES 20.45 e 23 horas
DOMINGOS: «MATINÉE» ÀS 16 H.
PIDES NA GRELHA
Não aconselhável a Menores de 18 anos
HOJE (4.ª-FEIRA) É O NOSSO DIA DE DESCANSO

CONSELHO DE MINISTROS

APROVADA A LEI DE IMPRENSA

. O Conselho de Ministros reunido ontem com a presença dos secretários de Estado do Fomento, da Justiça e dos Negócios Estrangeiros (em substituição dos respectivos ministros) apreciou a situação existente no ensino superior e nomeou administradores, por parte do Estado, para o Consórcio Mineiro de Diamantes (Condiama), S. A. R. L. António Policarpo de Sousa Santos e eng. Carlos Jacinto Ferreira Pó.

Foram aprovados diplomas respeitantes aos seguintes assuntos: expropriação por utilidade pública; Direcção-Geral do Comércio Externo; Comissão de Reforma de Registos e Notariado; garantia administrativa; alteração do art. 39 do Dec.-Lei 621/A/74 de 15/11; remunerações a membros de comissões de inquérito e sindicancias; apoio a pequenas e médias empresas; transportes colectivos do Porto; comissão de condição da mulher; noção de «bem» é «serviço»; pessoal docente do ensino superior; acções da Petrosul.

Por último, terminou a apreciação na especialidade do projecto de lei de Imprensa, cuja redacção final ficou aprovada.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO M.R.P.P.

. O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado (M.R.P.P.) anuncia, através da Comissão de Imprensa do Comité Lenine (Comité Central do M.R.P.P.), a realização de uma conferência de Imprensa a ter lugar hoje, pelas 18 horas, na Casa da Imprensa de Lisboa, Rua da horta Seca.

O tema a tratar pelo M.R.P.P. será a «Situação política actial», prevendo-se que esta organização marxista-leninista tome significativas posições acerca do momento presente.

COMÍCIO NO PAVILHÃO

Exigida a libertação de antifascistas presos

. Uma moção de repúdio pelo facto de antifascistas continuarem presos foi aprovada no comício promovido ontem, no Pavilhão dos Desportos, pela Comissão para a Libertação Imediata dos Antifascistas Presos e que terminou cerca da 1 hora da madrugada.

Usaram da palavra numerosos oradores frequentemente interrompidos pelos aplausos e palavras de ordem da assistência. Leonel Coelho, um dos antifascistas que tinha sido detido por fazer propaganda da manifestação de 31 de Dezembro, fez numerosas criticas à Junta, ao Governo Provisório e ao Copcon, o que aconteceu, igualmente com os oradores seguintes.

Um jornalista salientou o facto de os grandes meios de informação darem um escasso relevo à prisão do soldado Etelvino e de outros antifascistas, nomeadamente quando fazem greve de fome e arriscam, por isso, a vida. Dois membros da comissão promotora puseram em evidência, que Etelvino de Jesus se encontra á beira da morte e que esta questão «diz respeito a todos os antifascistas».

Um operário pôs em causa a política da Intersindical e declarou que os camaradas da empresa onde trabalha — a Lisnave — não aderiram por maioria, à manifestação de ontem.

Falou, ainda, a mãe de um antifascista recentemente libertado, assim como uma trabalhadora natural de Ponte de Sor — terra onde também nasceu o soldado Etelvino — que aludiu sobretudo à exploração de que os camponeses continuam a ser alvo. «A terra a quem trabalha» foi também a palavra de ordem do discurso de um camponês pobre, o qual declarou ter percorrido muitos quilómetros para participar no comício.

A mãe do soldado Etelvino encontrava-se entre os membros que constituiam a mesa e foi particularmente apoiada pela assistência.

Pedida a reintegração de Henrique Galvão

Foi entregue ao Primeiro-Ministro o pedido de reintegração póstuma do capitão Henrique Galvão no seu cargo de inspector superior ultramarino.

O pedido, apresentado em nome da viuva de Henrique Galvão, é subscrito pelo dr. Vasco da Gama Fernandes, que foi seu advogado durante seis anos até à fuga que o capitão conseguiu levar a cabo do Hospital de Santa Maria, onde estava sob prisão.

Henrique Galvão foi demitido daquelas funções na sequência da sua condenação a pena maior «por tentativa revolucionária».

AS ELEIÇÕES DOS C.T.T.

. Deve terminar hoje pelas 24 horas a contagem dos votos para a eleição do Secretariado Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações. Esta manhã, segundo nos informaram, a lista B, continuava à frente com mais de cinco mil votos. Salvo qualquer surpresa ou votação em massa de alguns postos de trabalho (e mesmo assim), tudo indica que a lista B vencerá estas eleições.

Enquanto a lista A, que tem por divisa «Por uma consciência sindical», a lista B, com a divisa «Unidade sindical» salienta no seu programa: «Ao Secretariado Nacional cabe conduzir os processos de luta, segundo a vontade expressa da maioria. Cabe-lhe recolher tudo o que de positivo se faça em qualquer local, de modo a divulgá-lo aos outros locais, fazendo com que todos beneficiem».

A lista B é composta pelos seguintes trabalhadores: António José Flor da Rosa Gonçalves (Lisboa); António Trindade Rosa (Lisboa); Armando Alves Ferreira da Silva (Coimbra); Barac Pinto Resende (Porto); Carlos Alberto Carraça Madruga (Lisboa); Carlos Costa Gonçalves (Setúbal); Esperança da Glória Brás de Sousa (Lisboa); Francisco Almeida Fonseca (Peso da Régua); João António Carrinho Barradas (Cuba); João Manuel Tavares Campos (Porto); Joaquim Tavares Campos Ortiz (Lisboa); José Gonçalves da Silva (Minho-Braga); Manuel Cardoso de Figueiredo (Lisboa); Manuel Mendes Simeão (Évora); Maria da Conceição Lopes da Luz e Brito Correia (Faro); Pedro José da Conceição Silva (Lisboa); Ricardo Gil Ferreira Braga (Lisboa); Rosária Teresinha Relvas Coelho (Évora) e Teófilo Manuel Leal Fernandes (Lisboa).

Os componentes da lista A afirmam no seu programa querer «um sindicato liberto de lutas partidárias, mas sempre atento aos condicionalismos socio-políticos da época. Um sindicato enraizado nas massas. Um sindicato que garanta a total liberdade de expressão dos trabalhadores».

TEATRO VARIEDADES
Empresa Tequipa, Lda.
TODOS OS DIAS Às 20.30 e 23.00 H.
ÊXITO TOTAL
DA REVISTA POPULAR
Ó PÁ, PEGA NA VASSOURA!
com
JOSÉ VIANA
DORA LEAL
LEÓNIA MENDES
CANTO E CASTRO
CARLOS COELHO
no compère à frente de grande elenco
As atracções
MARIA LUIZA VIEGAS
VUM-VUM
e seu conjunto
BALLET TOP-TEN
Aos domingos e feriados Matinée às 16 horas
Às 3.as-feiras: Descanso

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO
SECRETARIA
ANÚNCIO
SECRETÁRIA
Admite-se na Direcção dos Serviços com o 7.º Ano Liceal (Letras) e o curso especializado de Secretariado ou com prática do cargo superior a 2 anos.
Aceitam-se inscrições na Secretaria dos Serviços Municipalizados, durante as horas normais de expediente ou a inscrição pelo correio, mediante o envio do «curriculum vitae».
Almada, 7 de Janeiro de 1975.
P'lO Presidente do Conselho de Administração
José Manuel da Costa Miguel

liberdade à solta
LA LIBERTÉ EN CROUPE
um filme de EDOUARD MOLINARO
BERNARD LE COQ (O PORTEIRO)
JULIETTE VILLARD
EASTMANCOLOR
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS
TALMA FILMES
estúdio 444 AMANHÃ ÀS 21.45 H

post scriptum

Agência de bilhetes: para quê?

De há alguns meses a esta parte, a actividade das agências revendedoras de bilhetes para espectáculos está a tomar foros de autêntico escândalo. As bilheteiras dos cinemas e teatros quase que não têm bilhetes, os quais são açambarcados por esses intermediários que cobram mais de 10 por cento. Porquê?

Essas agências têm, praticamente, o monopólio dos bilhetes das salas de espectáculos a curta distância dos seus locais de venda.

Num Portugal em reconstrução e na via do socialismo, já é tempo de se acabar com esses parasitas, que em lugar de servirem o povo, o exploram descaradamente.

O. Sousa — Lisboa

Uma lição magistral

Li, cuidadosamente, o artigo do sr. prof. J. Laginha Serafim. Quantas vezes? Uma, duas, três? Não sei. Senti que se tratava de uma lição magistral. Um artigo maravilhoso e empolgante. Só digo: tivéssemos cinquenta portugueses como o sr. prof. Laginha Serafim a dirigir este País (a dirigir e não apenas a ter) e outros tantos «capitães» corajosos, prontos a executar as ordens, o nosso Portugal passaria, em poucos anos, da «cauda» para um dos primeiros lugares da «classificação», não apenas no capítulo de desenvolvimento, económico e social, mas também, e principalmente, no da democracia, da «alegria colectiva de viver» e de «felicidade individual» de todos os portugueses.

R. Remédios — Lisboa

Problema de contador

Não compreendo que motivo levou a Câmara de Mafra a colocar em minha casa um contador de oito metros cúbicos, em substituição do anterior, de três metros, quando eu resolvi pôr o contador em meu nome. No tempo em que eu tinha uma industriazinha de batata frita cheguei realmente a gastar uns sete metros. Mas agora que sou sozinho e gasto às vezes apenas um metro, por que hei-de ser obrigado a pagar o mínimo de oito?

José da Ana — Mafra

Suplemento literário

Li num dos últimos números do jornal uma carta em que um leitor se queixou de V. terem desistido da publicação do vosso Suplemento Literário, suplemento de que eu dependia para me manter a par da vida literária e artística. Constato, com espanto, que neste momento em que tanto se fala dos valores culturais, não existe uma única publicação acessível que mantenha as pessoas interessadas a par do que se passa neste campo e que fomente o amor pela literatura e pelas artes plásticas. Não estará o «Diário de Lisboa» disposto a preencher esta lacuna voltando a publicar o Suplemento Literário?

Porfírio L. Veloso — Coimbra

□ *Os seus comentários têm toda a razão de ser, mas não nos tem sido possível publicar o suplemento que desejaríamos. Mais tarde ou mais cedo, porém, o suplemento volta.*

Ar desleixado

Tive ocasião, recentemente, de verificar que as hospedeiras de terra da TAP têm um ar francamente desleixado e que os seus uniformes deixam muito a desejar, como aliás, todo o serviço da nos a única companhia aérea. Em Paris, por exemplo, ainda recentemente tive ocasião de me ir despedir ao aeroporto de dois emigrantes que vinham cá passar o Natal e fiquei desolado ao ver que os atrasos sucessivos e prolongados do avião nem sequer eram explicados aos passageiros...

Dir-se-ia que o passageiro português é um ser de segunda classe que nem sequer interessa à sua própria companhia.

Será tudo isto irremediável? Não haverá processo de dar a entender às pessoas que elas têm obrigações para com a colectividade em que vive? Não sei quanto ganha uma hospedeira e pergunto-me se ganhará tanto e terá uma vida tão dura como milhares de portugueses que trabalham de manhã à noite e que, apesar auferirem vencimentos de subsistência, dão tudo o que têm a dar...

C. V. Fontes — Paris

Consultores estrangeiros e austeridade orçamental

Por MÁRIO BAPTISTA

Para que um país se desenvolva sob os pontos de vista tecnológico, económico e social não bastam os recursos materiais de que possa dispor mas, sobretudo a qualidade dos seus trabalhadores e a capacidade de concepção organização e gestão dos seus cientistas, dos seus técnicos e dos seus dirigentes.

São por demais conhecidos os efeitos de dominação económica e política das empresas multinacionais, principalmente de origem norte-americana, quando trazem na mala, mais do que capitais a aptidão para gerir, em seu proveito, os recursos que os outros países não sabem utilizar.

Por isso os países mais pobres se preocupam cada vez mais em desenvolver a sua capacidade de «engeneering», isto é, os meios humanos necessários ao estudo, implantação e gestão no investimento em infra-estruturas sociais e em actividades directamente produtivas da agricultura, da indústria e dos serviços.

A educação especialmente a debatem, enquanto a economia portuguesa caminha para o nível universitário, e a investigação nos vários domínios que afectam o ritmo e a qualidade da vivência em sociedade constituem uma forma de concretização dos objectivos em análise, embora de efeitos a médio e a longo prazo.

Não parece que, na conjuntura político-social em que tem decorrido a actividade nas escolas portuguesas, a preocupação de valorização intelectual, técnica e profissional dos estudantes tenha surgido com a importância que lhe deveria ser atribuida na urgente tarefa de reconstrução nacional.

O que pode representar factor pouco animador quanto ao futuro que os jovens estudantes portugueses pretendem construir para o nosso país, mais interessados como estão em contribuir, com a verdura da sua impreparação nas realidades e nas responsabilidades da autosubsistência para a anárquica polémica pré-eleitoralista em que, desde 26 de Abril , os intelectuais e os políticos se abismo.

Neste contexto, a investigação aplicada ao nível do Estado, das empresas e dos gabinetes de projectistas e consultores traduz um meio indispensável a mobilizar no estudo e na concretização de projectos de desenvolvimento sócio-económico, devendo apenas encarar-se a hipótese de recurso ao «engeneering» estrangeiro quando a ciência e a técnica portuguesas demonstrem uma efectiva incapacidade de corresponder às necessidades previstas.

Para a concretização de tal política colhem também os argumentos de austeridade na aplicação de dinheiros públicos da necessidade de não sobrecarregar ainda mais a balança de pagamentos e de contribuir para aliviar a crise em em que se debate a actividade de projecto e consulta em Portugal.

A experiência de alguns projectistas e consultores especialmentenosdomíniosdaengenharia, sugere, no entanto que está a desenhar-se uma tendência para preferir técnicos estrangeiros e — o que é ainda mais de estranhar — em projectos do sector público.

Não se tratando de preocupação económica,pois os preços propostos pelos projectistas estrangeiros até são geralmente mais elevados, poderá concluir-se que a capacidade técnica nacional não é suficiente ou adequada.

Mas será mesmo assim? Terão os técnicos e os responsáveis do sector público efectiva qualidade para fazer tal julgamento — se é que o fazem?

Não haverá em tudo isto uma manifestação da sempre existente rivalidade entre os técnicos do sector público e do sector privado?

Levantado o problema, decida quem de direito.

E que se atenda, também às consequências de encomendar no estrangeiro projectos de investimento do tipo «chave na mão». Para além do controlo que nos escapa quanto ao tipo, à qualidade e ao preço dos equipamentos, não será difícil «temperar» o preço do projecto visando ilícita transferência de capitais.

A VIRAGEM SOCIALISTA NA ARGÉLIA-1

Por PAUL BALK

A guerrilha da burguesia

Na altura em que o presidente Boumedienne inicia, com maior firmeza, o lançamento das bases económicas que fornecerão ao povo argelino a possibilidade de construir uma sociedade socialista, a burguesia e outros sectores que tradicionalmente lhe estão ligados, inquietam-se. Perante um poder político forte, a reacção toma por vezes formas insidiosas — seja através da ou das campanhas de boatos — armas do desespero, que embora nocivas ao processo em curso, são aproveitadas pelos dirigentes argelinos para alargarem o combate ao campo ideológico, realizando uma ampla campanha de informação, esclarecimento e mobilização popular em que as massas são alertadas para o perigo de ideias reaccionárias e falsas e são alertadas para o que a revolução delas espera: 'Dedicação! Competência! Integridade!'

Boumedienne: «A fase da revolução socialista iniciar-se-á em 1975»

Argel — Uma prova de forças opõe desde o início do ano o governo do presidente Boumedienne aos três sectores principais da burguesia: grandes latifundiários, grandes comerciantes e industriais privados e também uma parte dos tecnocratas. Desenrola-se de forma camuflada e larvar, como já é frequente na Argélia, o que acontece por duas razões: as diferentes camadas da burguesia não arriscam o jogo aberto e o poder é suficientemente forte para poder controlar os conflitos e evitar que eles degenerem em crises abertas. Mas de repente há algo que explode, revelando tensões subjacentes. Os boatos que correram durante o Verão, as penúrias constatadas em Argel, os avisos várias vezes lançados pelo chefe de Estado, constituem algumas das manifestações desta prova de forças que basicamente se joga em três partidas: radicalização do regime, reacções de sectores afectados ou ameaçados; resposta do Estado. O presidente Boumedienne, uma vez livre dos grandes problemas internacionais que o ocuparam durante mais de seis meses a partir do Verão de 1973 — cimeira dos não alinhados, guerra de Outubro, guerra do petróleo, cimeira árabe, cooperação africana-árabe — procura agora orientar o país mais claramente na via do socialismo e empreende a renovação da FLN, consagrando muito mais tempo às questões internas. 1974 terá sido um mau ano para «os reaccionários, os oportunistas e todos os inimigos traidores da revolução», como tal fustigados pelo chefe do Estado.

A segunda fase da revolução agrária, prevendo a limitação das grandes propriedades, começou a fazer-se sentir. No final de Junho, dezassete mil e quatrocentos proprietários tinham sido tocados e cerca de 500 000 hectares distribuídos. Mais ou menos no papel de comissários do povo, quatro mil estudantes voluntários foram para o campo durante as férias. Denunciaram as falhas e as lacunas que constataram na aplicação da revolução agrária e não hesitaram em pôr em causa este ou aquele representante da administração ou do partido. Mas acima de tudo, foi importante a denúncia pública que fizeram das manobras dos proprietários para não cumprir a lei ou desencorajar os camponeses pobres de se organizarem. A acção estudantil não foi letra morta.

Na Primavera, tinham sido os grandes comerciantes a ser afectados pela reorganização dos circuitos de distribuição e de comercialização dos produtos alimentares na cidade de Argel. A reforma, cujas modalidades deixavam a desejar, poderá no entanto ter servido como experiência para uma segunda reorganização, que desta vez começou a ser efectuada à escala nacional, desde o dia 1 de Outubro. Os intermediários e os grossistas foram suprimidos. Segundo as autoridades, eles conseguiam ganhar entre vinte a trinta mil dinares por mês, enquanto que os salários estavam teoricamente limitados a dois mil dinares na administração e sociedades nacionais.

Estando a grande e média indústria nas mãos do Estado, os pequenos industriais sentiram-se por sua vez ameaçados com a publicação, em fins de Junho, do segundo plano quinquenal. Interrogavam-se se o Estado não teria modificado as suas intenções, expressas no plano de investimentos publicado em Setembro de 1966, de fazer participar o capital privado na tarefa de edificação nacional.

Esse texto, que define o quadro no qual o investimento privado se pode exercer, sublinha que este sector tem de contribuir para aumentar as capacidades produtivas do país e não entregar-se apenas a actividades especulativas ou improdutivas. Um relatório publicado recentemente indica que, de 1966 a 1974, o capital privado investiu 860 milhões de dinares em projectos superiores a 1 milhão de dinares. Contribuiu também para criar vinte e seis mil empregos. Em oito anos é pouco. Ao lado de cerca de quatrocentas unidades industriais de importância nacional, o plano prevê a criação, através de comunas e de «wilayates» ((departamentos), de várias centenas de manufacturas e de pequenas fábricas, destinadas a valorizar os recursos locais e a fornecer postos de trabalho. O capital privado viu nesta decisão um meio de restringir o seu campo de actividade e sente-se inquieto. Deu a entender que se tratava de uma concorrência tanto mais desleal quanto era frequente as empresas das colectividades ou as do Estado terem uma rentabilidade menor do que as do sector privado. O governo registou o facto e só bastante mais tarde veio a reagir.

Os alarmes do terceiro sector da burguesia foram provocados por um discurso de Boumedienne. Quatro frases resumem o aviso que ele dirigiu a alguns quadros do Estado e do partido: «Os critérios da amizade pessoal e dos laços regionais constituem um grave perigo para qualquer edificação nacional verdadeira». «O desperdício dos bens do Estado é um crime». «Aqueles para quem a única preocupação é ganhar dinheiro têm de ficar a saber de uma vez para sempre que não têm lugar no Estado, no partido ou no exército.» «Ser patriota não significa necessariamente ser um revolucionário socialista».

Estas críticas visavam várias categorias, entre as quais alguns responsáveis políticos e dirigentes de sociedades nacionais que, aproveitando-se da sua situação, realizam por vezes bons negócios ou entregam-se ao tráfico de influência. Talvez o presidente também pensasse em certos técnicos de empresas do Estado as quais, embora competentes e sem fortuna pessoal, vivem como grandes burgueses e nada se preocupam com a orientação socialista do país. Com os prémios e vantagens materiais (casa, carro, motorista, etc.,) o salário de alguns seria, segundo fontes oficiais, multiplicado por dois, três ou quatro. Um decreto de 30 de Outubro congela as remunerações nas sociedades nacionais e nos estabelecimentos públicos.

Nacional

Empresas de aviação civil protestam contra o imposto fixado no Decreto-Lei 782/74

..Empresas proprietárias de aviões industriais de pequeno porte, proprietários particulares e trabalhadores das várias classes envolvidas no tráfego turístico e de desporto e tarefas aéreas dentro do nosso país, reuniram-se em Tires, para discutirem os problemas que lhes veio criar o Decreto-Lei 782/74, segundo o qual os impostos para aviões de turismo ou de trabalho podem ir até aos quatrocentos contos.

..Da reunião saiu uma comissão «ad hoc» que, num dos próximos dias, dirigirá ao Governo uma exposição sobre as várias razões que levam as classes envolvidas no assunto — quer proprietários, quer trabalhadores — a discordar do referido decreto e da sua aplicação.

..Eis o texto do documento que uma das pequenas empresas proprietárias de aviões industriais enviou ao Presidente da República e ao Governo:

. *Considerando, no caso específico da actividade comercial e industrial aeronáutica a que nos dedicamos, que o Decreto-Lei 782/74 não teve em conta: a) que o imposto fixado é superior ao dobro do custo da hora-média anual voada, incluindo amortização da própria aeronave; b) que existem aeronaves bastante mais baratas em custo inicial e em custo de exploração por quilómetro percorrido (menos de metade) que muitos automóveis ligeiros, pagando estes menos que a décima parte do imposto agora exigido às aeronaves; c) que o imposto fixado implica a anulação total de toda a aeronáutica civil ligeira, onde exercem funções muitos trabalhadores e na qual se acham investidos muitos milhares de contos; d) que não foi considerado que uma grande parte das aeronaves são também instrumentos de trabalho para execução de tarefas rápidas em locais diferenciados de fatigante e moroso acesso pelos meios normais de locomoção; e) que não fomos auscultados para nos pronunciarmos, muito embora estejamos forçadamente a manter os postos de trabalho sem produtividade, desde há cerca de um ano, por força da paralisação que afectou esta indústria; f) que principalmente não foi acautelado o aspecto social de que se revestem as empresas cujo princípio é defendido nas recentes leis de trabalho; g) que finalmente o imposto fixado implicará o encerramento e falência das sociedades existentes, com o nefasto cotejo de situações que nos escusamos de apontar.*

Assim, protestamos energicamente contra o imposto fixado para as aeronaves e solicitamos a revisão do citado Decreto-Lei 782/74, recorrendo, se se achar necessário, a uma auditoria que poderá constatar a inviabilidade da nossa subsistência.

..Segundo o que na já referida reunião foi dito, podem ficar sem emprego, se aquele imposto se mantiver, cerca de mil e quinhentos trabalhadores das várias firmas exploradoras e, mesmo, dos aviões ditos de serviço particular.

..Entretanto, sabemos que à semelhança do procedimento da Aeroávia, S. A. R. L., também outras firmas do ramo vão enviar iguais documentos de protesto.

AFIRMAÇÃO NO PORTO:

"A carne congelada dá muito dinheiro"

PORTO — O problema da comercialização da carne congelada constituiu o «ponto quente» de uma assembleia geral extraordinária da Associação dos Comerciantes de Carne do Porto, convocada para debater os problemas da classe. A afirmação de que a carne congelada «dá muito dinheiro» está na base da celeuma e valeu ao seu autor, sr. Aníbal neto, a ameaça de agressão física.

Quando um dirigente da Associação falava na necessidade de serem desenvolvidas diligências para que a carne congelada fosse debitada aos marchantes por menos vinte escudos do que a fresca, o sr. Aníbal Neto levantou-se e perguntou «com que moral iriam fazer esse pedido ao Governo, uma vez que a carne congelada dá muito dinheiro, tanto que até permitia que a vendessem mais barata doze escudos».

Depois de outras intervenções, aprovou: que seja solicitada superiormente a dispensa da obrigatoriedade de em cada peça de carne ser colocada uma etiqueta com o respectivo preço, havendo um preçário único em cada estabelecimento; a criação de uma comissão de compra de gado; a eliminação da taxa de 15 centavos por quilo destinada ao extinto Grémio; e a criação de um serviço de contencioso na Associação.

Os fundos de abastecimento e de garantia foram motivo de larga controvérsia, bem como a circunstância de, em Lisboa, certa qualidade de carne ser considerada de segunda e no Porto, de primeira.

Títulos do Tesouro

mancha

O CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
convida todos os seus Clientes
a colaborarem nesta emissão

PARA O PROGRESSO
DA
ECONOMIA NACIONAL

10%
AO ANO

e prémio
no reembolso

Subscrição e esclarecimentos
em todos os nossos Balcões

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BRUTUS

AV. DA REPÚBLICA, 56-B

E L A S
ESTÃO COMPLETAMENTE DOIDAS!!!
E L A S SALDAM À MALUCA...

A PARTIR DO DIA 15
A ESTAÇÃO DE INVERNO

CASACOS DE 3.000$ AGORA 850$
CALÇAS DE 1.300$ AGORA 450$

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

É FÁCIL DIZER O QUE SE SABE QUANDO SE SABE O QUE SE DIZ

. O Programa do Movimento das Forças Armadas na televisão portuguesa gostaria eu — e certamente a maioria dos meus compatriotas — que fosse diário. Mas só vem duas vezes por mês. Paciência, que é a riqueza do pobre.

Quanto ao de ontem, estive quase tentado a escrever que só valia a pena ter-se transmitido a segunda-parte. Por que é que não escrevi? Ainda não sei bem. Tenho de perguntar mais longamente a mim mesmo, a ver se consigo responder-me. Se há coisa que me chateia brutamente é o paternalismo. O povo não entende, o povo não liga, o povo desliga na presença destes infindáveis monólogos, percebem como é? Não paternalizes, pá, não desconfies da inteligência da malta, pensas que só tu e os teus pares, etc, etc, por aí adiante, estão a perceber o género.

Mas não é isso. Não é por desconfiar da inteligência de ninguém. Nesse caso tinha de começar pela minha própria, porque não percebi. Isto é, não vi, não agarrei, não recebi. Quando os palestrantes se foram fiz um balanço e pouco tinha nas mãos. Porque um falava, e o falar, quando não se organiza, luta contra si próprio? Porque lia, e a leitura, a não ser muito bem fingida, não serve para a televisão? Porque a secura da tecnocracia não aquece o televisor? Porque as condições de som me agrediam? Ou o defeito estaria em mim — por saturação, por falta de disposição, por ter o espírito noutro lado (é humano, é humano, um crítico não é de pau)? Acredito.

A verdade é que, na segunda parte, tudo se modificou. Devido a dois trunfos poderosos: a presença viva do povo a sério e um interlocutor da estatura de Ana Maria Alves.

Ana Maria Alves: de vez em quando acontece numa surpresa. Aconteceu há tempos com a presença de um forte instinto de comunicação e de simpatia na pessoa de Pitacas Antunes, na rubrica *Afinal como é?* De tal modo que nos fica a impressão de que Pitacas Antunes errou a vocação, sem desprimor para a sua actividade profissional, que desconheço qual seja. Onde eu o via, imaginem só, era ligado directamente à televisão, a fazer pequenas e grandes reportagens. Para já, os repórteres dos telejornais fariam bem se olhassem para o trabalho de reportagem de Pitacas Antunes. Isto cada qual é para o que nasce.

Agora, acontece Ana Maria Alves. Um caso muito sério de naturalidade, de facilidade de expressão, de domínio das situações, por muito complexas que sejam, e ontem aconteceram algumas. Acrescente-se a tudo isto uma presença televisual de alto recorte e estamos diante doutro riquíssimo repórter para a televisão portuguesa.

Ambos os casos aconteceram por acaso. Às vezes o acaso é o melhor concurso.

POVO: O MAIOR TRUNFO

O outro poderoso trunfo aconteceu, como disse, com a presença do povo. O povo desinibido, a falar alto e a mijar direito. Não a dizer a tudo que sim, mas a discutir, a opor razões ou a ficar na rua. Algumas cenas davam cinema e do bom. Algumas intervenções deviam fazer parte da educação popular — feita pelo próprio povo.

O povo tem o segredo das palavras certas. Ninguém fala tão bem, e com tanta pureza, como ele. Há dias tivemos um documentário lá de cima, de Trás-os-Montes, aquele de uma velhinha agarrada ao seu tear e é mãe de um senhor, jornalista em Lisboa. Nesse documentário aparecia-nos a falar um camponês que me deixou maravilhado. Eu agarrava naquilo, passava aquilo a letra de forma, dizia que era de um grande escritor e toda a gente engolia. Uma avaria no gravador esteve contra mim. Desmoralizei.

Certas expressões ouvidas ontem são grandes lições da arte de dizer, porque são grandes lições da arte de pensar. Fico a recordá-las: *Temos o Movimento das Forças Armadas; como as Forças Armadas estão com os trabalhadores, os trabalhadores devem estar com as Forças Armadas.*

(Momentos antes, um trabalhador da Marinha Grande exprimira a mesma ideia. Não na televisão, mas na Emissora Nacional, em reportagem da poderosa manifestação da Intersindical. Vasco Manuel Glória dizia ao repórter Gabriel Alves: *Queremos trabalhar para o nosso Governo porque o nosso Governo trabalha para nós...)*

Esta é a linguagem que o povo entende, esta é a linguagem que o povo fala. Os intelectuais, certos intelectuais, seriam incapazes de as escrever. Vamos aprendendo, rapazes, vamos aprendendo.

Já agora não quero deixar de propor à vossa meditação uma frase pronunciada ontem no mesmo programa. Assim: *Se o povo souber votar, alivia as Forças Armadas.*

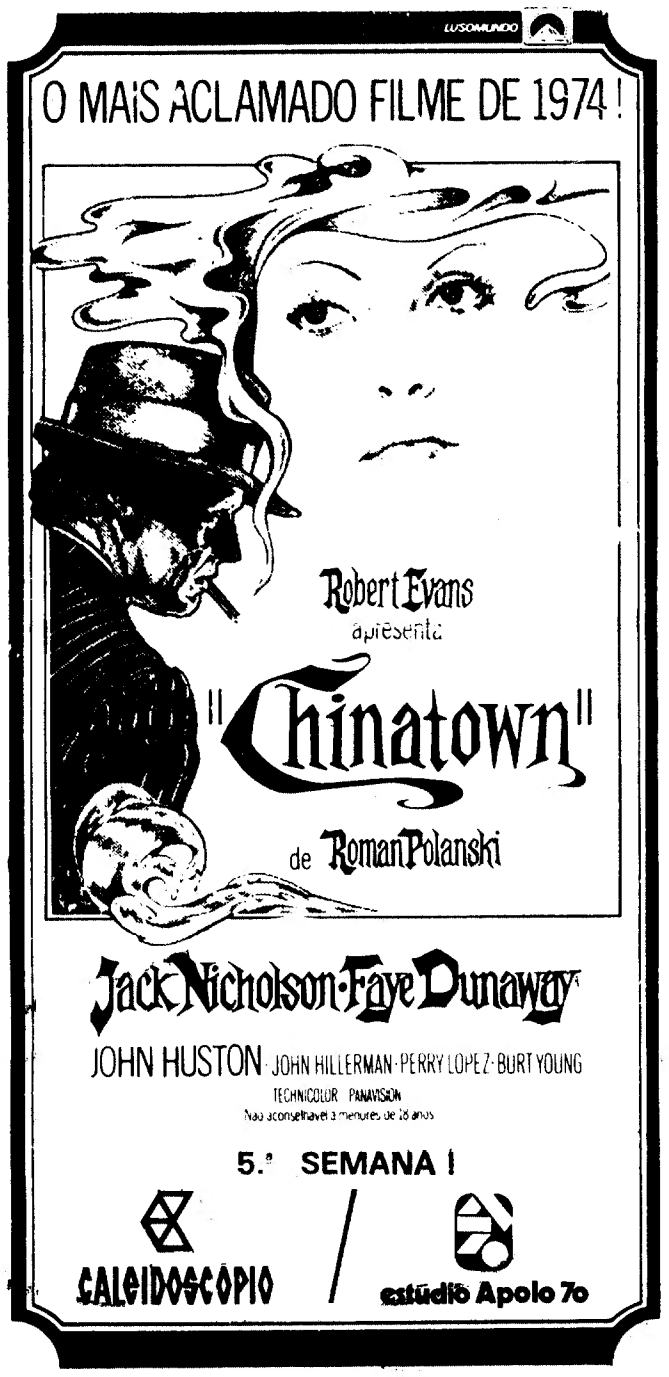
Tomem boa nota.

EX-DIRIGENTES DEIXAM O M.E.S.

. Cerca de quatro dezenas, (número não confirmado), de militantes do M. E. S. — Movimento de Esquerda Socialista — abandonaram recentemente esta organização, contando-se entre eles elementos da direcção anterior ao congresso recentemente realizado.

Entre estes, contam-se César de Oliveira, Jorge Sampaio, João Benard da Costa e Luís Salgado Matos, que se desligaram do M. E. S., não como facção dissidente, mas por terem, cada um, idênticas razões políticas.

Contactados dois dos referidos militantes do Movimento de Esquerda Socialista, ambos consideraram não ser este o momento propício à divulgação pública das motivações do seu afastamento, nem à formulação de «especulações» sobre o assunto. Trata-se, segundo nos foi dito, de uma questão interna, e que será clarificada pelos ex-militantes em altura julgada oportuna.



JOAQUIM JOSÉ DE CARVALHO

MISSA DO 7º DIA

Maria Angelina MOTA Quintas de Carvalho, Noémia Angelina de Carvalho de Vasconcelos, seu marido e filhos, Maria Helena de Carvalho Bandeira e Cunha, seu marido e filhos, Selise da Conceição Quintas de Carvalho e demais família, participam que será celebrada Missa por alma do seu muito querido marido, pai, avô e parente, no dia 16 às 19 horas, na igreja de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa.

ALDEAMENTO TURVALBO

JÁ EM CONSTRUÇÃO!

Entrega das 15 primeiras moradias em AGOSTO DESTE ANO.

Peça informações a:

T U R V A L B O

Av. da Liberdade, 124 - 1.º, Dt.º — Tel. 32 67 73

hoje

«O Mundo Secreto de John Monroe»

I PROGRAMA

19.00 **TV Infantil** — «O Diário das Fábulas».
19.05 **TV Juvenil** — Juventude no Mundo: Espeleologia e a Reserva de Han-Leste.
19.25 **Cinema — Ano I** — programa apresentado por Alfredo Tropa.
19.55 **Vamos Jogar no Totobola.**
20.00 **Inventário Musical** — um programa de Francisco d'Orey.
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro.
21.20 **Teatro** — «Juan Palmieri» de António Larreta na tradução de Teresa Paulo. Encenação de Rogério Paulo. Realização de Bento Pinto da França. Intérpretes: Carmen Dolores, Rui de Carvalho, Madalena Soto, Ermelinda Duarte, Morais e Castro, Luís Cerqueira, Rogério Paulo, Vítor de Sousa, Helena Félix, Mário Pereira e Maria do Céu Guerra. (No intervalo: **Boletim Meteorológico**).
23.15 **Telejornal** — 3.ª edição.
23.25 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«O Mundo Secreto de John Monroe»** — série filmada.
20.25 **Desenhos animados** — «Bozo, o Palhaço».
20.35 **Encontro** — entrevista com E.M. de Melo e Castro.

Para dialogar com Melo e Castro «Encontro» conta com a colaboração do realizador cinematográfico e crítico de arte, Ernesto de Sousa. Um dos caminhos desse diálogo: a espantosa explosão de visualismo acontecida em todas as ruas e caminhos após o «25 de Abril».

21.00 **«Os Rivais de Sherlock Holmes»** — série policial.
21.50 **Concerto.**
22.15 **Expedição.**
22.40 **Telejornal** — 2.ª edição. Em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no 1.º programa.
23.15 Fecho.

amanhã

I PROGRAMA — **1.º Período** — **12.45**: Abertura e desenhos animados; **12.55**: Retrospectiva — revista desportiva dos acontecimentos nacionais e internacionais; **13.10**: Da Saúde e da Vida; **13.30**: Telejornal (1.ª edição); **13.45**: «Os Novos Robinsons» (12.º episódio), com Fred Haltiner, Don Barkman, John Bowman e Allan Cinis; **14.10**: Logo à Noite — cartaz dos programas da noite; **14.20**: Ciclo Preparatório TV.
2.º Período — **19.00**: TV infantil — «Diário das Fábulas» **19.05**: «No País da Fantasia»; **19.30**: TV Palco — panorâmica teatral, coordenação e apresentação de Igrejas Caeiro; **20.00**: TV Rural — programa apresentado pelo eng. Sousa Veloso; **20.30**: Telejornal (2.ª edição), noticiário do País e do estrangeiro; **21.55**: O Tempo; **22.04**: Estúdio Aberto — um programa musical com Manuel Freire; **22.30**: «O Piano» (2.º episódio), série baseada num romance de Julius Tinzmann; **23.15**: Telejornal (3.ª edição); **23.25**: fecho.

II PROGRAMA — **20.00**: Abertura e «Os Novos Robinsons»; **20.25**: Desenhos animados; **20.40**: Da Saúde e da Vida; **20.55**: Sabe quem foi Nicolau Nazoni? — um programa apresentado e realizado por Ruy Ferrão; **21.40**: «Terras Bravias» — série do Oeste, com Glen Ford; **22.30**: Telejornal (2.ª edição) — em diferido a edição das 9.30 transmitida no 1.º programa; **23.30**: fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

Crítica de Cinema

Por LAURO ANTÓNIO

SEMANA DE CINEMA CUBANO-2

Por detrás de "Los Dias del Água"

MIRIAM MAKEBA — de Juan Carlos Tabio

Miriam Makeba, média metragem a cores, de Juan Carlos Tabió (entre vários outros nomes que surgem no genérico e que seguramente chefiaram as diversas equipas de filmagem que operaram em locais e tempos diferentes), documenta a estadia em Cuba de Miriam Makeba, cantora africana que aí se deslocou a convite de Fidel Castro, dadas as suas afinidades com os movimentos de Libertação de variados povos da África Negra, particularmente a África do Sul. O filme resulta uma reportagem viva e completa, não só do percurso de Makeba por terras cubanas, como também o retrato de uma personalidade. Aí se podem ver os encontros de Miriam Makeba com elementos de alguns conjuntos musicais cubanos, como «Los Munequitos», um grupo de Guaguancó, o Grupo de Experimentação Sonora do ICAIC, o de Pablo Milanés, entre outros. Finalmente, e depois de uma visita a Moncada, berço da Revolução, o filme de Juan Carlos Tabió testemunha a actuação de Miriam Makeba no **Teatro Amadeo Roldan**, com a presença de Fidel Castro.

LOS DIAS DEL ÁGUA — de Manuel Octávio Gomez

Los Dias del Água ficará certamente como um dos mais belos filmes produzidos nos últimos anos na República Socialista de Cuba. Trata-se de uma obra que se inscreve inteligentemente numa estética «tropicalista» que teve origem no Brasil (Glauber Rocha, Joaquim Pedro de Andrade, Rui Guerra...) e que daí irradiou para vários países da América do Sul. No tempo de Allende, no Chille, por exemplo Miguel Littin (A Terra Prometida) influenciou-se igualmente neste movimento que vai buscar as suas fontes de inspiração ao folclore nacional, incorporando nas suas obras descrições da época dos acontecimentos narrados, canções e trajos, cores e costumes, ritos e usos. Tudo isto arquitectado segundo um processo descritivo de grande invenção visual e sonora, onde a imaginação ocupa destacado lugar, onde os mitos modernos podem igualmente desempenhar importante papel. Veja-se a utilização de personagens de «histórias aos quadradinhos», por exemplo. Chamados a intervir para visualizarem determinados signos de um confronto social determinado. Aliás **Los Dias del Água** é isso precisamente: uma tentativa de fabulização de um determinado acontecimento da história recente de Cuba, onde se procuram extrair lições de prática revolucionária, não através da discussão ideológica de propostas teóricas, mas da justaposição de figuras simbólicas que visualizam todo o confronto ideológico dos povos da América Latina, e não só.

Assim, a figura central de Antónia (conhecida por Antónica) Izquierdo e toda a acção que dela decorre só tem importância, na medida em que pode funcionar para clarificar a relação das forças em presença em determinado periodo da história de Cuba. A acção de **Los Dias del Água** fala-nos portanto e em princípio de uma «santa milagreira» que apareceu em Valle de Vinares, província de Pinar del Rio, no extremo ocidental de Cuba, no ano de 1936. Num meio de profundo obscurantismo e miséria, esta «santa» depressa ganhou fama de curar doentes e todos os males, unicamente **com água e com a ajuda de Deus**. Os camponeses pobres que rodeiam Antónica Izquierdo e dela fazem uma figura mítica, vêem nela a única saída para um estado de pobreza endémica e de impotência. Física e psicológicamente desarmado, este povo é presa fácil de comerciantes de nenhum escrúpulo, de jornalistas sensacionalistas, de políticos corruptos, de místicos oportunistas. É toda uma estrutura social pré-revolucionária que ali está presente. O episódio de Antónica Izquierdo funciona assim unicamente como a mola que acciona um mecanismo de desmascaramento social. Por detrás do negócio da «Santa» vão-se revelando os verdadeiros interesses em jogo. Desde os mais mesquinhos, aos mais graves, como seja o caso do dr. Alberto Navarro, político que se serve de Antónica para a sua campanha eleitoral, mas que logo que se apanha no poder tudo faz para arrasar o culto que o havia imposto (dado que, como o havia imposto a ele, a outros poderia fazer o mesmo: logo representaria uma ameaça à situação criada e que se procurava consolidar).

Antónica, por seu turno, deixa-se erguer como símbolo, desconhecendo ela própria as forças que movimentava e dela se serviam. Afinal Antónica não passa igualmente de uma camponesa que a burguesia latifundiária e o poder central erigem como imagem desviacionista da atenção das massas exploradas. As transacções comerciais invadem o terreno da «Santa», mas este é apenas o lado do jogo que permanece descoberto. Por detrás desta realidade **evidente**, outras são reveladas pela câmara vibrante e ágil de Manuel Octávio Gomez, excelentemente servida para o efeito pelo operador Jorge Herrera, que consegue excelentes tratamentos de cor (curioso será referir que esta é a primeira longa metragem cubana a cores).

Com diálogos e declaraçoes retirados de jornais da época, ou de testemunhos que presenciaram os acontecimentos, **Los Dias del Água** é assim uma colagem tumultosa e barroca de elementos de diversa origem, oscilando a escrita entre o tom documental e a estrutura de ficção, aglomerando tradições populares características de Cuba (por exemplo: o recurso ao teatro cómico cubano), tudo isto alicerçado ao longo de uma estrutura inteligentemente desenvolvida, onde o humor não deixa de estar presente e de onde a lição da revoluçãc brota como consequência lógica a todo um processo.

Um filme que diremos admirável, quer na exposição agressiva, mas lúcida, de um realidade, como no processo narrativo adoptado que filiando-se numa estética «tropicalista» (como atrás procurámos justificar), não aliena as verdadeiras raízes populares do povo cubano. Um grande filme, um grande exemplo.

Um novo grupo independente: "Feira da Ladra"

. Depois de «Os Cómicos», um novo grupo de actores independentes prepara a sua estreia. Trata-se do «Feira da Ladra», Sociedade Artística constituída por Graça Lobo, São José Lapa, Luís Óscar, Pedro d'Orey, Filipe La Féria, Mário Viegas.

O grupo apresenta-se ao Teatro Barracão, à Estrela que para o efeito foi consideravelmente melhorado. Além de um espectáculo infantil, o «Feira da Ladra» vai estrear em Portugal, numa encenação de Filipe La Féria, a peça «Eva Peron», do conhecido «cartoonista» argentino Copi de quem o «Mugicus Circus» estreou recentemente em Paris, a peça «Good-Bye, Mister Fred».

Traduzida por Mário Viegas, a peça de Copi ultrapassa o mero retrato dramático de uma personagem política para ser antes a desmontagem, em termos de sátira e de humor de mitos de que o homem se socorre, e a que se aliena, nos momento históricos em que se tornam mais prementes as suas carências.

Peça que se integra naturalmente no património do teatro contemporâneo o seu conhecimento torna-se importante para o nosso público na medida em que lhe permitirá conhecer melhor as coordenadas estéticas e políticas que o mundo atravessa.

CARLOS PORTO

HOMENAGEM A FERREIRA DE CASTRO

Por iniciativa da Câmara Municipal de Sintra, vai ser descerrada no dia 25, às 16 horas, no Largo do Vítor, na Vila Velha, uma placa com o nome do escritor Ferreira de Castro. À cerimónia assistirá, além de outras entidades, o secretário de Estado dos Assuntos Culturais.

CÉSAR OLIVEIRA FALA DE MARX E ENGELS

Hoje, às 21 e 30, na sede da Associação Portuguesa de Escritores, Rua do Loreto, 13-2.º, o historiador César Oliveira fará a leitura comentada de 21 cartas de revolucionários e políticos portugueses a Marx e a Engels, ligadas à fundação do Partido Socialista Operário Português.

Tendo em conta o interesse geral do assunto, a entrada é livre.

AMIGOS DOS PAÍSES ÁRABES

Promovido pela Associação dos Amigos dos Países Árabes, efectuam-se na Casa do Algarve, nos dias 17 e 31 do corrente, às 21 horas, dois colóquios subordinados aos temas «Relações de Portugal com o Mundo Árabe» e «Palestina, drama dos nossos tempos», respectivamente.

TEATRO MONUMENTAL
Telef. 555133

SÓ HOJE
ÚLTIMO DIA
2 SESSÕES
21 E 23 H.

DO EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO QUE CONQUISTOU O PUBLICO
UM ÊXITO TOTAL!!...
International Sexy Festival
Exclusivo da Agência Internacional Artística
6.ª-FEIRA ESTREIA NO SÁ DA BANDEIRA PORTO
Produção de Nando Milazzo
**
Interdito a menores (18) anos

CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco Borja, às Janelas Verdes.
HOJE ESTREIA
Às 22 horas
A peça
AS ESPINGARDAS DA MÃE CARRAR
de Bertolt Brecht
Não acons. a menores de 13 anos.
Não é permitida a entrada na sala depois do espectáculo ter começado

MARIA VITÓRIA
TODOS OS DIAS ÀS 20.45 E 23 H.
(Não aconselhável a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO DOS ÚLTIMOS TEMPOS!
a sensacional REVISTA
ATÉ PARECE MENTIRA!...
Uma revista livre, com: SALVADOR * FLORBELA * HENRIQUE SANTANA * LINDA SILVA * V. MENDES * JÚLIO CÉSAR
Estreia em revista de VERA MÓNICA
A atracção nacional CIDÁLIA MOREIRA
Estreia no teatro musicado de VARELA SILVA
À frente de um grande elenco
Um excelente corpo de baile
Aos domingos e feriados «Matinées» às 16 horas
Às 2.ª-feiras: Descanso

A CHAGA
CASTRO SOROMENHO
o grande escritor Português que o salazarismo perseguiu até a morte
ROMANCE DAS CRUEIS REALIDADES DO ULTRAMAR LUSITANO
um lançamento do CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO · Lisboa · Porto · Luanda

Espectáculos

JOAQUIM LETRIA: UM DEPOIMENTO LÚCIDO

O nosso camarada de Informação, Joaquim Letria, que ao longo de vários anos vincou nestas colunas todo o peso do seu prestígio e da sua capacidade profissional, concedeu à «Flama» de 10 do corrente, uma entrevista extremamente lúcida e objectiva, de que não resistimos, com a devida vénia, a trascrever determinados passos.

(...)

«Basta dizer que a televisão, neste momento, tem 1600 empregados e se alguém me perguntar para que serve esse número de empregados em relação ao que ela apresenta, sinceramente não sei. Há, de facto, o problema da reestruturação da televisão. Sabe-se já, e não é segredo, que logo a seguir ao 25 de Abril se chegou a encarar a hipótese de fechar a RTP, para encetar um profundo processo de reorganização. A ideia não avançou e a televisão acabou por ser (está a ser) uma vítima desta situação dúbia.»

(...)

«Ninguém quer tomar responsabilidades de uma linha a seguir.»

(...)

«Torna-se realmente necessário que as pessoas a nível de aparelho de Estado se deixem de considerar, cada uma por si, donos ou directores da televisão. Continua a sentir-se o tipo de pressão que existia antes do 25 de Abril. Há Ministérios que entendem que os seus problemas são muito importantes e têm que ir à televisão.

«Daí a tibieza, a confusão e o mau aspecto que apresenta a Informação da televisão. O que, diga-se, muitas vezes até desanima e dá vontade de sair porque, de facto, de maneira alguma interessa este estado de coisas para um profissional que queira trabalhar com responsabilidade.»

(...)

«Daí que a televisão tenha que dar, por vezes, actos de posse em que somente as palavras é que mudaram, porque os factos, os gestos, os abraços são exactamente iguais aos de antes de 25 de Abril.»

(...)

«Quando um secretário de Estado comunica à televisão que vai em determinado dia fazer uma declaração ao País e, depois, essa declaração ocupa dezoito minutos e é feita numa linguagem tão específica e tão técnica que ninguém a entende num País de 37 por cento de analfabetos, só se pode concluir que esse senhor está a falar para os amigos, para os técnicos, ou para aqueles perante os quais tem responsabilidades, enquanto ignora o País. Em segundo lugar, está a prestar um mau serviço à televisão. Além de estar a incomodar as pessoas, não alcança os objectivos que pretende.»

(...)

«Um dos grandes defeitos da nossa televisão é nem sequer estar a ser feita por amadores mas por simples curiosos.»

(...)

«O que interessa, e repito, é servir o povo deste País. Se os críticos fizerem isso estão a servi-lo. Embora reconheça na crítica, a maior parte das vezes, muita razão, discordo totalmente de algumas. Revelam até falta de noção das realidades, o que não posso aceitar.»

(...)

«Há de facto gente mais devotada a essas lutas partidárias do que propriamente ao trabalho do dia-a-dia. Se me perguntarem em pormenor o que se passa, não sei. Mantenho a minha posição de indivíduo politicamente independente, em relação a qqualquer dos partidos, é claro. Todo o indivíduo tem de se definir politicamente. Não se é uma couve para estar na direita e na esquerda. Posso definir-me como um indivíduo da esquerda não alinhado. Tive formação de esquerda, sempre o fui, mas nunca estive alinhado a qualquer partido.»

(...)

«O que me interessa é o Governo que está. Se tenho confiança neste Governo, tenho confiança num controlo que possa vir a fazer na Informação, desde que tenha uma política de Informação definida.»

(...)

«Se a Imprensa era má devia-se ao facto de existir o fascismo e, consequentemente, a censura. Mas a verdade é que tendo acabado o fascismo e a censura, a Imprensa continua má, se não é que eetá mesmo pior, a nível de qualidade profissional.»

A Casa da Comédia representa Brecht

. . A Casa da Comédia estreia hoje, dia 15, às 22 horas, «As Espingardas da Mãe Carrar», de Bertolt Brecht, numa tradução de Eduarda Ferreira, com música de José Manuel Osório e colaboração poética de Manuel Alegre.

. . Interpretação de Carmen Dolores, Baptista Fernandes, Josefina Silva, Jorge Vale, Ana de Sá, Álvaro Faria, José Raimond, Vieira de Almeida, Helena Heitor, Lígia Caleça, Carlos Cristo, Cristina Coutinho e José Manuel Osório. Encenação de João Lourenço. Cenário e figurinos de António Casimiro. Montagem de Luís Cipriano. Cenografia de Mário Garcia e João Teodoro. Sonoplastia de Carlos Manuel. Estudo de caracterização de Luís Matos. Assitência de palco: Guiomar Maria. Aderecista: Carlos Cristo. Luz: António Lileu Som: Olívio de Carvalho.

. . Na foto, Carmen Dolores numa cena da peça de Brecht.

Estão abertas as inscrições para o Festival de Llangollen

. De 8 a 13 de Julho próximo, realizar-se-á em Llangollen, no País de Gales, Grã-Bretanha, o Festival Anual de Música (Llangollen Eisteddfod). A este festival, em conformidade com a tradição podem concorrer, sem distinção de qualquer país grupos corais, solistas — tanto de canto como de instrumentos — e grupos de dança e canções folclóricas do país concorrente.

Os pormenores das obras a serem executadas podem ser obtidos na Sede do Instituto Britânico em Portugal — Rua Luís Fernandes, 3. Os Boletins de Inscrição, porém, devem ser pedidos directamente a «The Honorary Music Director, International Music Eisteddfod, Llangollen, North Wales, Great Britain».

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

Todos os Grupos Corais ou de Dança, concorrentes às competições corais ou de danças folclóricas, devem comunicar a sua entrada preenchendo um Boletim oficial de inscrição. Cada inscrição deve utilizar um boletim em separado. Os boletins, depois de devidamente preenchidos, devem ser enviados a «The Honorary Music Director, até 15 de Março de 1975. Os directores dos coros devem enviar dois exemplares das obras portuguesas que adoptarem ao director musical, até 30 de Abril de 1975.

Os boletins dos concorrentes solistas devem ser recebidos em Llangollen, até 15 de Abril de 1975, sendo de grande utilidade para a comissão que todos os concorrentes enviem os seus boletins de inscrição assim que tenham decidido tomar parte no Festival.

Todos os instrumentos oficiais são afinados no Tom Natural do Diapasão (La-435 ou Dó--522).

Os concorrentes, excepto os directores dos coros e acompanhadores, devem ser amadores, isto é, pessoas que não ganhem a vida pela música. Nos casos em que as idades máximas estão estipuladas, os concorrentes que tiverem atingido os 16 ou 25 anos antes do dia da competição não podem concorrer. Ninguém pode concorrer como membro de mais de um coro ou grupo, no mesmo concurso.

André Delvaux no Palácio Foz

. . O Cineclube Católico promove amanhã, dia 16, pelas 21 e 30, na Sala do Palácio Foz (aos Restauradores) uma sessão de cinema com o filme «O Homem da Cabeça Rapada» de André Delvaux.

. . Este filme foi galardoado com o Grande Prémio do Festival de Pesaro, Grande Prémio «Khalimer» do Festival do Jovem Cinema de Hyéres, seleccionado para os Festivais dos Festivais em Londres e Nova Iorque e para o Festival de Manheim (Primeiras Obras) em 1966.

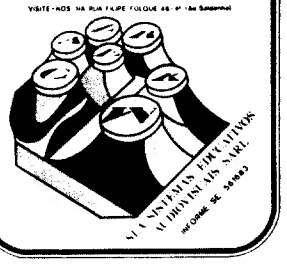
. . No final haverá um debate público orientado por um crítico de cinema.

CURSO INTENSIVO DE PALEOGRAFIA MUSICAL

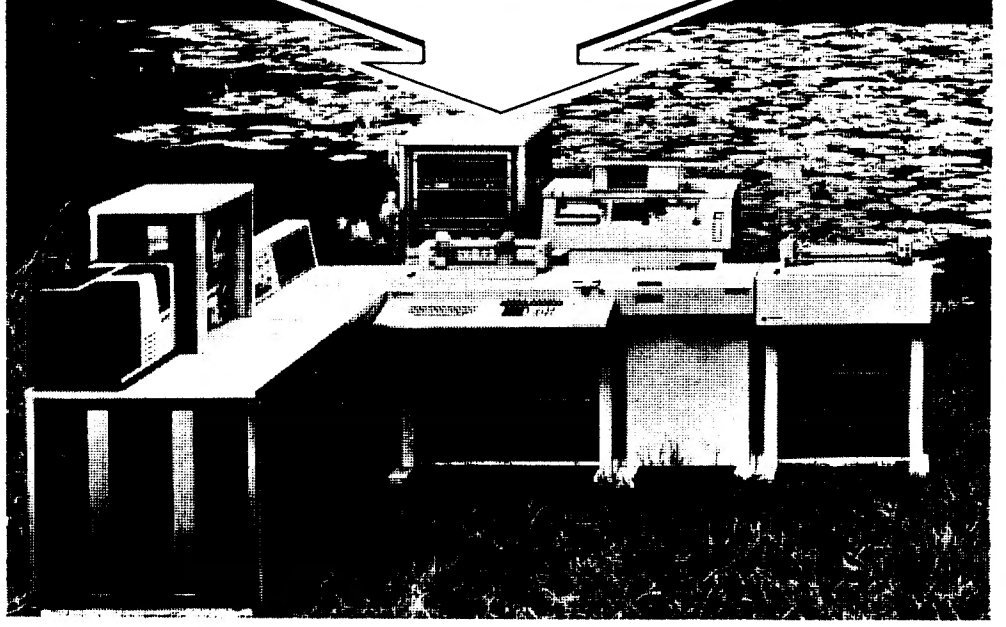
. . O Centro de Estudos Gregorianos promove na sua sede um curso intensivo de Paleografia Musical, de 31 do corrente a 9 de Fevereiro.

. . O curso será leccionado pela assistente do paleógrafo e musicólogo francês, Jacques Chailley, curso primeiramente fixado com esse mestre e que por razões imprevistas se fará representar pela mestra-assistente do Instituto de Musicologia da Sorbonne, Edith Weber.

. . A inscrição para o referido curso é feita na secretaria do Centro de Estudos Gregorianos, Campo dos Mártires da Pátria, 96, 2.º. Telef. 58228 — Lisboa.

apenas em 14 horas
aprenda dactilografia
Centro Sight and Sound
VISITE-NOS NA RUA FILIPE FOLQUE 46 — 1.º (ao Saldanha)

SISTEMAS EDUCATIVOS AUDIOVISUAIS SARL

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

AGORA, UMA NOVA DIMENSÃO EM INFORMÁTICA QUE CRESCE À MEDIDA DA SUA EMPRESA
sistema LogAbax 4000
LOGABAX INFORMÁTICA coloca ao seu serviço uma estrutura modular que permite escolher o sistema apropriado às necessidades e dimensão da sua empresa.
Este novo conceito de informática oferece a possibilidade de uma programação evoluída, sem problemas de adaptação para todo o tipo de desenvolvimento futuro.
A velocidade de impressão e de leitura, a rapidez na mudança dos programas, são também características que conferem ao sistema 4000 uma vantajosa relação performance/preço.

LogAbax 4000
Consulte o representante exclusivo
NOGUEIRA INFORMÁTICA
Electrológica e Mecanografia Aplicadas, SARL
Avenida da República 41 — Lisboa — Tel. 77 90 51/5
Rua Santos Pousada, 650, 1.º — Porto — Tel. 5 91 41

Nacional

A GIGANTESCA MANIFESTAÇÃO DE ONTEM

"QUEM TEM MEDO DO POVO?"

-perguntou o ministro do Trabalho

. — *Que melhor resposta poderiamos dar aos nossos inimigos de classe?*

. Esta frase, lançada ontem à noite das janelas do edifício do Ministério do Trabalho, para a gigantesca multidão que enchia a Praça de Londres, estendendo-se ainda pela Alameda Afonso Henriques e Av. Manuel de Maia, sinteitza realmente a importância e imponência de que se revestiu a ciclópica manifestação realizada em prol da unicidade sindical. Calcula-se em cerca de quinhentas mil as pessoas reunidas para esta manifestação e que como gritavam num dos seus muitos «slogans», viemos de vontade, não fomos pagos». Eram centenas e centenas de delegações, vindas de todos os quadrantes.

O povo português fez-se assim representar condigna e massivamente na resposta ao desafio que lhe foi feito: a unicidade sindical, ficou mais que provado, é um acto de vontade de maioria, uma atitude de inequívoca consciência de todo um povo, descontando, naturalmente, as minorias para quem a unidade — e vamos lá saber porquê — constitui um terrível papão.

UM RIO DE QUATRO QUILÓMETROS DE EXTENSÃO

A concentração para a manifestação de ontem começou a fazer-se ao fim da tarde, entre as 17 e 30 e as 19 e 30, no Largo Martim Moniz, Rossio e imediações. Eram cerca das 20 horas quando, entoando «slongans» como *«Fora com o banqueiro — controlemos o dinheiro», «A Banca é do povo», «Contra o capital — Unidade sindical» «Intersindical — Intersindical»*, etc., a imensurável massa de gente principiou a alinhar-se para iniciar a sua marcha Av. Almirante Reis acima. Com uma só voz bem uníssona, com um só coração, viam-se, entre as centenas de milhares de civis, muitos militares e marinheiros.

Também havia gente africana. Com vivas ao M.F.A., entoando *«A Portuguesa»* ou o *«Avante Camarada»* o desfile principiou encabeçado pelas seguintes delegações e nesta ordem: «Intersindical», «Uniões», Sindicatos e partidos — M.D.M., M.D.P., P.C.P. e M.E.S. Na cauda do cortejo viam-se bandeiras da L.C.I. (Liga Comunista Internacionalista), que igualmente aderira a esta atitude popular para a unicidade sindical. Um cordão de segurança perfeitamente encadeado, mantinha livre o centro da Avenida Almitante Reis por onde o desfile se realizou sem nenhuma espécie de problemas. A multidão que, por detrás do cordão de segurança e ao longo da avenida, assistia ao desfile e que se podia contar por uma centena de milhares de pessoas, não ficava toda ela indiferente, apoiando com eloquência os manifestantes e servindo-se à vontade dos seus «slogans». Também em muitas varandas e janelas dos prédios que ladeiam a faixa de rodagem, grupos cerrados de pessoas saudavam com entusiasmo a passagem do enorme cauda!. Um jovem aguardava a manifestação, um pouco acima do Largo do Intendente, com um chapéu de chuva aberto, onde tinha pintado a letras amarelas *«Queremos Unidade Sindical»*.

Aliás, o grito de *«Unidade Sindical»* era o mais repetitivo, juntamente com *«O Povo está — Com o M.F.A.»* Também um grupo de jovens da U.E.C. desceu a Av., fazendo o trajecto contrário ao da manifestação para, entoando as palavras *«Unidade»* e *«Abaixo a reacção»*, se juntar ao grosso da gigantesca coluna a meio daquela artéria. Entretanto, outras delegações sugiam dos arruamentos convergentes, aumentando a torrente.

Ao atingirmos a entrada da Praça de Londres — os jornalistas, na sua maioria, acompanhavam a cabeça da manifestação — o João Paulo Guerra, que seguia a pé ao lado do carro da Emissora Nacional, recebeu do colega que fazia a cobertura da cauda do cortejo, a informação de que ainda havia delegações a sair do Largo Martim Moniz. Levámos atrás de nós um rio de gente com quatro quilómetros de extensão, aproximadamente, tanto mais que uma outra informação posterior nos dizia que continuavam a desembocar no Martim Moniz, delegações vindas da Praça do Comércio e das ruas centrais da Baixa.

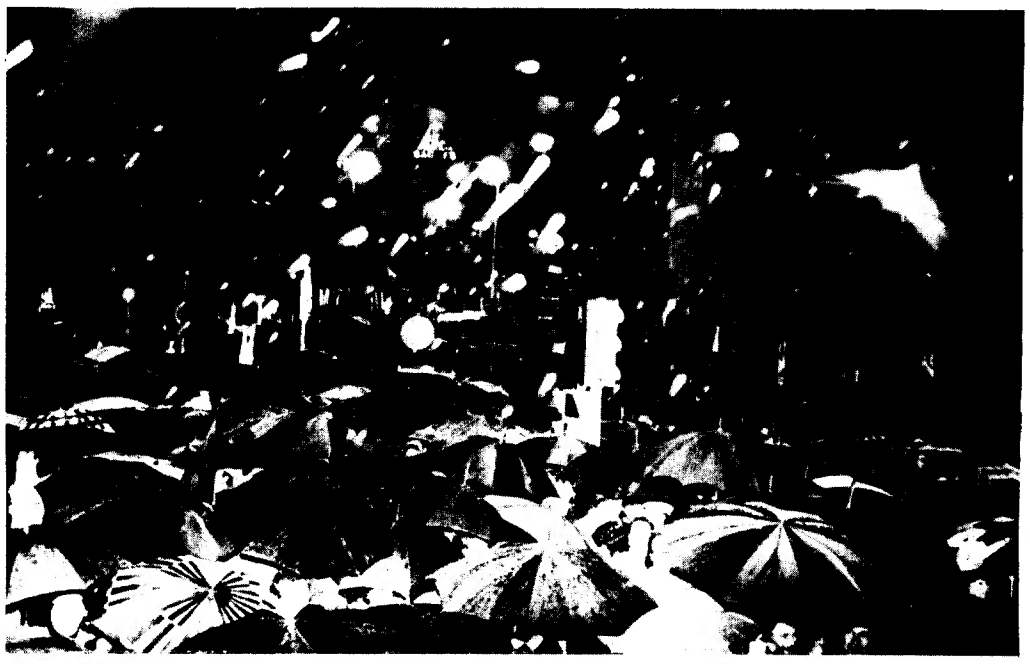
NA PRAÇA DE LONDRES

Uma multidão esperando por outra multidão, foi o que se nos deparou na Praça de Londres. Aí, sim, que o cordão de segurança teve o seu bocado de trabalho para «abrir espaço» onde se arrumasse o grosso dos manifestantes, porque o entusiasmo dos que lá estavam era tão grande como o dos que chegavam. Altifalantes espalhados por toda a Praça entoavam algumas das conhecidas «canções da resistência». Dirigimo-nos para o edifício do Ministério do Trabalho, sendo «controlados» à entrada, pois na verdade havia que dar prioridade às razões de segurança. Estralejavam foguetes.

A multidão — a que conseguiu entrar na mais que locupletada P. de Londres — não se cansava de lançar os seus «slogans». Tudo em perfeita ordem. Não houve o mais pequeno arrufo, o mínimo sinal de incoerência, nem mesmo da parte de alguns panfletistas que aproveitaram a ocasião para distribuir as suas mentirolas. Papéis que, diga-se de passagem, eram rejeitados inteiramente pela multidão que ladeava os manifestantes.

Vista do interior do edifício do Ministério, a massa de manifestantes era, realmente, impressionante. Bandeiras, rubras, rubro-negras, brancas, brancas-rubras, esvoaçavam ao vento por cima do mar de cabeças, ao lado dos dísticos das muitas delegações. O ministro do Trabalho, capitão Costa Martins, desceu à sala do 1.º andar, onde se encontravam reunidos os homens da Informação e, um por um, cumprimentou-os pessoalmente. Com o capitão Costa Martins encontravam-se o subsecretário do Trabalho Carlos Carvalhas e o inspector-geral do Trabalho, além de outros nomes de influencia no Governo e nos partidos políticos afectos à manifestação.

De resto, o ministro do Trabalho acabaria por convidar para a mesma sala dois representantes de cada Movimento político presente na manifes-



tação. Quando o capitão Costa Martins assomou a uma das janelas do edifício, houve uma explosão de vivas e de palmas, bem arrancada do fundo da alma daquelas centenas de milhares de pessoas. Era bom ouvir assim a voz do povo, clara e unida como uma só voz. Começou a chover. Num ápice, tinham chegado as 22 horas. Mas a chuva não arredou os manifestantes, apesar de cair numa bátega cerrada — apenas modificou a panorâmica da Praça, onde milhares de milhares de guarda-chuvas brilhavam como um campo de cogumelos gigantes.

Foi então um dos dois oradores da noite — o segundo seria o ministro do Trabalho — iniciou o seu discurso, que seria dezenas de vezes entrecortado pelos vivas e pelos «slogans» da multidão. Era Carlos Carvalho da Intersindical que falou para o povo, a todos os trabalhadores, da seguinte maneira:

. Ao promover esta manifestação, a Intersindical, em nome dos milhares de trabalhadores que inequivocamente representa, saúda todos os camaradas presentes e aqueles que, por diversos motivos, não podem participar nesta manifestação mas que, pelas mais variadas formas, a ela deram a sua adesão.

Saúda as organizações políticas que a esta manifestação deram o seu apoio e cujo contributo para o processo democrático em curso tem sido decisivo.

Saúda ainda o sr. ministro do Trabalho, homem do M.F.A. que tanto tem sentido os problemas dos trabalhadores.

Saúda, finalmente, o glorioso M.F.A. exprimindo a confiança que todos nós depositamos na sua capacidade de interpretar as nossas mais profundas aspirações, e cuja missão histórica assume dia a dia maior significado. — E acrescentou Carlos Carvalho: *Camaradas:*

. . Estamos hoje aqui reunidos por um motivo muito concreto, muito urgente e muito importante. Estamos hoje aqui por causa de uma questão que ameaça todo o processo revolucionário iniciado em 25 de Abril pelo M.F.A. Estamos hoje aqui por um motivo que é do nosso próprio e vital interesse.

Pós o Governo Provisório à discussão pública o Projecto de Lei Sindical para que os principais interessados sobre ele se pronunciassem. E nós somos os principais interessados, nós, os trabalhadores portugueses. E todos nós já nos pronunciámos de forma decisiva e firme sobre o que entendemos por liberdade sindical, princípio que desejamos consagrado na lei. Para nós, trabalhadores, liberdade sindical é uma expressão que, por natureza, se opõe ao pluralismo sindical. Para nós, trabalhadores, liberdade sindical significa a possibilidade de constituirmos os nossos próprios e autónomos organismos de classe que defendam os nossos interesses colectivos. Para nós, trabalhadores, liberdade sindical significa impossibilidade de divisão do movimento sindical porque nós, trabalhadores, não a queremos. Não queremos a divisão do movimento sindical porque sabemos muito bem quem está por detrás dessas manobras. Sabemos que é ao patronato, principalmente ao grande capital monopolista e latifundista, que interessa o enfraquecimento do movimento sindical através da sua divisão. Como o manifestaram pelas suas tomadas de posição públicas, os beneficiários e privilegiados da sociedade burguesa estão contra nós: querem desrespeitar a nossa vontade, menosprezam os nossos interesses, querem ser eles a decidir nas nossas costas e contra a nossa vontade. — E mais adiante, o representante da Intersindical, reafirma: — *Estamos aqui para mais uma vez afirmarmos que só a proibição legal do pluralismo sindical defende os nossos interesses, porque impede que, entre nós, outros venham semear a divisão. A experiência histórica demonstra claramente que onde a liberdade sindical é interpretada como concessão da faculdade de criar sindicatos paralelos, isso sucede por interesses estranhos a nós, trabalhadores, e é contra nós utilizado.*

Na verdade, é estratégia do imperialismo internacional esconder, sob uma linguagem liberal, os verdadeiros interesses que o movem em relação aos trabalhadores. É que enfraquecer o movimento organizado das classes trabalhadoras é permitir a manutenção e o reforço da exploração em que se baseia a sociedade dividida em classes. Não temos dúvidas de que aqueles que entre nós defendem o pluralismo sindical, se a sua tese vencesse, tentariam amanhã aproveitar-se desse facto para nos dividir, e melhor nos explorar. E é porque temos consciência disso que aqui vimos reforças a posição por nós já assumida, de exigência, de que a unidade e a unicidade sindical venham expressamente consagradas na lei.

Só a unidade sindical na lei permite a defesa consequente dos interesses de classe dos trabalhadores.

Prosseguiu assim Carlos Carvalho:

. E dissemos que esta é uma questão fundamental do processo revolucionário em curso porque ela afecta profundamente a esmagadora maioria da população portuguesa. De facto, são os trabalhadores os primeiros interessados na democratização do País. E são-no porque deles depende a referida democratização seja ou não uma autêntica democratização. Para este processo contamos com o apoio activo das forças profressistas verdadeiramente democráticas do País, que, inequivocamente, se colocam ao lado dos tr abalhadores nas fases decisivas da revolução. Para este processo contamos com a adesão do M.F.A., já expressa de forma inequívoca e com o qual contamos para, em aliança intima e cada vez mais profunda, em conjunto dar passos decisivos no sentido da criação de uma autêntica democracia em Portugal. O mesmo M.F.A. que sempre temos apoiado em todas as suas atitudes progressistas e com cujo apoio, até hoje, sempre temos contado. O mesmo M.F.A. em cujo programa revolucionário se estabelece a defesa dos interesses das classes trabalhadoras em especial das suas camadas mais desfavorecidas.

O comunicado lido ontem na RTP pela Comissão Coordenadora do Programa do M.F.A. constitui uma identificação clara com o desejo expresso pelos trabalhadores de que a unicidade sindical fique consagrada na lei. — E a terminar, disse ainda o representante da Intersindical: — *Confiantes nas Forças Armadas, lutamos pelo reforço da aliança entre os trabalhadores todos unidos e o M.F.A. e para cimentar cada vez mais esta união vamos:*

. — lutar pela nacionalização da Banca e das companhias de seguros;

. — lutar pela nacionalização das indústrias de base e de transportes;

. — lutar pela libertação da terra das mãos opressoras dos latifundiários e sua entrega a quem a trabalha;

. — lutar pela intervenção do Estado nos circuitos de distribuição;

. — lutar pelo controlo estatal das relações de comércio externo impedindo a fuga de divisas e evitando que se esbangem reservas necessárias em importações desnecessárias;

. — lutar pela restrição à saída de lucros;

. — lutar pela restrição à repatriação de capitais;

. — lutar pela proibição de empreendimentos estrangeiros que só visem explorar a nossa mão-de-obra ou o domínio do mercado nacional;

. — lutar por um saneamento efectivo a todos os níveis;

. — lutar contra o desemprego;

. — lutar contra os sabotadores e exploradores.

Todas estas lutas só serão possíveis e vitoriosas se conjugarmos forças em torno de uma plataforma que, alterando de facto as estruturas económicas da sociedade portuguesa, subordinando o poder económico ao poder político, e este à vontade dos trabalhadores, defenda os nossos interesses. Só assim será possível travar a inflação dos preços dos bens de primeira necessidade, inflação que anula, na prática, as conquistas salariais alcançadas após o «25 de Abril». Só assim será possível pôr fim aos despedimentos e criar mais postos de trabalho para os nossos camaradas desempregados. Só assim será possível, com realismo, lançar as bases de uma política económica, posta ao serviço do povo português. Só assim será possível construir a democracia. Só assim será possível definitivamente cortar a cabeça ao fascismo.

Carlos Carvalho finalizou o seu discurso com vivas repetidos, logo entoados pela multidão, ao M.F.A., à classe trabalhadora e à Intersindical.

AS PALAVRAS DO MINISTRO

Falou então o capitão Costa Martins, não sem antes ter escutado da gigantesca onda de manifestantes uma ovação apoteótica. Começou por dizer o ministro:

. Amigos:

. . Em primeiro lugar quero saudar a vossa presença e agradecer o vosso sincero apoio ao Ministério do Trabalho e ao M.F.A.

A reconstrução nacional, a vitalização da economia, terá de ser obra de todos.

Portugal terá de ser a expressão da vontade do seu povo conscientemente demonstrada.

Salvaguardar a vontade do povo, , garantir a vontade da maioria, quando livre e conscientemente expressa, são princípios elementares da democracia e foi para isso que se fez o «25 de Abril». Podem contar connosco. Não regateamos horas ou esforços, não regatearemos as canseiras e os sofrimentos.

O Portugal de hoje, para o bem-estar do amanhã, exige muito trabalho, sacrifícios, contrariedades, mas também muita ponderação, responsabilidade, firmeza e optimismo. — E o

Continua na pág. 18

Nacional

Livros

"A PALMA DA MÃO" de Urbano Tavares Rodrigues

A «Seara Nova» publicou agora a segunda edição, revista e corrigida do livro de Urbano Tavares Rodrigues «A Palma da Mão». Trata-se de um punhado de textos escritos antes de 25 de Abril e portanto, como diz o autor em breve prefácio, «condicionados». Alguns deles nasceram, segundo também informa Urbano, numa cela do reduto norte de Caxias, «utilizando para esse fim a mina de uma esferográfica, dissimulada à atenção do guarda, e um rolo de papel higiénico».

«A Palma da Mão» contém cerca de seis dezenas de crónicas sobre os mais diversos temas, redigidas ao correr do tempo e ao longo de um período mais ou menos longo. Escritor que, para sobreviver, exerce no dia-a-dia a profissão de jornalista, Urbano está atento à realidade e analisa-a sob uma perspectiva crítica não raro impiedosa, mas sempre serena. — *T. da L.*

BOCAGE E CALDWELL

Mais dois volumes da colecção Unibolso: «Sonetos de Bocage», com apresentação de Hernâni Cidade, e «Gretta», de Erskine Caldwell.

Em «Gretta», Caldwell procura fixar o perfil de uma jovem americana que sofre as contradições de uma sociedade de contrastes, onde as injustiças e as prepotências se fazem sentir com muita força.

CADERNOS DE DIVULGAÇÃO

Saiu o primeiro número dos Cadernos de Divulgação da Publitur: «Alguns problemas político-constitucionais», de Moura Diniz.

O autor explica que o seu trabalho, elaborado há cerca de 15 anos, faz parte de um grupo de estudos que se destinavam a ser publicados na clandestinidade ou divulgados «logo após a libertação do Povo Português».

«Estávamos convencidos e tínhamos a esperança que esse dia viria mais cedo do que chegou» — diz Moura Diniz.

«POEMAS» DE ALBERTO CAEIRO

Vão na 5.ª edição (Ática) os «Poemas» de Alberto Caeiro. Em nota explicativa escrita para a primeira edição por João Gaspar Simões e Luís de Montalvor diz-se nomeadamente:

«Dois anos, mais ou menos, antes da sua morte, Fernando Pessoa, sentindo-se profundamente doente decidira elevado por um estranho e significativo pressentimento, fazer uma primeira escolha dos seus manuscritos, separando-os por maços, e escrevendo por fora o género literário neles contido e o respectivo autor a que pertenciam.

«Esta prévia selecção dos seus originais, na sua maior parte assinados, e a atribuição deles feita pelo poeta aos seus heterónimos ou a ele mesmo Fernando Pessoa, faz-nos crer que era seu intuito manter a personalidade autoral de cada um dos heterónimos, legitimando, por forma evidente, a autoria das composições incluidas nos volumes já publicados e daqueles que venham a publicar-se.»

Exposição no Instituto Britânico

. Hoje, às 17 horas, o secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar inaugura no Instituto Britânico a exposição «A Juventude e a Comunidade — Desporto».

Expressamente organizada em Londres pelo British Council para ser apresentada nos principais centros culturais da Europa, com início em Lisboa, esta exposição é constituida por uma selecção de mais de três centenas de espécies bibliográficas, entre livros e periódicos recentemente publicados.

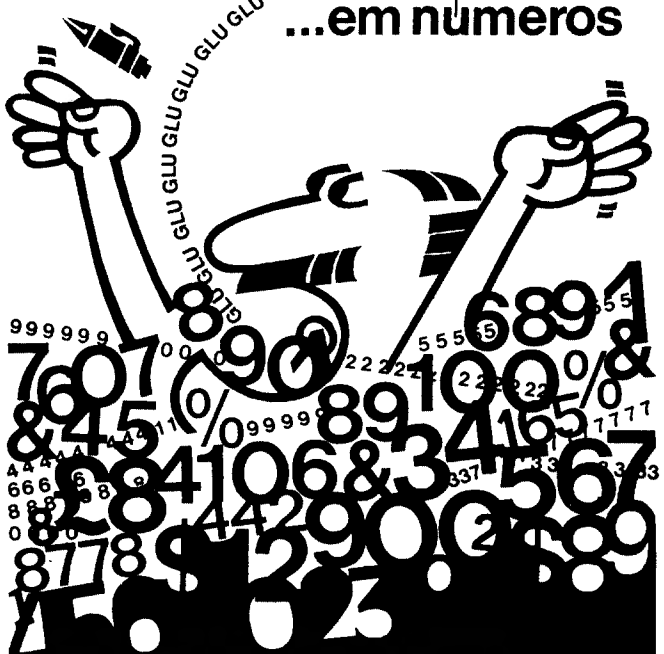
Simultâneamente, será exposta uma colecção de fotografias sobre a Universidade Aberta.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-R.D.A.

. A Associação Portugal-R.D.A. tem programado para o corrente mês de Janeiro, na sua sede, Rua Garret, 80-3.º C, as seguintes sessões dedicadas aos sócios e amigos: hoje, às 21.30 horas projecção de dois filmes da R.D.A. «Este é o nosso País» e «Tudo reside na nossa força»». dia 22 às 22 horas, sessão de esclarecimento orientada por Fernanda Lape e Blasco Hugo Fernandes; e no dia 29, às 22 horas, projecção de mais dois filmes da R.D.A., «O X Festival da Juventude — Berlim 73» e «Bom Dia Sr. Doutor!»

Todos os Dias Você se Afoga...

...em números



...DE LÁPIS ATRÁS DA ORELHA
OU COM TÁBUAS
DE LOGARITMOS NA ALGIBEIRA
ACABE COM ISSO!

A Citizen tem uma linha tão completa de Calculadoras que elimina totalmente os "riscos de afogamento" em vulgares operações aritméticas ou nos mais complexos cálculos científicos

CITIZEN
CALCULADORAS ELÉCTRICAS, ELECTRÓNICAS E DE CÁLCULO CIENTÍFICO
Peça Demonstrações e Catalogos
NOGUEIRA INFORMÁTICA
Avenida da Republica, 41 – Lisboa Tel. 77 91 51/5
Rua Santos Pousada 680, 1.º Porto Tel. 5 91 41

PLANO

NA LIBERDADE CONQUISTADA
VAMOS TODOS TRABALHAR MAIS E MELHOR
NA RECONSTRUÇÃO DE UM PORTUGAL NOVO
MAIS TRABALHO É MAIS RIQUEZA A DISTRIBUIR COM JUSTIÇA

Cm/Sistema

Reportagem

INDUSTRIAIS DE GUIMARÃES

À ESPERA DE ELEIÇÕES PARA INVESTIR

«Guimarães é Minho e diocese de Braga» — concluíram os membros da Comissão Administrativa da Câmara, a propósito dos níveis de cultura e de politização do concelho de Guimarães Perante a importância e os problemas de uma região como esta, a Comissão Administrativa, em funções desde 15 de Maio de 1974, impôs a si mesma um caminho: trabalhar em verdadeiro espírito de equipa Assim, os seus 7 elementos aceitaram à partida «que teriam iguais responsabilidades e iguais poderes» Efectivamente, assim tem acontecido e oito meses depois de empossada, a Comissão Administrativa da Câmara de Guimarães continua em pleno funcionamento

Reportagem de **JOSÉ GOMES BANDEIRA**

Logo a seguir às cidades do Porto e Lisboa e a quatro dos concelhos que as rodeiam (Gaia, Sintra, Oeiras e Loures), Guimarães é o concelho mais populoso do País: cerca de 125 mil habitantes repartidos por nada menos de 74 freguesias.

Dizer-se que Guimarães fica no Minho e que faz parte da diocese de Braga não é fazer uma afirmação vazia de sentido. Qualquer dessas classificações se prende a realidades bem concretas, claramente materializadas em conhecidas e características «tradições» de toda esta região. Tradições que, se por um lado assentam no baixo nível de instrução e de cultura da grande massa do povo e na total dependência do minifúndio dentro de uma estrutura agrária doente, de que a terra e os homens se cansaram, assentam, por outro, na secular epidemia das várias aristocracias nortenhas (cujas casas e solares marcam a paisagem), no reaccionarismo estreito dos párocos e da hierarquia católica bracarense, e na conhecida «religiosidade» destas populações que é, a um tempo, consequência e suporte de um longo processo de embrutecimento, onde a inteligência foi ultrapassada por doses maciças de analfabetismo e a consciência de explorados pela esperança da «recompensa divina». É esta realidade (aliás bem mais complexa do que aquilo que as nossas palavras deixam transparecer) que está presente no espírito dos elementos da Comissão Administrativa de Guimarães quando nos dizem que ali é o «Minho e a diocese de Braga».

As declarações feitas à nossa reportagem, sobre os vários problemas com que a Comissão Administrativa se debate neste momento, permitem traçar um breve quadro da situação do concelho.

Antes de mais deve salientar-se que os seus sete elementos têm conhecimento concreto da realidade que os cerca, quer ao nível da cidade quer das freguesias e sabem que não está nas suas mãos a transformação das estruturas sociais em que se movem os 125 mil habitantes do concelho. Mas alguma coisa depende de efectivamente de si e, portanto, consideram fundamental o seu processo de trabalho: «Esta comissão apareceu para funcionar como órgão colegial, tendo os seus membros aceitado que teriam iguais responsabilidades e iguais poderes, sem distinguir que era da competência exclusiva do seu presidente e os que eram da competência da Comissão como tal.»

O Decreto-Lei n.º 236/74, de 3 de Junho, assinado por Palma Carlos e Magalhães Mota veio repetir o velho código administrativo quanto à competência dos presidentes dos corpos administrativos.

Mas isso não afectou a colegialidade plena da Comissão Administrativa de Guimarães, cuja responsabilidade comum dos 7 elementos se pode considerar no plano do seu trabalho como verdadeiramente solidária: formalmente não se levanta o problema da recusa de responsabilidade por parte do presidente, quanto a uma decisão tomada em bloco. E é efectivamente a este nível que as decisões são tomadas. Pode pois dizer-se que em Guimarães os problemas de um concelho de 125 mil habitantes, na parte que à Comissão Administrativa cabe resolver, estão acima dos jogos partidários e das aspirações eleitoralistas.

E isso é tanto mais importante quanto é certo que ninguém ainda conseguiu provar que esses jogos partidários e essas aspirações eleitoralistas, com os ódios (e as energias) voltados para o próximo mês de Março, tragam mais vantagem ao povo deste País do que a possibilidade de construção e o apoio à imaginação que decorrem do campo aberto e estimulante que é ainda o Movimento e o Programa das Forças Armadas, cuja dinâmica e cuja riqueza apesar das suas contradições próprias não poderão deixar de sofrer uma travagem pela institucionalização de linhas e divisões partidárias apoiadas no voto. Ao contrário do espectáculo que nos é dado, por exemplo, pela Câmara do Porto, a Comissão Administrativa de Guimarães continua a mostrar-se global e solidariamente voltada para as realidades do concelho que caem no âmbito das suas atribuições.

ALDEIAS ISOLADAS

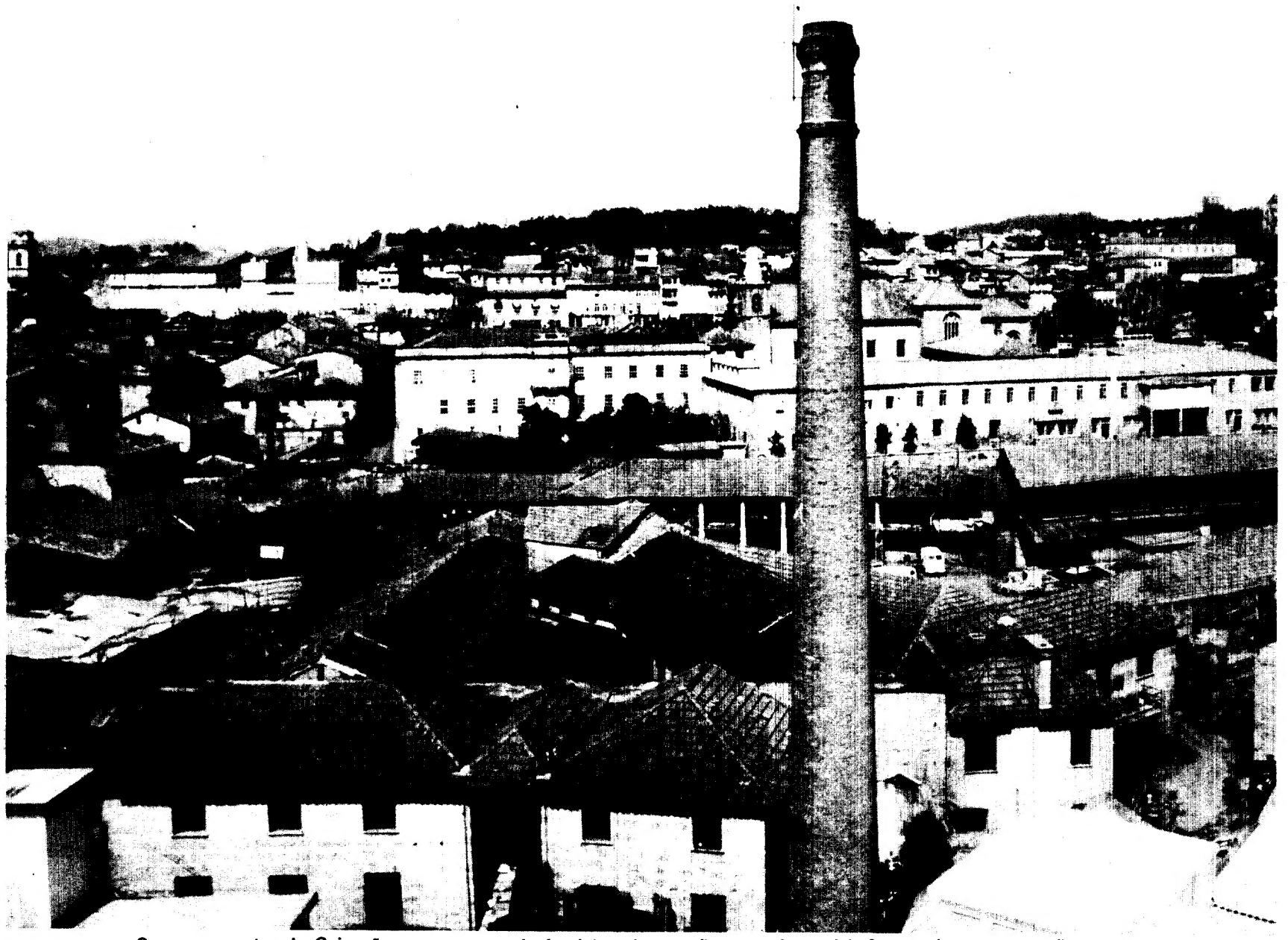
Ao nível da cidade e das freguesias, Guimarães não faz excepção a outras zonas do País: habitação, comunicações, edifícios escolares, actividade cultural, saneamento e clero católico, são algumas questões carecidas de grande atenção. Acrescem as dificuldades financeiras da Câmara, agravadas pela herança da corrupção fascista. Um caso de esbanjamento dos dinheiros públicos foi há pouco relatado no «Notícias de Guimarães», onde se lia: «Só em 1973, as despesas da Câmara com as visitas do Presidente do Brasil, duque de Edimburgo, Américo Tomás e outras figuras do regime — e compreendendo apenas refeições, ornamentações e ofertas — ultrapassaram os 555 contos, dos quais mais de 500 ficaram à responsabilidade da actual Comissão Administrativa».

Entretanto, a cidade debatia-se (e debate-se) com graves problemas de habitação, higiene e saneamento, sobretudo nas zonas mais antigas, onde a água das chuvas inunda ruas, os riachos imundos correm a descoberto, e as casas velhas onde vivem centenas de pessoas não possuem esgotos. Diz a Comissão Administrativa: «As condições sanitárias nestas zonas da cidade e em muitas freguesias rurais são francamente más. Procedemos já a estudos e concluímos que serão precisos 150 mil contos para o saneamento da cidade e 60 mil para arranjo e pavimentação de algumas zonas rurais».

(...) «As aldeias foram-nos deixadas em situações aflitivas. Muitas estão isoladas por falta de estrada, nem um médico lá pode ir. Cerca de 90 por cento das aldeias não dispõem de iluminação pública (embora estejam quase todas electrificadas) e a poucos quilómetros da cidade os homens e as mulheres que trabalham nas fábricas fazem o percurso às 5 da manhã ou às 11 da noite, por maus caminhos sem uma única lâmpada.

Estes problemas, também já estudados por nós, agravam-se pela falta de transportes. Os transportes colectivos da cidade, em regime de concessão, até dão lucro, o que não é vulgar, mas não se estendem a zonas onde são necessários, o que nem sempre se explica por falta de vias de comunicação. A Comissão Administrativa afirmou-nos ainda: «Pela nossa parte temos a responsabilidade de proceder aos estudos necessários e distribuir as verbas segundo prioridades justas de acordo com os problemas das populações. Mas temos também consciência de que as tarefas são muitas e difíceis. Muitas das soluções ultrapassam as nossas possibilidades e só podem ser encaradas a partir de um projecto de transformação profunda da vida do concelho e do próprio País. Nós somos apenas uma Comissão Administrativa de um Município, funcionando dentro de uma determinada legalidade.

Continua na pág. 11



Quase no centro de Guimarães, um amontoado insalubre duma velha zona industrial. As condições de trabalho de gerações de operários são também uma «tradição» destas terras...

Nacional

Continuação da pág. 10

Até o código administrativo é um empecilho, ata-nos as mãos com a sua estrutura centralizadora feita de tutelas e dependências».

Recordemos que eram dessas tutelas e dessas dependências que saíam os milhares de contos para prendas e jantares oferecidos a «personalidades» corruptas e aos seus convidados.

HABITAÇÃO SAÚDE E ENSINO

O concelho de Guimarães é «uma excepção num contexto excepcional» (palavras do dr. Santos Simões, num seu estudo sobre a situação materno-infantil no concelho). Significa isto que o distrito de Braga apresenta, ao nível do País, um índice já elevado de carências com reflexos nas condições de saúde e de vida em geral das populações. Pois o concelho de Guimarães ultrapassa significativamente dentro do distrito a que pertence, os vários índices de carências. Guimarães é, portanto, um concelho anormal dentro de uma região já de si anormal. Alguns números, segundo o estudo de Santos Simões, exemplificam com mais clareza: 84,9 por cento dos agregados familiares da cidade e 82,6 por cento no concelho pagam renda de casa. No concelho de Guimarães (excluindo a cidade) 95,9 por cento das habitações não estão verdadeiramente apetrechadas com cozinha, retrete e casa de banho. Na cidade, esse número é de 76 por cento (nos centros urbanos do País com mais de 10 mil habitantes, a percentagem é de 46,9 por cento). No distrito de Braga, cuja densidade populacional (241 por km quadrado — 1968), é o dobro da densidade média do País (104 habitantes por quilómetro quadrado) havia em 1960, 215 medicos: um para 2775 habitantes, situação esta que se agrava no concelho de Guimarães. A percentagem de partos não assistidos em hospital foi de 87,3 por cento, no distrito e de 85,1 por cento no concelho de Guimarães. Finalmente, dentro deste quadro tão levemente esboçado acrescente-se que o concelho de Guimarães mantém o recorde do País no capítulo da mortalidade infantil.

Num País onde os problemas da saúde são «resolvidos» a partir de clínicas privadas, para poucos e postos públicos de saúde para a esmagadora maioria, a Comissão Administrativa de Guimarães tem também algo a dizer sobre o panorama do concelho:

. «Nos nossos contactos com as freguesias verificámos que a assistência é quase nula. Por outro lado, 80 por cento das mulheres do concelho trabalham (milhares delas nas fábricas) e não há creches nem infantários. As crianças ficam fechadas em casa e entregues a vizinhos. As empresas pagam as taxas para o Socorro Social, impostas, por não construirem creches, o que lhes fica mais barato...

Por outro lado, a situação das escolas, sobretudo ao nível primário, é muito má. Segundo um inquérito feito a cem edifícios escolares, verifica-se que 54 não têm água, 35 não têm luz eléctrica, 52 não têm qualquer saneamento, 55 necessitam de urgente reparação nos telhados, portas e janelas, 66 precisam de obras nas salas de aula e a maior parte não possui, verdadeiramente, qualquer material didáctico».

SANEAMENTO: QUE SIGNIFICA?

Em Guimarães, como no resto do País, o esforço que as pessoas desenvolvem para dar uma face nova a esta terra, não esbarra apenas com problemas de saúde, de habitação e de ensino — aliás três questões que já se viu colidirem, no plano de uma verdadeira solução, com os próprios alicerces actuais da sociedade portuguesa. Efectivamente, os problemas enfrentados pela Comissão Administrativa de Guimarães têm raízes a outros níveis e que se traduzem por situações que já vêm de antes de 25 de Abril. Possuindo diversas indústrias (têxteis, confecções, cutelarias, calçado, etc.), Guimarães tem os problemas próprios de uma região industrial, multiplicados por quatro zonas distintas (Taipas, Vizela, Ronfe e Pevidem), sem deixar de ser também um concelho onde a agricultura (a nossa «agricultura») é ainda uma actividade significativa para milhares de habitantes.

Diz a Comissão Administrativa: «Com a emigração saiu muita gente, há quintas abandonadas em diversos lugares. As pessoas, sempre que podiam dar um salto para as fábricas, era como um tiro...»

. A actividade industrial é realmente significativa na região. A industria têxtil, por exemplo, ocupa umas 30 mil pessoas. O ramo das confecções acompanhou a expansão verificada na última década. Com bastante frequência — e a Comissão Administrativa falava-nos a propósito de «crises permanentes» — estas indústrias evidenciam os erros e os vícios da sua estrutura particular voltada para o lucro, que muitas vezes se traduz em boas casas de campo e de praia, em pomares e quintas, em automóveis de luxo, e na presença «social» e arrogante de certa juventude endinheirada no quotidiano. Falavam-nos em Guimarães da existência de dois automóveis de luxo, comprados antes de 25 de Abril, que os seus donos não têm grande «coragem» de utilizar diariamente... Em contrapartida, há instalações fabris, mesmo no caso de grandes empresas, que não dispõem de simples refeitórios para os trabalhadores já não falando de creches e infantários. Mas estes são realmente os problemas que nenhuma Comissão Administrativa pode enfrentar pela evidente razão de que o seu caminho não passa no território da exploracão que sustenta as sociedades capitalistas. No caso de Guimarães — como em muitos outros — a atitude daqueles que detêm ainda as fábricas e outros meios de produção não deixa dúvidas quanto às vantagens que esperam obter com estratégia eleitoralista das forças políticas de direita ou sociais-democratas. Estas palavras da Comissão Administrativa de Guimarães, não levam a outra conclusão: «Aqui, pode dizer-se que a indústria, nomeadamente têxtil, tem vivido em crises permanentes, embora de margem para a vida larga de muitos. Agora, a «crise» tem outras motivações e então o que se verifica é que os industriais efectivamente não investem. Esperam pelas eleições de Março...»

A rua e a chuva numa zona antiga da cidade

Curiosamente, não foram muitos os conflitos de trabalho nas indústrias de Guimarães desde o 25 de Abril: «Houve uma ou outra greve, sem significado especial. Apenas um caso (têxtil Sousa Abreu) de os trabalhadores ocuparem a fábrica, ainda em funcionamento, dado que a administração abandonou a empresa e tentava transferir as máquinas para outra unidade. Do que talvez se possa falar é de um receio latente, por parte das administrações das empresas, face a medidas de saneamento que possam ser tomadas pelos operários» — dizia nos alguém em Guimarães. E assim se vai esperando pelo mês de Março, num dos maiores concelhos do País...

ACÇÃO DO CLERO

Os problemas no concelho de Guimarães não passam apenas por toda esta indefinição, ao nível de questões fundamentais, à custa da qual as classes exploradoras vão ganhando tempo. Não é de mais repetir que o concelho fica na diocese de Braga. Ouçamos a Comissão Administrativa: «Temos verificado que as folhas paroquiais, muitas vezes fazendo eco das conhecidas posições do arcebispo primaz, aproveitam todas as oportunidades para fazer propaganda política contra as forças democráticas. Nunca para esclarecer o Povo. Temos inclusivamente tido necessidade de intervir junto dos párocos de algumas freguesias».

A este propósito contaram-nos vários exemplos: os padres referem-se às sessões dos partidos democráticos, dizendo ao povo da igreja: «Agora quem tiver confiança neles que vá lá ouvir...»

Em Castelões, ainda não há um mês, o pároco indicava o dia em que tinha lugar certa missa e concluia para o povo: «Venham, porque talvez seja a última missa a que vão assistir». Em Tagilde e Serzedelo, os párocos arrancaram editais de recenseamento da porta da igreja. («Não pediram ordem para afixar»). Numa outra localidade o pároco «avisava» a Comissão Administrativa de que «haveria barulho se aquela junta de fregusia tomasse posse». Quando a Comissão Administrativa lhe comunicou que se responsabilizaria pelo «barulho» que houvesse, ele deixou de fazer pressões para que uma «junta» escolhida por si fosse escolhida...

Aliás, esta questão das juntas de freguesia foi especialmente referida pelos nossos entrevistados: «O saneamento tem sido difícil sobretudo na cidade, onde os filiados da ex-ANP continuam a ocupar lugares e a residir em edifícios públicos. Mas nas freguesias, logo em fins de Maio, estávamos aptos a dar posse às novas juntas. Simplesmente, isso só nos foi permitido fazer em Dezembro. Durante esses meses as juntas de freguesia antigas cruzaram os braços, a falta de colaboração foi total. Menos de 10 por cento responderam ao nosso pedido de inventário das carências das aldeias com vista a planificar as actividades da Câmara. O nosso objectivo foi prejudicado por não estarem empossadas as novas juntas».

As coisas também demoram, como se vê em Guimarães. Demoraram as casas, as escolas, os médicos, as creches, os caminhos nas aldeias, a cultura e o alfabeto. Até o saneamento.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

(Continuação)

Informam-se os profissionais de escritório que a Assembleia Geral convocada para o dia 3/1/75, continua os seus trabalhos no dia 16 de Janeiro de 1975, pelas 21 horas, na VOZ DO OPERÁRIO — Rua Voz do Operáio, 13, em Lisboa e com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — ROSEIRAL, e outros problemas internos do Sindicato.
2 — Balanço da Acção Sindical.
3 — Orçamento para 1975.
4 — Informações.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

FINALMENTE EM PORTUGAL
TRABALHADORES PORTUGUESES

HD 25

NOVO... ENSINO...
DIFERENTE...
ESTUDO... LIVRE...

CURSOS
«AUDIO-CORRESPONDÊNCIA»

EM CASA... NO CAMPO... NA PRAIA... NO AUTOMÓVEL...

JOVENS... ADULTOS...

Todos podem obter:

★ CICLO PREPARATÓRIO
★ CURSO GERAL DOS LICEUS
★ CURSO COMPLEMENTAR
★ ADMISSÃO UNIVERSIDADE «AD HOC» PARA M/ DE 25 ANOS POSSUINDO A 4.ª CLASSE

DIFUSÃO CULTURAL HD-25

A exigência do público obrigou-nos a prorrogar o prazo das inscrições até **20 DE JANEIRO.**
Por tal, e continuando a sua DIFUSÃO CULTURAL, o HD-25 **OFERECE** a TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES, as lições escritas e cassetes, respeitantes aos meses de Outubro e Novembro/74, a quem se inscrever até à data acima mencionada.
EXTENSIVO A TODOS OS PONTOS DO MUNDO ONDE HOUVER PORTUGUESES

PEÇA JÁ INFORMAÇÕES COMPLETAS GRÁTIS E SEM COMPROMISSO

TRABALHADORES PORTUGUESES, O HD-25 ABRE-VOS AS PORTAS...

PORTO — RUA GONÇALO CRISTÓVÃO, 140 - 1.º, ESQ. — TEL. 319628
LISBOA — LARGO GENERAL JOAQUIM JOSÉ MACHADO, 3 — TEL. 781299

Nacional

Povo dá 700 contos para restaurar o Mosteiro de Grijó

PORTO, 15 O povo de Grijó, pequena freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia, com cerca de 10 mil habitantes, reuniu-se e conseguiu apurar mais de 700 contos, que se destinam a restaurar o mosteiro da sua freguesia, mais exactamente a parte afectada pelo incêndio que ali deflagrou recentemente.

Esta atitude talvez seja inédita, uma vez que sabendo o povo de Grijó que o Gabinete dos Monumentos Nacionais não podia, de momento, contribuir com os custos das despesas, decidiu, por si zelar pelos interesses da sua terra. Assim, foi organizado um peditório, pela comissão de culto daquela localidade, tendo todos contribuido com a verba ao seu alcance, incluindo uma unidade fabril, com uma participação de 200 contos.

As obras já se iniciaram e as ameaças que se previam para o Inverno deixaram de existir.

CONFERÊNCIA

A dr.ª D. Maria da Graça Andrade, directora clínica do Centro de Paralisia Cerebral da Fundação Calouste Gulbenkian, profere na sexta-feira, às 21.30, no Clube Residencial da Boavista, uma conferência sobre «Perspectivas actuais da criança com paralisia cerebral». A iniciativa é do núcleo regional do Norte da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral.

REUNIÃO DE MOTORISTAS

No dia 25 e pelas 21 horas, no restaurante Luso, os motoristas da empresa União dos Transportes dos Carvalhos (Vila Nova de Gaia) reunem-se para debaterem os seguintes temas: sindicalismo, política e trabalho.

FILMES SOBRE A R.D.A.

Na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto são projectados amanhã, pelas 17 horas, por iniciativa da U.E.C. dois filmes sobre a República Democrática Alemã.

APOIO DOS TRABALHADORES

Num encontro havido entre os trabalhadores de todos os sectores dos Serviços Municipalizados de Gás e Electricidade e o director-delegado, aqueles manifestaram ao tenente-coronel Augusto Ladeira a sua confiança.

No uso da palavra, o director-delegado anunciou aos presentes algumas das propostas que irá pôr ao conselho de administração, tais como a participação dos trabalhadores na vida da empresa, a resolução de casos de injustiça social, política e económica, o estudo de problemas de gestão, com uma comissão sindical e uma comissão consultiva, pagamento de domingos a todo o pessoal com vencimento mensal, a integração na Caixa de Cristiano de Magalhães, independentemente da data de ingresso no serviço, a concessão de diuturnidades de 500 escudos/mês, de cinco em cinco anos, o pagamento de igual salário a serventes femininos e masculinos, a concessão de subsídios ao C.A.T. para pagamento integral do mês de férias ao pessoal de serviços, a presença de dois trabalhadores no conselho de administração, etc.

OURIVESARIA ASSALTADA

A Polícia Judiciária está a averiguar um assalto levada a cabo na madrugada de ontem, cerca das 5 horas, a uma ourivesaria da Póvoa de Varzim e instalada num prédio da Rua Eng. Duarte Pacheco, pertencente ao sr. Manuel da Silva Carneiro.

O assaltante (um indivíduo aparentando cerca de 30 anos, vestindo calças cinzentas e samarra escura) com a ajuda de um pé-de-cabra estroncou, num ápice, uma das montras do estabelecimento, precisamente a que continha objectos de ouro e jóias com pedraria, apoderando-se de grande número delas, no valor de cerca de 500 contos. Depois meteu-se num carro (um Datsun de cor clara) e arrancou a grande velocidade em direcção à Praça do Almada. Na precipitação da fuga, o assaltante deixou abandonado no local do roubo o pé-de-cabra, para já a única pista de que os investigadores dispõem.

Medidas restritivas ao tráfego aéreo

Continuam a ser observadas as medidas restritivas do fluxo de tráfego, decididas pelos trabalhadores da circulação aérea do continente e que entraram em vigor no passado dia 9.

Segundo um comunicado difundido pelo secretariado da assembleia geral de delegados dos trabalhadores da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, aquela decisão visa «garantir a segurança e regularidade do mesmo tráfego e foi corajosamente assumida pelos controladores na ausência de medidas concretas, e da responsabilidade da chefia, capazes de garantirem um funcionamento adequado deste sector da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil».

E o comunicado prossegue:

«Aliás, as carências do sector de tráfego aéreo são do total conhecimento dos dirigentes e, desde há longo tempo, motivo pelo qual muito se estranha o inquérito determinado pelo secretário de Estado dos Transportes e Comunucações quanto à fundamentação das restrições impostas, tanto mais que da comissão inquiridora constam responsáveis perfeitamente conhecedores das deficiências existentes.»

O Secretariado da Assembleia Geral de Delegados dos Trabalhadores da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, declara, a terminar, entender como prioritária a adopção, naquele sentido, de «medidas eficazes para o bom funcionamento do do sector, e já preconizadas pelos trabalhadores da circulação aérea, bem como, e aqui sim, inquirir das responsabilidades que cabem a quem permitiu a degradação progressiva deste serviço».

Pequenos e médios comerciantes vão discutir os seus problemas

Dentro do mesmo espírito que presidiu à realização das conferências dos camponeses do Norte e do Sul, o Partido Comunista Português realiza esta noite, às 21 e 30, na sua sede do Porto, à Rua Aníbal Cunha, 94, um encontro de pequenos e médios comerciantes do distrito, a fim de serem discutidos os seus problemas imediatos.

Num comunicado distribuido ontem, o P. C. assinala: «Também os pequenos e médios comerciantes foram vítimas da política fascista de defesa dos monopólios comerciais e industriais e o seu desaparecimento perante a força organizada do grande capital tem sido uma realidade evidente de há uns anos a esta parte. O estrangulamento da pequena e média empresa comercial, assim como o das pequenas e médias empresas industriais e agrícolas, tem sido bastante facilitado pela falta de organização desses mesmos sectores sócio-economicos».

Defendendo a necessidade da união dos pequenos e médios comerciantes para a discussão dos seus problemas», no sentido de proporrem ao Governo Provisório as medidas adequadas e possiveis para a defesa eficaz dos seus interesses», o Partido Comunista acentua: «O domínio da banca e do crédito pelos grandes grupos monopolistas, o agravamento dos encargos e a falta das condições dignas de segurança social para todos os pequenos e médios comerciantes, tendem a agravar-se se estes, aliados, a todas camadas antimonopolistas do povo português, não se organizarem, e não pressionarem o Governo a seguir rigorosamente a estratégia antimonopolista e o Programa do M. F. A.».

A terminar, o comunicado refere que «a reunião dos pequenos e médios comerciantes do distrito do Porto no encontro promovido pelo Partido Comunista não implica qualquer compromisso partidário, mas exprime unicamente a necessidade de se proceder urgentemente a um diálogo aberto sobre os problemas imediatos, numa perspectiva de luta contra o grande capital monopolista e contra os latifundiários, os verdadeiros inimigos do Povo Português».

SANEAMENTO NO M.E.C.

Os trabalhadores do Ministério de Educação e Cultura destacados na Comissão Ministerial para o Saneamento e Reclassificação do M. E. C. emitiram um comunicado em que, face aos últimos acontecimentos relacionados com o processo de saneamento.

Apelam para que certas medidas sejam tomadas o mais rapidamente possível, de modo a permitir que o saneamento e reclassificação como acto político de defesa e sobrevivência da jovem democracia portuguesa seja levado às últimas consequências no sentido de retirar do aparelho de Estado aqueles que comprovadamente não se enquadrem, política e profissionalmente, no novo rumo que o País percorre desde 25 de Abril.

Entre as medidas que preconizam, contam-se a alteração dos Decretos-Lei 277/74 e 366/74 («legislação em que ressaltam peias burocráticas que emperram o processo de saneamento»), apoio mais eficaz à Comissão Ministerial para o Saneamento e Reclassificação por parte de determinados serviços, nomeadamente da Comissão de Extinção, bem como o alargamento do prazo limite da sua actividade, a fim de «permitir uma análise cuidadosa do vultuoso material recolhido».

Xavier de Lima saíu do País?

Da comissão de trabalhadores da Firma António Xavier de Lima, recebemos o seguinte comunicado:

«Tendo chegado ao conhecimento da comissão de trabalhadores que o sr. António Xavier de Lima abandonou o País no passado sábado, apesar de se encontrar com residência fixada pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas, num hotel de Cascais, tentou averiguar da veracidade desta notícia, pelo que contactou o referido hotel, que confirmou que este senhor deixou o estabelecimento no sábado, dia 11.

«Dirigiu-se a comissão em seguida ao Estado-Maior, perguntando se o senhor em causa havia comunicado qualquer mudança de residência, não havendo neste departamento militar conhecimento do sucedido.

«Envidou esta comissão todos os esforços, contactando as mais diversas entidades com o fim de evitar a saída do País deste senhor, pois entendem que ele deverá responder pelas diversas burlas que praticou, valendo-se sobretudo dos emigrantes que nesta empresa investiram o produto de tantos sacrifícios.

«Em quase todos os departamentos contactados se tentava abafar o assunto, pois não obstante face às provas, todos diziam não serem as pessoas indicadas para dar seguimento ao assunto.

«A ser verdade a fuga deste capitalista, depois de tanto alertar por parte da comissão de tragbalhadores, pergunta-se: *a quem cabe a responsabilidade da fuga deste senhor?*».

ENSINO MÉDICO NOS HOSPITAIS CIVIS

Os médicos dos Hospitais Civis de Lisboa, reunidos no Hospital Curry Cabral, deliberaram aprovar um voto de confiança à Comissão Instaladora dos Hospitais Civis de Lisboa para a resolução do problema levantado pela entrada de alunos do 4.º ano de Medicina, decidida pela Administração. A assembleia médica considerou a vantagem de serem retomadas as negociações sobre esta questão, observando-se os pressupostos técnicos definidos pelos integrantes das instituições hospitalares para o exercício da função docente nos H.C.L., onde, aliás, o ensino médico não se encontra institucionalizado.

RECURSOS MINEIROS: Empossados os 19 grupos de trabalho

Pelo secretário de Estado da Indústria, foram empossados os 19 grupos de trabalho constituídos no âmbito do Programa de Aproveitamento dos Recursos Mineiros.

Durante o acto, afirmou nomeadamente o secretário de Estado:

«Terá que vir a caber ao Estado a condução efectiva do melhor aproveitamento dos mais importantes dos nosso minérios. Nos casos do carvão, urânio, pirites, volframio, ferro e sienitos, está proposto que o Estado assuma a condução efectiva da exploração dos jazigos mais importantes através da maioria no capital social das respectivas empresas. Será esta a forma de conseguir uma aceleração significativa na industrialização integral destes recursos mineiros, contribuindo ao mesmo tempo para uma consciencialização do povo português para as realidades da riqueza do nosso subsolo e para a forma de as colocar efectivamente ao serviço do seu desenvolvimento. Falta-nos de facto a consciência de uma tradição mineira que reputamos condição indispensável ao sucesso de uma correcta política de desenvolvimento industrial, pois já é tempo de abandonarmos esquemas de estruturação económica alimentados por artificialismos externos ou internos que em última análise redundarão sempre em prejuízo da população, para sermos capazes de conceber fórmulas verdadeiramente alicerçadas na realidade física, geográfica e cultural do nosso país.

Os resultados do programa que agora se inicia não serão completamente visíveis senão daqui a alguns anos, mas essa é mais uma razão para não protelar este passo que julgamos de importância decisiva para o desenvolvimento do País nas próximas décadas.»

TRINDADE

F. N. A. T.

SEMANA DE CINEMA CUBANO

PROGRAMA

às 18 horas

HISTÓRIA DE UNA BATALLA

e

LOS DIAS DEL ÁGUA

—//—

Às 21,30 h.

79 PRIMAVERAS

e

LA NUEVA ESCOLA

15$00 — Preço único — Para os sócios da F. N. A. T., Sindicatos, C. A. T., C. R. P., jovens até aos 22 anos, Associações filiadas na Liga para o Intercâmbio Cultural, Social e Científico com os Povos Socialistas e Associação de Amizade Portugal-Guiné Bissau.

(Não acons. a m/ 18 anos)

Empregados de cafés e restaurantes de Faro

As negociações entre o Sindicato dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares e o respectivo Grémio, do distrito de Faro, relativas ao sector de restaurantes, cafés e similares, cairam numa situação de impasse, por desacordo das partes no que diz respeito ao subsídio de férias, subsídio de Natal e indemnização por despedimento. Em face disso, foi nomeada uma comissão técnica que se encarregou de preparar um projecto de portaria pelo qual serão regulamentadas as relações de trabalho para aquele sector.

Procurando uniformizar, a nível distrital, as condições de trabalho daquela indústria, consagrando soluções idênticas às encontradas em negociações directas entre os referidos grémios e sindicatos, para o sector dos hotéis e pensões, foi determinado que o subsídio de férias será de montante igual à remuneração correspondente ao período de férias e que o subsídio de Natal corresponderá ao salário de um mês.

O subsídio de Natal devido aos trabalhadores, no que se refere ao ano de 1974, será pago, cinquenta por cento até ao dia 18 de Janeiro e os restantes cinquenta por cento até ao dia 31 de Março.

Foi ainda criada uma comissão paritária distrital, presidida por um delegado do Ministério do Trabalho, sem direito de voto, à qual caberá a apreciação de todas as questões suscitadas pela aplicação da presente regulamentação.

"OPERAÇÃO NORTADA" Atitudes negativas da assistência numa sessão em Vila Real

No âmbito da «Operação Nortada» e segundo informação do S. I. P. F. A., realizaram-se em Vila Real quatro sessões de esclarecimento produzidas pelo Batalhão de Comandos n.º 11, no âmbito da dinamização cultural no Nordeste transmontano.

Três das sessões de esclarecimento realizaram-se à tarde. Numa delas, dedicada a estudantes do liceu, registaram-se «atitudes negativas de assistentes que procuraram sistematicamente utilizar as suas intervenções menos para serem esclarecidos do que para formularem críticas ao M. F. A., ao Governo Provisório e ao Copcon, explorando de modo tendencioso algumas das contradições da situação actual da sociedade portuguesa e deturpando iniciativas do Governo Provisório e actividade do Copcon».

Contrastando totalmente com isto, a sessão da noite decorreu dentro do espírito de compreensão e aceitação, exceptuando-se uma ou outra tentativa isolada e mal sucedida para repetir o acontecido à tarde. Os assistentes apresentaram as suas dúvidas e escutaram atentamente os esclarecimentos que lhes foram prestados. Foram postas questões sobre o saneamento, sabotagem económica, descolonização, unidade sindical — a que os militares procuraram responder de modo a que fossem eliminadas dúvidas e esclarecido, realmente, quem queria ser esclarecido.

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria, Vieira, 7

Estrangeiro

DESILUSÃO NA AMÉRICA LATINA QUANTO AOS ESTADOS UNIDOS

A lei sobre o comércio externo nos Estados Unidos, assinada a 5 de Janeiro pelo presidente Gerald Ford, volta a abrir o debate com os «Nove» e a obscurecer as relações com a U.R.S.S. Tem provocado igualmente um enorme coro de protestos.

É assim que o presidente venezuelano Carlos Andres Perez, qualificou a lei de «manifesto acto de agressão económica» e de pressão política, num telegrama dirigido ao presidente do Equador, como a Venezuela, país membro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo. A Venezuela e o Equador estariam prestes a reclamar uma reunião extraordinária do conselho permanente da Organização dos Estados americanos para denunciar a lei sobre comércio.

O Peru apoiaria esta tentativa? O presidente Velasco Alvarado exprimiu publicamente a 6 de Janeiro a sua «solidariedade com a posição justa» adoptada pelos Governos de Caracas e de Quito, a fim de salvaguardar «os seus legítimos interesses, ameaçados pelas disposições da lei sobre comércio.

Na lei sobre comércio não figura nenhuma referência expressa explícita aos países membros da O.P.E.P. No entanto, é verdade que os senadores americanos adoptaram uma série de emendas, que tendem a limitar os benefícios que a América Latina poderia esperar da baixa dos direitos alfandegários acordados pelos Estados Unidos a favor de nações em vias de desenvolvimento. Estas cláusulas visam, sem os nomear, os países exportadores de petróleo, como a Venezuela e o Equador, aqueles que «se entendem para controlar a produção de matérias-primas ou elevar o seu preço de maneira exagerada (o que pode tocar aos produtores de cobre e de bauxite), aqueles ainda que expropriam os bens e os investimentos americanos». Uma outra disposição da lei sobre comércio faz uma clara alusão à possibilidade de «represálias» se se «constataram maus resultados». O próprio presidente Ford, ao promulgar a lei, lamentou a «rigidez» de algumas das suas cláusulas, em particular das que se aplicam aos países produtores de petróleo.

No entanto esta lei não traz nada de novo. Efectivamente, a lei sobre comércio limita-se a codificar e a legitimar praticas correntes. E longa a lista dos países da América Latina submetidos nos últimos anos a pressões directas ou indirectas do Governo de Washington, preocupados em defender, por todos os meios, os «bens» e os «interesses» americanos, numa região do mundo até então considerada como uma «coutada» americana.

O último exemplo é mexicano. «Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos», a frase atribuida ao presidente Porfírio Diaz está de novo na berra. O México, que acaba de descobrir jazigos de petróleo muito importantes e muito ricos no Estado de Chiapas, desejava aderir à O.P.E.P., pelo menos como observador. Parece que os Estados Unidos, que desejam obter o petróleo mexicano ao melhor preço, exerceram fortes pressões sobre o Governo Echeverria para que ele renunciasse a essa pretensão. Tudo indica que o conseguiu.

Esta nova «vitória» de Washington agravará ainda um pouco mais o clima já muito mau das relações entre o Norte e o Sul do Hemisfério. Em Fevereiro de 1974, no México, Kissinger tinha oferecido um «novo diálogo» e uma «nova solidariedade» aos parceiros de Washington no seio da O.E.A. Actualmente os dirigentes latino-americanos, desiludidos por não ter obtido em Novembro último, na conferência de Quito, o levantamento das sanções contra Cuba denunciam agora vigorosamente o carácter ilusório das promessas americanas.

© «Le Monde»

TORRIJOS PROMETE LIBERTAR O PANAMÁ

. CIDADE DO PANAMÁ, 15 (ANI) — «O Panamá libertar-se-á da presença dos Estados Unidos na zona do canal, seja de que maneira for» — afirmou o general Omar Torrijos.

«Vamo-nos libertar de qualquer maneira, por negociações ou outra forma. Não quero deixar este problema às gerações futuras» — afirmou o chefe do Governo, que prosseguiu:

. «A juventude de amanhã vai poder contar com uma pátria livre.

«O Panamá está disposto, no caso de falharem as negociações para o novo tratado, que deve conceder ao país a soberania sobre a zona do canal, a lutar pela sua libertação.

«Se não conseguirmos um tratado que satisfaça as exigências do povo, estarei pronto a sacrificar-me ao lado desta geração para que os de amanhã vivam num país liberto».

O Panamá reclama a soberania sobre a zona do canal, onde os norte-americanos operam desde 1903, como se estivessem no seu próprio país, impondo aí as leis norte-americanas por todos os meios.

O REGIME DE SOMOZA AUMENTA A REPRESSÃO

SÃO JOSÉ (Costa Rica), 15 (ANI) — A criação de um «Conselho de Guerra Especial» na Nicarágua destina-se a aumentar a repressão contra o povo — declararam membros da oposição exilados na Costa Rica.

O regime de Anastásio Somoza anunciou a criação de um tribunal militar com os poderes de um Conselho de Guerra permanente.

Na Nicarágua, as garantias individuais foram suspensas e a lei marcial declarada depois de uma acção guerrileira da Frente Sandinista de Libertação Nacional, a 27 de Dezembro, que raptou doze personalidades do Governo e dos negócios em Manágua.

Agora, notícias oficiais provenientes da capital da Nicarágua, informam de dois embates armados com elementos da Frente nas montanhas do Norte, em que morreram dois soldados e três guerrilheiros.

Por outro lado, as forças da Guarda Nacional capturaram dois suspeitos de pertencerem à Frente, Rene Nunez e Heberto Incer Noraga, acusados de trabalharem com os centros de resistência armada ao norte de Manágua.

A tensão no país teve repercussões na América Central. Mesmo sectores conservadores da Guatemala e Costa Rica criticaram as drásticas medidas de emergência tomadas naquele país.

O diário «La Prensa Libre», da cidade de Guatemala, critica a repressão nos sectores rurais da Nicarágua.

«O clã Somoza — escreve — e a sua vasta rede de satélites amigos têm governado a Nicarágua, não como um Estado soberano e livre, mas como um feudo por eles possuído».

O jornal guatemalteco descreveu como «um golpe humilhante na arrogância de Somoza» a acção guerrilheira de 27 de Dezembro em Manágua.

Outro diário guatemalteco, «La Hora», publicou um artigo sobre uma conferência de Imprensa dada em Havana por membros da Frente Sandinista à sua chegada a Cuba, no qual incluiu a acusação feita pela organização revolucionária armada de que helicópteros manobrados por pilotos norte-americanos a partir da Zona do Canal estão a tomar parte na repressão dos guerrilheiros nas montanhas da Nicarágua.

«La Hora» referiu-se também aos laços existentes entre Gunther Warner — um funcionário da agência para o desenvolvimento internacional, através da qual o Governo dos Estados Unidos canaliza muita da sua assistência aos departamentos policiais dos países que a recebem — e um corpo paramilitar que se intitula «O Esquadrão da Morte».

Este esquadrão foi criado na Nicarágua com o objectivo de apoiar a Polícia e a Guarda Nacional nas suas actividades repressivas.

Arafat: 1975 será o ano da escalada

BEIRUTE, 15 — (FP) — Yasser Arafat declarou numa entrevista ao «Al Sayad» que o ano de 1975 será o mais grave no plano árabe e palestiniano.

O presidente da Comissão Executiva da O. L. P. acrescentou: «1975 será o ano da escalada. A resistência intensificará as suas operações militares e as suas actividades políticas, porque a escalada responde ao mesmo tempo aos imperativos da revolução palestiniana e às actuações dos seus inimigos».

COMPRE
TÍTULOS DO TESOURO
PARA A
RECONSTRUÇÃO NACIONAL

Você é fundamental para o desenvolvimento do País.
Participe!
Informe-se e subscreva títulos do tesouro.
Consulte-nos. Somos um banco de desenvolvimento.

10% ao ano
e prémio no reembolso

isento de impostos

Banco de Fomento Nacional

Estamos em todas as Capitais de Distrito do Continente, Funchal e Ponta Delgada.
No estrangeiro através dos nossos Departamentos e Correspondentes

Estrangeiro

TENTATIVA ISRAELITA DE ATAQUE A UMA VILA LIBANESA

SIDON (Sul do Líbano), 15 — (R.) — Forças judaicas tentaram, às primeiras horas de hoje, atacar Kfar Shouba, uma vila na fronteira do Sul do Líbano, e travaram uma renhida batalha com guerrilheiros palestinianos, segundo revelaram habitantes locais.

Disseram que todo o género de armas automáticas foi empregado na batalha, que durou uma hora.

Kfar Shouba, tem sido bombardeada intermitentemente pelos judeus, durante os últimos quatro dias,e tropas hebraicas atacaram a vila no Sábado e no Domingo, à noite.

Meia hora depois do combate, os judeus recomeçaram com o bombardeamento contra Kfar Shouba e as vilas de Shabaa e Ein Kinya, também no Sul do Líbano.

A estrada para Kfar Shouba foi cortada devido ao bombardeamento intermitente, tendo aparentemente por alvo o acesso norte à vila.

Ontem à noite, habitantes locais disseram que algumas vedetas navais judaicas apareceram ao largo da Costa do Sul do Líbano, disparando foguetões luminosos em direcção ao Litoral. Comunicaram ainda ter visto três helicópteros sobrevoando a área entre Tyre e Ras Naqoura.

Habitantes de Kfar Shouba, tentaram ontem ocupar o edifício governamental na localidade próxima de Marjeyoun, a fim de protestar contra o bombardeamento hebraico da sua terra. Anunciou-se que ficaram feridas nove pessoas durante os distúrbios. Os manifestantes bloquearam também a estrada para a sua vila com pneumáticos a arder.

Em Telavive foi anunciado que tropas israelitas atacaram novamente, durante a noite, a aldeia de Kfar Shouba, na região de Al Arkoub, no Sul do Líbano, que os hebraicos afirmam ser uma base de guerrilheiros palestinianos.

Um informador militar disse que as tropas israelitas demoliram diversas casas na vila, quando guerrilheiros abriram fogo contra os soldados, durante uma operação de busca.

Fontes militares disseram que o último ataque nocturno contra Kfar Shouba, perto da fronteira, estava incluido nas operações israelitas, contra o desdobramento de Fedayins na região conhecida como «Terra da Fatah», uma parte do Sul do Líbano, que se crê em Telavive estar sob o controlo militar de grupos de guerrilheiros palestinianos.

O informador militar revelou que uma unidade israelita à procura de esconderijos dos guerrilheiros na «Terra da Fatah», passara a pente fino a região de Kfar Shouba, durante a noite. As tropas demoliram várias casas, donde Fedayins dispararam contra elas.

Fontes militares revelaram que quatro soldados israelitas ficaram ligeiramente feridos durante a batalha em Kfar Shouba.

O rei Faiçal da Arábia Saudita (à esquerda na telefoto) foi calorosamente aclamado pela multidão, quando, à sua chegada a Damasco, percorreu as ruas da capital, Síria acompanhado pelo presidente Hafez Assad. (Telefoto Upi — Telimprensa).

Reabertura do canal excepto para Israel

CAIRO, 15 — (R.) — O presidente Anwar Sadat disse ontem no Cairo que o Egipto reabrirá o canal de Suez e permitirá a navegação a barcos de todos os países, com excepção de Israel.

Falando a uma delegação de juristas franceses, o presidente acrescentou que os navios israelitas não terão licença de passar pelas águas do canal «enquanto subsistir um estado de guerra entre nós e Israel».

Frisou que, para garantir a segurança da navegação no canal, Israel deveria retirar mais para leste do Sinai.

O presidente Sadat não forneceu qualquer indicação sobre uma data para a reabertura nem sobre a distância para onde os israelitas deveriam retirar.

Os trabalhos de limpeza do canal de minas, explosivos, materiais de guerra vários e navios afundados estão quase completados.

O secretário-geral da N.A.T.O. criticado pela Tass

MOSCOVO, 15 — (F.P.) — A agência Tass, acusa hoje energicamente o secretário-geral da NATO, Joseph Luns, de «ter alinhado» numa declaração feita recentemente a uma agencia de Imprensa americana, «sobre a tese de Washington preconizando a utilização eventual dos meios militares contra os paises árabes produtores de petróleo, sem prejuizo da continuação da pressão política».

A declaração de Luns é «eloquente», nota a agência, na medida em que «demonstra, uma vez mais, que os dirigentes do tipo de Luns, colocados na direcção da NATO consideram este bloqueio como um instrumento ao serviço da luta iniciada pelo maior dos países capitalistas contra os países em vias de desenvolvimento, e neste caso particular, contra os Estados árabes».

«A declaração de Luns permite afirmar, com certeza, que a NATO está a elaborar planos semelhantes aos projectos de intervencão contra países tais como a Kwait, a Arábia Saudita ou a Líbia, cujo estudo o Pentágono já iniciou.»

A agência soviética acrescenta ainda que a «maioria» dos paises da Europa ocidental deixou de ser solidária com a posição dos Estados Unidos aquando do conflito árabe-israelita de Outubro de 1973, e que actualmente, os aliados dos E. U. A. na NATO «marcam as distâncias face às ameaças americanas do emprego da força».

«O facto de Luns se sentir solidário com Washington, em tais condições, mostra que o bloco do Atlântico Norte está a ser utilizado pelos Estados Unidos como um instrumento de pressão política exercida sobre os aliados da Europa Ocidental».

24 horas no mundo

■ Foi preso na Grécia o coronel reformado Dimitri Ioannidis, que foi chefe da Polícia Militar e, a partir do golpe de Estado de Abril de 1967, o «braço» repressivo do chamado regime dos coronéis.

■ O secretário de Estado americano, Henry Kissinger, foi posto em causa pelo Tribunal Russell II, devido à sua responsabilidade pela queda do Governo de Unidade Popular do presidente chileno Salvador Allende.

■ O Governo e o povo sírios dispensaram uma calorosa recepção ao rei Faiçal da Arábia Saudita, que chegou a Damasco para uma visita oficial de quatro dias. O presidente Hafez Assad salientou por seu turno que «este encontro vem fortalecer a solidariedade» entre as duas nações do mundo árabe.

■ Comentando a chegada de uma esquadra americana no Oceano Índico, a «Pravda» afirmou que isso constitui «um acto de diplomacia de canhoneira dirigido contra os árabes» e considera-o uma ameaça de guerra, a fim de intimidar os produtores de petróleo.

■ Callaghan apresentou um relatório aos Comuns sobre a sua recente visita a sete países africanos, declarando que «a Rodésia tem de optar entre a guerra de guerrilhas e uma solução pacífica». Entretanto, num documento intitulado Declaração de Dar-es-Salam, a Comissão de Libertação da O. U. A. promete todo o apoio aos nacionalistas para libertar a África Austral de regimes minoritários.

■ François Mitterrand, dirigente do Partido Socialista Francês, recusa-se a participar em qualquer polémica com o comunista George Marchais, afirmando que isso seria fazer o jogo do actual presidente da República, Giscard d'Estaing.

■ O canal de Suez vai reabrir — afirmou o presidente Anwar Sadat. Será permitida a navegação a barcos de todos os países com excepção de Israel.

■ Numa conferência de Imprensa reunida à pressa, Henry Kissinger anunciou que a União Soviética e os Estados Unidos renunciaram ao seu acordo de comércio de 1972, devido à recusa da U. R. S. S. de aceitar as emendas propostas pelos E. U. A. Kissinger manifestou o «pesar» dos Estados Unidos.

GEORGES MARCHAIS: ATAQUE CARDÍACO

PARIS, 15 (R) — O chefe do Partido Comunista Francês, George Marchais, sofreu ontem à noite, um ataque cardíaco e encontrava-se hoje hospitalizado, segundo informaram fontes afectas ao Partido.

Segundo as mesmas fontes, Marchais, de 54 anos, adoecera pouco depois de gravar um programa para a televisão.

A secção política do Partido reuniu-se hoje em sessão para discutir a situação.

Marchais assumiu a direcção do Partido em 1969 quando Waldeck Rochet adoeceu.

O Partido é o segundo maior agrupamento comunista na Europa Ocidental e o maior partido político em França.

Comentadores políticos disseram que se Marchais ficasse muito tempo internado no hospital, um sucessor temporário poderia ser Paul Laurent, outro membro da comissão política.

O TRIBUNAL RUSSELL E O BRASIL

BRUXELAS, 15 (FP) — Os debates no «Tribunal Russel - II», que se iniciaram no sábado passado em Bruxelas, foram anteontem dedicados ao exame da situação no Brasil.

Várias testemunhas descreveram a «miséira das camadas mais desfavorecidas da população brasileira e o papel das sociedades multinacionais na exploração das riquezas naturais do país.

A ARTISTA EARTH KITT FOI VÍTIMA DA C.I.A.

LOS ANGELES, 15 (R.) — A grande artista de variedades Eartha Kitt, que recentemente se anunciou ter sido um dos 10.000 cidadãos privados americanos a ser vítima da espionagem doméstica da CIA, disse ontem que teve que passar a trabalhar no estrangeiro a maior parte do tempo por causa de ter atacado em 1968 a guerra no Vietname.

Recentemente, o «New York Times» publicou uma notícia a dizer que a administração Johnson ordenara à CIA para elaborar um relatório sobre os movimentos de miss Kitt, depois de ela ter abertamente criticado a guerra no Vietname numa recepção oferecida na Casa Branca pela mulher do então presidente, «lady» Bird.

Num artigo escrito ontem para o «Los Angeles Times», a artista diz: «Em resultado dessa mera opinião expressa em público, fui depois submetida a grande hostilidade e procuraram até ridicularizar-me em nome de um pretenso patriotismo que só pertencia aos poucos partidários da guerra em que os nossos rapazes morriam e vertiam sangue numa terra estranha e por ideais estranhos. Isto para não mencionar os muitos problemas com a minha carreira.

«Actualmente, sei por notícias vindas a lume na Imprensa, que, a acrescentar a tudo o que se passou de desagradável, a Agência Central de Serviços Secretos esteve também a meter o nariz ranhoso nos meus assuntos pessoais — pois faço parte da espionagem ilícita, levada a efeito contra outros cidadãos norte-americanos.

A fabulosa Eartha Kitt, agora com 46 anos, acrescentou: «Penso que é demasiado, muito mais do que aquilo que eu merecia ou que posso suportar. Estou decidida, no que me toca, a contribuir para pôr termo à gradual minimização da liberdade americana».

A artista disse ainda que muitas outras pessoas criticaram também na altura a guerra do Vietname, sem lhes suceder nada de desagradável, pensando que as represálias lhe foram impostas devido a ser negra.

SALDOS
DE
TAPETES
e CARPETES
QUINTÃO
30, RUA IVENS, 34

Lucinda da Costa Freire Coelho Dias

Missa do 30.º dia

Seu filho, noras e netos participam que amanhã, dia 16, pelas 19.15, na Igreja dos Anjos, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

F. N. A. T.

Equipamento de Processamento de Dados

Está aberto concurso para aquisição do equipamento indicado em epígrafe.

Os fornecedores interessados devem contactar com a Comissão Administrativa nos dias úteis das 10 às 12 horas até 24/1/75.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Geral

Orçamento da E.P.U.L.

Em reunião ordinária marcada para amanhã, quinta-feira, a Câmara Municipal de Lisboa apreciará diversas propostas, entre as quais se destaca a que submete a aprovação o orçamento ordinário da Empresa Pública de Urbanização de Libosa — E. P.U.L., que transita da última reunião pública, realizada ainda em 1974, por então não ter sido aprovada por falta de acordo dos vogais da respectiva Comissão Administrativa.

Pagamento de vales de correio

Em resposta a reparos que lhe têm sido dirigidos, os CTT, por intermédio do seu serviço de Relações Públicas, divulgaram um esclarecimento acerca do pagamento de vales de correio. De acordo com as disposições legais em vigor, este pagamento é efectuado por qualquer dos seguintes organismos: Tesouraria dos CTT em Lisboa — Rua de S. José, 16, filial do Banco de Portugal, no Porto; Agência do Banco de Portugal nos outros distritos; Tesouraria da Fazenda Pública nas sedes do concelho e outras localidades onde existam. estações urbanas de Lisboa Porto com excepção da dos Restauradores que só paga vales telegráficos e de S. José que apenas efectua pagamento fora do horário normal de funcionamento da Tesouraria dos CTT.

Os CTT fazem entretanto notar que os pagamento nas suas estações só se processam desde que nelas existam fundos suficientes para esse fim. Quanto aos vales telegráficos, atendendo ao seu caracter urgemte, poderão as estações provinciais efectuar o seu pagamento durante as horas em que a Tesouraria da Fazenda Pública está encerrada.

Técnico francês de Electricidade

Ao abrigo do Convénio de Cooperação entre o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Embaixada de França em Portugal o director do Serviço de Engenharia Civil e Mecânica, da Divisão Técnica Geral da Electricidade de França, eng. N. Beaujoint, proferiu, naquele organismo de invetigação, duas conferências sobre «Método de análise estatística dos resultados da observação».

Na sexta-feira, às 16 horas, efectua-se uma mesa-redonda sobre o mesmo tema, após o que o eng. Beaujoint se desloca ao Norte do País.

SALDOS
DE
TECIDOS
para ESTOFOS
QUINTÃO
R. Serpa Pinto, 12-A

NOVAS TAXAS DE JURO

SEM ENCARGOS FISCAIS PARA OS DEPOSITANTES

9,5% | depósitos a prazo de 1 ano e 1 dia
CONSTITUÍDOS OU RENOVADOS A PARTIR DE 21/12/74

9,5 a 10,5% | depósitos de poupança
com entregas programadas
CONSTITUÍDOS A PARTIR DE 21/12/74

Nos depósitos em vigor a actualização de taxas far-se-á na data da próxima contagem de juros

NOVAS MODALIDADES DE DEPÓSITOS

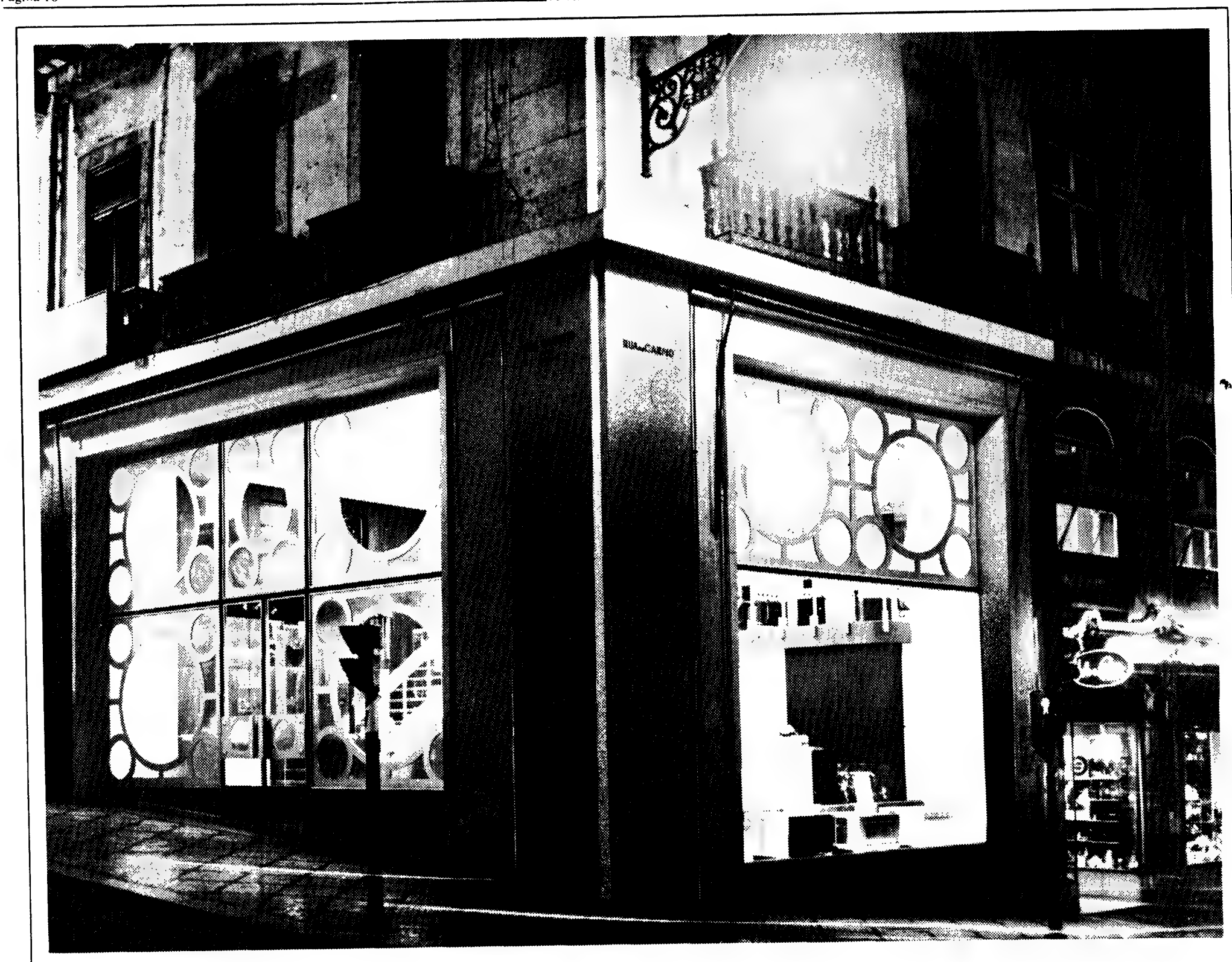
A PARTIR DE 1 DE FEVEREIRO
o Banco de Fomento Nacional passa a poder receber

8% | depósitos a prazo de 6 meses
9% | depósitos a prazo de 9 meses

DEPÓSITOS À ORDEM
APENAS PARA MUTUÁRIOS E DEPOSITANTES A PRAZO

As contas à ordem de depositantes a prazo só podem ser abertas ou acrescidas com capitais e juros vencidos em depósitos a prazo *constituídos ou renovados a partir de agora*
As contas à ordem serão movimentadas por cheque e, no caso de entidades particulares, beneficiam de taxa de juro de:
4 % — até 70 contos
2 % — no excedente

Banco de Fomento Nacional



a energia tem razões que o consumidor desconhece...

Estamos no Chiado
não para vender.
Mas para aconselhar
e defender a economia
e o conforto do seu lar.

*sugestões sobre aparelhagem, segurança e economia.
*melhoria das condições de utilização da energia ou combustível.
*exposição permanente da aparelhagem doméstica a gás e electricidade.

ECONOMIZE "PARA SI" com o serviço RUA GARRETT, 2 (CHIADO) TEL. 32 35 97

COMPANHIAS REUNIDAS
GÁS E ELECTRICIDADE

BELARTE

a energia é um bem precioso...não a desperdice

Nacional

A equivalência oficial no Curso Teológico vai ser pedida ao M.E.C.

. PORTO — Cerca de duas centenas de teólogos, padres e ex-padres, provenientes de várias regiões do País, reunidos na cripta da igreja da Cedofeita, decidiram enviar ao Ministério da Educação e Cultura uma exposição a pedir a equivalência oficial do Curso Teológico, considerando-o nomeadamente como habilitação própria à profissão docente para o 1.º e 4.º grupos do Ensino Liceal (Filosofia) e 8.º grupo do Ensino Técnico (Português). O encontro foi da iniciativa do Movimento Pró-Oficialização do Curso Teológico.

Entre as intervenções registadas, salienta-se a do padre Alberto, das Termas de S. Vicente (Penafiel) que expôs, com elevado sentido crítico, a verdadeira diminuição que era imposta aos seminaristas pelos Governos de Salazar e de Caetano. Assim, afirmou: «Com agrado da Hierarquia, generalizava-se a minimização do Curso Teológico, se usado para tudo que não fosse a obediência e reverência cegas do dia do «promittis mihi» acentuava-se para nossa vergonha que era um curso para rapazes de baixa proveniência social (filhos de operários e camponeses, pelintras e mendicantes, e, mesmo assim, passados a fio de informação), curso tirado à custa, por isso mesmo, em numerosos casos, da instituição quase oficial de «madrinhas» (uma espécie de capitalismo católico de senhoras ricas que lhes sossegava a consciência e dava monopólio do céu). Curso por estas e outras razões, tido pelas elites licenciadas do País como invasão do seu terreno... No fundo, igreja e Governo pretendiam, apenas, no seu conluio tácito e concordatário, garantir-se da matéria-prima para a conservação do seu «modus vivendi...». Havia quem não colaborasse? Então lá estavam à sua espera Albergaria das Cabras e Cabreiros, Teixeira e Teixeiró e outros Tarrafais, até porque de antemão se sabia da eficácia do castigo. A alternativa era clara: ou aquilo ou a fome (tirada a missa ao padre, ficava-lhe Canossa ou morrer aos poucos). E para casos mais graves, a G. N. R. faria milagres... Sabemos bem em que águas vogava o fascismo: eram as elites, saídas do capitalismo, quem legislava e executava no País. Sentindo o seu terreno invadido por este curso de Teologia, o curso dos servos da gleba deste feudalismo espiritual, embora intimamente reconhecendo o seu valor intrínseco, fácil lhes foi, durante meio século, legislar contra ele. Mudaram os tempos. Mudou o regime. Mudaram os homens. Podemos dar ao nosso país um contributo sério e muito válido. Queremos fazê-lo. Será também essa a forma de deixarmos de depender economicamente das decisões dos Bispos. Agora, como sempre, eles temem a nossa independência económica e verdadeiramente nunca a desejaram. O Curso de Teologia, como curso superior, será o nosso 25 de Abril, a porta aberta para uma autêntica fraternidade e um verdadeiro espírito de serviço com o nosso povo. Que o M. E. C. — sem se deixar manietar na defesa da justiça que nos assiste — nos permita ser hoje o que ontem não nos deixaram ser».

Comerciantes: integração na Caixa Nacional de Pensões

. . Uma portaria do Ministério dos Assuntos Sociais determina a fusão da Caixa de Previdência dos Comerciantes com a Caixa Nacional de Pensões, integrando os beneficiários daquela instituição nas Caixas de Previdência e Abono de Família.

. . De acordo com aquela portaria, é alargado aos comerciantes o âmbito das Caixas de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa, do Distrito do Porto e dos restantes distritos do continente e ilhas adjacentes.

. . No respectivo preâmbulo salienta-se que «os princípios informadores de um sistema integrado de segurança social, que se pretende instituir, determinam a necessidade de eliminar as distinções ainda existentes entre as diferentes categorias de profissionais, submetendo-se todas, na medida do possível, ao regime geral das caixas sindicais de previdência, sem prejuízo de ajustamentos derivados das particularidades de cada profissão».

folha oficial

Um decreto-lei do Ministério das Finanças altera para 31 de Março a data limite para aprovação das leis orgânicas do Banco de Angola, do Banco Nacional Ultramarino e do Banco de Portugal.

Foi publicado no «Diário do Governo» o decreto do Ministério do Equipamento Social e do Ambiente que extingue o Grémio dos Industriais de transportes em Automóveis (GITA), criado em 5 de Fevereiro de 1935.

Saíu no «diário do Governo» o decreto-lei que cria na Presidência do Conselho de Ministros o Secretariado Permanente do Conselho. Foi também publicado o diploma que fixa a composição dos Gabinetes dos Ministros e define a competência dos seus membros.

O pessoal da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica que presta serviço para a Comissão Nacional do Ambiente foi integrado nesta Comissão, de acordo com um decreto-lei do Ministério do Equipamento Social e do Ambiente.

Saíu no «Diário do Governo» a portaria do Conselho dos Chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas que extingue o Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa, da Região Militar de Lisboa, desde 31 de Dezembro de 1974. De acordo com a mesma portaria o Centro de Instrução de Artilharia Antiaérea e de Costa herda as tradições do R.A.A.F. que estava aquartelado em Queluz.

PRÉDIO PARA ESCRITÓRIOS

COMPRA-SE OU ALUGA-SE

LOCAL: — AV. DA LIBERDADE (ou transversais)
— AV. FONTES PEREIRA DE MELO
— AV. DA REPÚBLICA

RESPOSTA INDICANDO ÁREAS ÚTEIS DISPONÍVEIS E PREÇO, A ESTE JORNAL AO N.º 1542

SINDICATO DOS CAIXEIROS, PROFISSIONAIS EM ARMAZÉM E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 29-29-A — Telef. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA

C. C. T. INDUSTRIAIS DE TINTAS E VERNIZES

Convocam-se todos os trabalhadores deste sector para uma reunião a realizar no **dia 16, às 21.30 horas,** na sede deste Sindicato, a fim de se apreciar e aprovar o novo projecto de Contrato Colectivo de Trabalho a negociar brevemente.

Só com o apoio e mobilização de toda a classe alcançaremos novas conquistas!

COMPARECE E PARTICIPA!

Lisboa, 13 de Janeiro de 1975.

A COMISSÃO DIRECTIVA

Agora, a responsabilidade é nossa! Do nosso esforço depende a reconstrução do País! É preciso mais acção! Mais trabalho! Mais dinheiro para dinamizar e crescer! Dinheiro para construir o futuro Portugal! Compre Títulos do Tesouro para a Reconstrução Nacional! E assim vamos todos ganhar! Para si, é rendimento! O juro é de 10% ao ano! Garantido! Metade cada semestre! Isento de todos os impostos! E, a partir do terceiro ano, até oito anos no máximo, os Títulos são todos amortizados, com prémio no reembolso! Esse prémio no reembolso aumenta de ano para ano. Se os seus Títulos viverem os oito anos, o rendimento total chega a 11,5%. Compre já os seus Títulos para a Reconstrução Nacional! Quanto mais cedo melhor! Cada Título, 500$00! À venda aos balcões de qualquer instituição de crédito, pública ou privada.

Ganha Você! Todos Ganhamos!

Nacional

A GIGANTESCA MANIFESTAÇÃO DE ONTEM

Continuação da pág. 8

capitão Costa Martins, prosseguiu: — *Sou filho do povo e, por isso, não o receio e sei que sempre poderei contar com ele. É preciso avançar no processo de reconstrução nacional e para tal o plano de emergência terá de ter em conta, em todos os domínios, as classes mais desfavorecidas. E avançaremos com realismo e audácia, com confiança e trabalho.*

Quanto à questão da lei sindical já tive o ensejo de esclarecer o País relativamente a tal assunto. Na verdade, o problema já não é o da unicidade, nem sequer uma questão entre partidos, mas sim, o de respeitar-se ou não a vontade da maioria.

. A unidade de todos os sectores, a unidade do povo com o M. F. A. é fundamental para a resolução dos problemas, quer eles sejam económicos, quer sociais ou políticos. — E a terminar, frisou o ministro do Trabalho:

. Não é com palavras que construiremos o nosso futuro e o dos nossos filhos, mas com o trabalho, com a vontade de vencer todos os obstáculos, com rigor e realismo na actuação do dia-a-dia.

Para a realização de uma verdadeira justiça social três vectores são essenciais:

A unidade do Povo dos campos e das cidades com o M. F. A.

O trabalho fecundo. Uma política económica que reestruture o aparelho produtivo com vista à satisfação das reais necessidades da população portuguesa. Mais uma vez saúdo a vossa presença e agradeço a vossa verdadeira amizade e pergunto: Quem tem medo do povo? Viva a democracia. Viva a liberdade. Viva Portugal.

Os manifestantes saudaram com extraordinário entusiasmo o discurso do capitão Costa Martins. E a multidão dispersou como se manifestara: com ordem exemplar.

COMUNICAÇÃO DA INTERSINDICAL

A Intersindical enviou aos órgãos da Informação uma substancial comunicação sobre a conferência de Imprensa ontem realizada. Devido ao espaço ocupado pela reportagem sobre a manifestação, não nos é possível dar senão parte dessa comunicação:

A Intersindical, em nome de todos os trabalhadores que representa, dirige-se solenemente a todo o povo português.

A questão da Unicidade sindical na lei, é para os trabalhadores, para os antifascistas, para os democratas e para todos os portugueses, uma questão fundamental. Está em jogo, em Portugal, neste momento, a própria democracia.

Livremente, os trabalhadores querem que, na lei, seja expresso o princípio da unicidade sindical. Há, no entanto, organizações e personagens que, nas costas dos trabalhadores, querem contrariar essa vontade.

E o que será bom para os trabalhadores? Será um procedimento de acordo com a sua vontade, ou será um procedimento de acordo com a vontade desses personagens? Será o que os trabalhadores querem, ou o que querem esses personagens?

. Promoveu a Intersindical nacional, esta manhã, uma conferência de Imprensa, para a qual foram convidados os mais importantes órgãos de comunicação social.

Nessa conferência de Imprensa expôs a Intersindical nacional, em síntese, a posição dos trabalhadores portugueses face à posição sobre o assunto manifestada pelos seus inimigos, estranhos à classe trabalhadora. Dissémos então que o movimento sindical unitário independente português, de que a Intersindical é autêntica expressão, tem dado importante contributo para a situação democrática que vivemos, rechaçando todas as tentativas reaccionárias de dividir o povo do M. F. A. e dando provas de firmeza e de responsabilidade. Fê-lo antes do 25 de Abril pelas heróicas lutas pela liberdade, pela democracia e pela paz; fê-lo após o 25 de Abril apoiando o M. F. A. no processo de descolonização e intervindo decisivamente nas horas negras de Setembro quando a reacção ameaçava subverter o edifício democrático em construção.

Dissémos que o projecto de Lei Sindical em apreciação no Governo Provisório foi objecto de ampla discussão pelos trabalhadores, através das suas organizações sindicais e que dessa discussão resultou que os trabalhadores, na sua esmagadora maioria, se pronunciaram pela consagração na Lei do princípio da unicidade sindical, como forma de impedir a sua divisão.

Aqueles que são inimigos dos trabalhadores são de facto, inimigos da democratização em curso.

Dissémos que a aliança do povo com o M. F. A. é uma necessidade permanente para o avanço das conquistas democráticas e para a sua defesa. Para que esta aliança exista e seja reforçada é necessário que, face à unidade do M. F. A., os trabalhadores estejam também unidos. Qualquer tentativa para impedir que a unicidade sindical seja consagrada na Lei, é atentar contra a unidade dos trabalhadores, é atentar contra a aliança do povo com o M. F. A.

Protecção militar à TV e à Rádio

. Forças da Escola Prática de Administração Militar, do Regimento de Cavalaria 7, do Grupo de Companhias do Trem-Auto e do Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-Ferro, montaram ontem um dispositivo de guarda à Televisão e às estações de Rádio. Tratou-se de uma medida de segurança garantindo a protecção das estações e das pessoas que lá trabalham, protecção que aliás deveria ter carácter permanente.

A ARMADA E A UNICIDADE SINDICAL

. O Secretariado da Comissão Coordenadora da Armada informou-nos de que não distribuiu, nem elaborou qualquer comunicado sobre o problema da unicidade sindical. O texto publicado ontem no nosso jornal não emanou, portanto, daquele Secretariado, ao contrário do que escrevemos. Corresponde, no entanto, às posições definidas pela Comissão Coordenadora nas reuniões de esclarecimento realizadas na Armada.

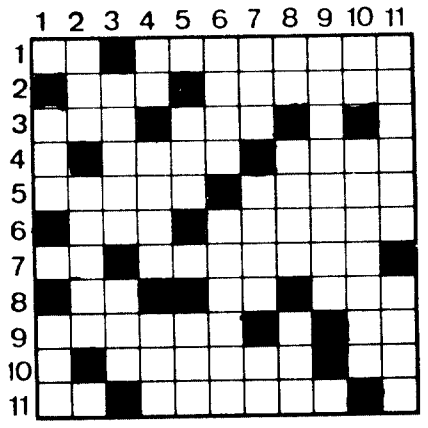
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10984

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Pranto.
2 Azáfama. Mude novamente.
3 Fecho as asas para descer mais depressa. Seguiam.
4 Largo de Lisboa. Solo.
5 Aldeia de Itália. Lugar de contenda.
6 Prefixo que designa ar. Comparas.
7 Sufixo que designa estado. Equiparem.
8 Preposição latina que designa movimento. Nota musical (inv). Consentimento.
9 Empregaram. Preposição e artigo definido.
10 Esmurrara. Samário. (S.q.)
11 Campeão. Palerma.



VERTICIAIS

1 Tempo do verbo ser. Artigo definido. Ligue.
2 Vai para fora. Curas.
3 Robusto. Contracção da preposição de com artigo definido.
4 Nota musical. Encoleriza. Lista.
5 Sufixo que designa pequenez. Abreviatura de acético.
6 Glóbulo. Acarinhar.
7 Coisa (ant). Trabalhos. Medida itinerária do Japão.
8 Prefixo de negação. Acreditar. Medida argelina usada na venda dos cereais.
9 Esposas.
10 Preposição latina que designa movimento. Astenias.
11 Fazes serão. Zombaria (fig).

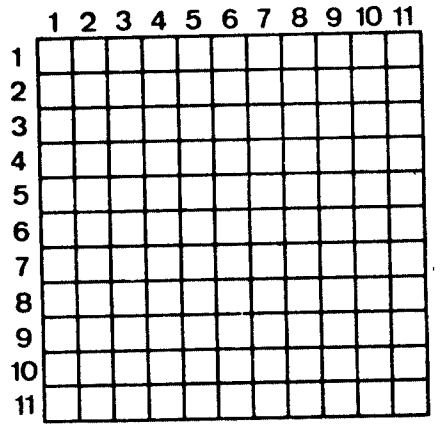
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7142

HORIZONTAIS

1 Partido (pop). Virgulas dobradas.
2 Abatera. Nota musical.
3 Ramo delgado de árvore. Fecham as asas para descer mais depressa.
4 Fileira. Aproar
5 Batráquio. Alugo. Cálcio (s.q.).
6 Rio de Itália. Miriare. Brisa.
7 Aproximaram.
8 O mais. Avivara.
9 Joeirar. Gálio. Acento.
10 Pouco abundante. O mesmo que catechu.
11 Lavras. Trituraras.



VERTICAIS:

1 Cidade da Palestina. Larva das feridas dos animais.
2 Mete em mala. Pesquisar.
3 Palmeira da Amazónia. Descascara.
4 Irmã da mãe. Tempo do verbo ir. Chefe etíope.
5 Prefixo de privação. Presiodímio. (s.q.). Aqui.
6 Arregaçam as mangas a.
7 Aparência. Mamífero pinípide do Pacífico e dos mares do sul.
8 Ilha do mar. Jónio. Antes do meio dia. Cério (s.q.).
9 Distar. Assassinar.
10 Arara. Cabelo branco. Combate.
11 Espalhariamos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10983

HORIZONTAIS

1 Um. DIA. A. Má.
2 Rue. Mor. Pés.
3 Ri. Pã. Io. NS.
4 Aturamos. Oó
5 Comerás. Ps.
6 As. Iam. Aa.
7 Doméstico
8 Mói. Soeram
9 Ataco. Cãas.
10 Ia. Olearias
11 Soaram. Asso.

VERTICAIS

1 Urraca. MAIS.
2 Muitos. Otão.
3 É. UM. DIA. A.
4 Areio. Cor.
5 Imparam. Olá.
6 Ao. Mames. Em.
7 Rios. Soca.
8 Os. Ateara.
9 Pairais.
10 MENOS. Casas
11 Asso. Tom. So.

PROVÉRBIO

UM DIA A MAIS É UM DIA A MENOS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7141

HORIZONTAIS

1 Messa. Saram.
2 Aleava. Cama.
3 Nato. Par. Ur.
4 Temeram.
5 Ás.
6 Respiravam.
7 Aceira. Atar.
8 Art. Vá. Ara.
9 Urra. Amaros.
10 Mão. Ama. Ata.
11 Amura. Rumar.

VERTICAIS

1 Mancara. Uma.
2 Ela. Secaram
3 Seta. Serrou
4 São. Apita.
5 Vã. Ir. Aa.
6 Aperravam.
7 Am. Amar.
8 Acre. Va.
9 Ra. Reataram.
10 Amua. Marota.
11 Marma. Rasar.

Ramiro Valadão: em tribunal no dia 20

. Está marcado para o próximo dia 20, às 14 horas, no Colectivo do 1.º Juízo Criminal da Boa-Hora, o início do julgamento do dr. Ramiro Valadão, figura de relevo durante o regime fascista, com actuação marcante nos sectores da Informação e da propaganda. O julgamento, no entanto, só incidirá sobre a actividade do réu como presidente do conselho de administração da RTP, funções que desempenhou desde 8 de Abril de 1969 até 25 de Abril de 1974.

De acordo com o despacho de pronúncia (um longo documento com 289 artigos), «o arguido conseguiu que a RTP lhe entregasse valores e pagasse despesas por si feitas no montante global de mais de 2500 contos (2 591 410$60, exactamente), (...) com o que se constituiu autor na forma continuada, de um crime previsto e punido nos artigos 451.º, n.º 3 e 421.º, n.º 5 do Código Penal». Nos anos de 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973 e, ainda de acordo com o despacho de pronúncia, o arguido recebeu quantias que excedem os limites previstos na lei no montante global de 2 485 643$50.

Depois de identificar o arguido, nascido a 21 de Março de 1918, o despacho de pronúncia recorda que «os estatutos da RTP não conferiam poderes nem competência administrativa específicos ao presidente do Conselho de Administração, mas somente a este Conselho em seu conjunto e como órgão colegial que é». No entanto, «cedo o arguido foi chamando a si todos os poderes de decisão dentro da empresa e, com processos autoritários, acabou por, em pouco tempo, se assenhorear, de modo praticamente total, de toda a actividade administrativa da mesma, sendo, de facto, o seu patrão único.»

. Ainda segundo o despacho de pronúncia, «tal foi possível por a nomeação dos membros dos órgãos da RTP depender da aprovação, se não da iniciativa, do Governo e, dispondo o arguido Valadão do apoio político do Governo, poder controlar o recrutamento e a permanência desses membros nos respectivos lugares.»

. Ora acontece que a RTP é uma empresa concessionária de serviço público, na qual o Estado Português é accionista, pelo que os seus corpos gerentes estavam sujeitos às disposições da lei n.º 2 105, de 6 de Junho de 1960. Assim, o arguido, como presidente do Conselho de Administração, não podia perceber nem efectivamente receber remunerações superiores às dos ministros de Estado. No entanto, e como se descreve no despacho de pronúncia, «o arguido recebeu da RTP, a título de retribuições fixas, gratificações, encargos de natureza pessoal pagas pela empresa e importâncias atribuídas para despesas de representação, quantias muito superiores aos limites estabelecidos na referida Lei 2 105.»

. Por outro lado, e para além destas quantias, o dr. Ramiro Valadão cedo adquiriu o hábito de apresentar na RTP, como sendo feitas no interesse desta, «despesas que, na verdade, se veio a apurar que eram do seu interesse exclusivo ou proveito pessoal, assim conseguindo receber, por meio desse artifício fraudulento, os respectivos quantitativos». E também levantou na tesouraria da RTP «a pretexto de despesas inerentes a deslocações e outras, várias quantias de que nunca prestou quaisquer contas e cujo montante realmente reverteu para seu exclusivo proveito.».

Uma leitura rápida do despacho de pronúncia leva-nos a concluir que o dr. Ramiro Valadão confundia diariamente os interesses da televisão com os seus próprios interesses. O argumento de que tudo o que fazia (até a compra de cigarros...) era no interesse da RTP tornou-se uma constante na sua actuação. E no interesse da RTP, Ramiro Valadão hospedava-se em hotéis de luxo (sozinho ou acompanhado), comprava flores para oferecer (27 325$00 de flores só em 1973), frequentava restaurantes de luxo, comprava bebidas e perfumes, viajava no País e no estrangeiro, pagava viagens a familiares e amigos (leia-se, também, **amigas**), mandava encadernar livros, comprava livros, apropriava-se de livros que eram oferecidos à biblioteca da RTP. Mais: era a RTP que lhe pagava as quotas de sócio do Grémio Literário e do Automóvel Club de Portugal, e dos cofres da RTP até saiu dinheiro para pagar as despesas de passaporte de uma pessoa amiga de Ramiro Valadão.

A lista é longa e não cabe nas linhas de um jornal. Mas diga-se ainda que a RTP «deu» para passeios, para comprar cigarros (15$50 de uma vez, 32$00 de outra), para comprar jóias (que Ramiro Valadão ofereceu à mulher e a uma amiga), para comprar bebidas, para pagar telefonemas feitos de sua casa, em Cascais, para falsificar facturas, a RTP deu para depositar cheques, deu para tudo.

PERFUMARIA ESPECIALIZADA
Tires Tavares
DEPOSITÁRIOS AUTORIZADOS DAS MARCAS
BAL À VERSAILLES ★ JACOMO ★ CHEQUE ZASMIN
Rua 1.º de Dezembro, 128-A — Telef. 36 81 67
PARQUE DOS RESTAURADORES A 40 METROS

Mulher

A FORÇA IGNORADA DAS COMPANHEIRAS QUE FICARAM NA SOMBRA

Por GINA DE FREITAS

..É extraordinária a tenacidade e a energia destas mulheres que após anos e anos de cadeia e de clandestinidade., algumas fisicamente débeis ou mesmo doentes, e agora continuam uma outra espécie de luta, não já na sombra mas igualmente esgotantes, sem hesitações, sem momentos de pausa nem direito a repouso. Há um ideal a conquistar que as transfigura, um acreditar na luta que lhes confere essa fibra espantosa que nos deixa mudos de espanto.

«COMECEI A GANHAR O PÃO QUE COMIA AOS 8 ANOS»

— O meu nome é só Olívia Maria. Chamam-me Sobral porque a minha mãe era Deolinda Maria Sobral. No outro tempo era assim. Quando fui presa a primeira vez eles perguntaram-me o nome por causa de ter visitas e eu disse que era Olívia Maria Sobral, mas eles disseram que não senhor, que eu era só Olívia Maria, mas como a minha mãe tinha Sobral nos papéis de casamento eu também podia assinar assim.

— Você casou com o José Carlos, o seu companheiro, há quantos anos?

— Casei há 32 anos.

— E já pertenciam ambos ao Partido?

— Não, nem um nem outro. Eu trabalhava na fábrica da cortiça em Santiago do Cacém, a minha terra. Comecei a trabalhar aos 11 anos e aos 17 é que conheci o meu marido.

— Portanto foi para a fábrica ainda pequena, com 11 anos.

— Sim, mas antes disso já eu trabalhava no campo. Comecei a ganhar o pão que comia aos oito anos, praticamente. Fui servir numa casa para cuidar de uma criança.

— Quase do seu tamanho, não?

. — A criancinha tinha para aí um anito. Havia uma ama que era a minha tia e eu era para entreter e para passear com a criança. Estive lá até aos 9 anos e depois fui embora porque ganhava só 10$00 por mês. Naquele tempo era assim. E então saí dessa casa e fui trabalhar no campo. Para a monda do trigo, apanhar favas, moitar mato, etc. e aos onze anos fui para a fábrica da cortiça.

— Qual era o ordenado nessa altura?

. — Eu ganhava à jorna, 2$50 por dia. E depois passei a ganhar o dinheiro das mulheres, que era 3$50.

— Diga-me uma coisa, Olívia, e os homens quanto ganhavam?

. — Os homens ganhavam 7$50. De maneira que trabalhei na fábrica até aos vinte e tal. Uns anos já depois de casada, visto que casei com dezanove.

— Quantos filhos tem?

— Quatro, três raparigas e um rapaz.

O TEMPO EM QUE A LUTA ERA POR MAIS MEIO TOSTÃO DE SALÁRIO

— Como aderiram vocês ao Partido Comunista?

. — Foi o seguinte: eu sempre tive uma pequena revolta contra os patrões, muito embora pensasse que era um dever deles explorarem. Isto pensava eu, porque tinha ali toda a minha gente e via que era explorada. Mas às vezes revoltava-me quando me roubavam uns quilos de cortiça, porque eu trabalhava de empreitada e depois quando iam a pesar eram mais descontos para aqui e mais descontos para além. Trabalhava ao meu lado um amigo, que ainda hoje é um amigo, o Manuel Diogo, pai da Albertina Diogo, mulher do Guilherme Carvalho, que morreu. Esse homem trabalhava ao meu lado e era um homem já feito, pai de filhos e começou a dizer-me que aqueles tipos eram uns exploradores, que aquilo tinha que acabar e também me falava muito da União Soviética. Eu não sabia ler e ele às vezes lia-me umas coisinhas às escondidas e daí ele disse: «vocês têm que ir ter com o patrão a pedir-lhe ordenados». Eu que era uma pessoa que sentia isso muito bem, às vezes combinava com as minhas colegas e íamos falar com os patrões, mas os patrões não encaravam a coisa bem.

— O que faziam eles quando vocês apareciam?

. — Ameaçavam de nos despedir. Naquele tempo não havia Caixas, nem sindicatos, nem nada. Eles despediam quando queriam e admitiam quando queriam. Então uma vez eu fui ter com o patrão que era para pedir mais meio tostão, meio tostão não era nada, mas juntando muitos já fazia alguma coisa. Ele não deu, disse que não podia e então eu disse que me ia embora. Eu felizmente era uma operária com muita prática do serviço porque tinha começado naquilo ainda pequena e trabalhava de uma maneira que eles gostavam...

— Dava-lhes rendimento, não é verdade?

. — Pois, e o tipo não tinha assim muita vontade de me despedir. Quando eles tinham os embarques eu desenvolvia ali muito trabalho, de forma que eles só na última é que me iam despedir, mas dispensavam-me por exemplo oito ou quinze dias.

— Como ameaça.

— Claro. Diziam-me para ir esses dias para casa e pronto. Está visto que eu não ficava em casa, ia trabalhar para outros lados, mas depois voltava à fábrica e assim andei uma porção de anos.

«SENDO ENCARREGADA DE UM TRABALHO TERIA QUE AGRADAR AO MEU PATRÃO E DESAGRADAR ÀS MINHAS COLEGAS»

— Mas afinal quando aderiu ao Partido?

. — Eu ia sentindo aquela exploração toda, depois comecei a crescer e aí aos meus 17 anos fui ter com o outro patrão para pedir aumento de ordenado e o tipo disse que não, que eu andava para ali feita Maria da Fonte, eu zanguei-me muito, descompu-lo, que Maria da Fonte era a mulher dele e então ele despediu-me. O tal amigo e outro do Algarve, que eu nunca mais soube dele, disseram-me que não fosse maluca, que ele tinha que me dar trabalho. Então fui ter outra vez com ele e ele deu-me trabalho. Mas ao fim de dois anos vim-me embora. E porquê? Porque ele quis-me pôr como encarregada de serviço e eu disse que não tinha dentes para morder. Eu entendia que sendo encarregada de um trabalho teria que agradar ao meu patrão e desagradar às minhas colegas. Ora eu não queria isso e despedi-me mesmo. Fui então para outra fábrica, mas como o trabalho não me agradasse, ao fim de um ano fui outra vez ter com o meu patrão e falar com as minhas colegas e voltei. Eu era uma operária que não consentia que os meus patrões me fizessem o ninho atrás da orelha e os meus amigos, que eu não sabia que eram do Partido, é que me foram sempre falando em várias coisas. Quando havia qualquer subscrição por causa de uma colega doente, eles davam-me umas rifas para vender, eu ajudava, mas sem saber mais nada. Sabia que eram bons companheiros, boas pessoas, respeitáveis. Entretanto aos 19 anos casei. Depois houve uma coisa qualquer da juventude e esses jovens foram ter com a Maria Albertina e pediram apoio na minha casa. E eu dei. Não sabia ler nem nada, sabia simplesmente desenhar o meu nome e sei que assinei esse papel. De forma que a polícia ou soube ou apanhou alguém e eu fui chamada a tribunal. Estava lá a P.I.D.E. claro. Daí para cá fiquei marcada pela polícia. Por outro lado o meu marido também lutava nas fábricas contra os patrões.

— Mas pertencia ao Partido?

. — Não. De maneira que ainda andei uns dois anos assim e depois então é que um amigo veio ter comigo. Falou-me em várias coisas, eu disse que aceitava e foi assim que entrei para o Partido. Depois um dia apareceu outro amigo lá em casa, disse que era do Partido Comunista e a partir daí é que eu e o meu marido começámos mesmo a trabalhar. Isto foi antes das eleições do Norton de Matos.

«MAIS DURO QUE A CLANDESTINIDADE É A FOME QUE O POVO PASSOU SEMPRE»

— E quanto à primeira prisão?

. — Foi em 1957. Eu devo ter ido para a clandestinidade em 53 ou 52. O meu marido trabalhava numa fábrica em que pôs o patrão em tribunal, porque ele nunca pagava horas extraordinárias. Nessa altura já havia Caixa e aquilo acabou por ser tudo selado. O patrão para se vingar mandou jogar fogo a um escritório e acusou o meu marido. O meu marido foi preso, mas só lá esteve umas horas porque se provou que estava inocente. E aí começou o desemprego, pois a mim também já ninguém me dava trabalho e tivemos mesmo que abandonar aquilo. Viemos para o Montijo, mas já trabalhando para o Partido e daqui arrancámos para outros lados, então na clandestinidade.

— Nessa altura quantos filhos tinham?

— Tínhamos três, mas levei só as duas filhas. O meu filho ficou com a minha família, porque era o mais velho e tinha que ir à escola. O meu irmão que ganhava 25$00 por dia é que sustentava aquilo tudo, coitado. A minha mãe era velhota. Ele arranjou um dívida que eu sei lá.

— Foi muito difícil a vida na clandestinidade?

. — Bastante. Tivemos muitas dificuldades. Ninguém sabe o que a gente passou. A uma, a clandestinidade foi dura porque a vigilância da P.I.D.E. era enorme, por outro lado era a vida do Partido que era pobre e não permitia dinheiro para se comer o suficiente, o dinheiro era muito pouco. A mim não me fazia diferença porque sempre fui obrigada a dominar o pouco, mas para as pessoas que viviam um pouco melhor era muito duro. As crianças comiam como nós as tratávamos noutro lado, se não podiam comer peixe era uma açorda com azeitonas e pronto. Sempre fomos habituados assim, portanto não estranhávamos. E andávamos sempre de um lado para o outro. A clandestinidade era muito mais dura nos primeiros anos do que agora para o fim. Só quem passou pela clandestinidade é que sabe a dureza e o peso que ela nos custava. Mas se a gente sentia bem o problema e o valor da luta, tudo se passa. Mais duro que a clandestinidade é a fome que o povo passou sempre.

— Mas conte-me então como se deu a primeira prisão.

— Foi assim: o meu marido foi preso perto de Beja. Saiu de casa numa sexta-feira, eu esperava por ele no sábado à noite, não apareceu sábado nem domingo e eu percebi logo. Comecei a arranjar as coisas para saltar, pois quando os amigos não aparecessem a ordem era a gente só esperar um dia. E abalei para um ponto de apoio que me estava marcado, no Algarve. E comecei a trabalhar numa fábrica de con-

Continua na pág. 22

POLÍCIA INTERNACIONAL E DE DEFESA DO ESTADO
DEPÓSITO DE PRESOS DE
CAXIAS

N.º 424/63-P.1

Roga-se que na resposta se indiquem os números e a data deste ofício.

GS/MP

POLÍCIA INTERNACIONAL
E DE DEFESA DO ESTADO

S. R.

Exmo. Senhor
Director da Polícia Internacional e de
Defesa do Estado - 1ª. Div.

LISBOA

Junto envio a V. Exª. uma participação referente à apreensão de um escrito feito pela reclusa OLIVIA MARIA SOBRAL, que se deveria destinar ás reclusas da sala 3 do 1º. andar Esquerdo do Reduto Sul deste Depósito de Presos.

A BEM DA NAÇÃO

Caxias, 9 de Outubro de 1963

O DELEGADO

Jaime Gomes da Silva
Subinsp.de policia

S. R.

Desporto

FUTEBOL DO SENEGAL POSSÍVEL EM LISBOA

Dirigentes do Benfica pretendem que se exiba no estádio da Luz, no próximo dia 28 do corrente (por ocasião da presença em Portugal do presidente Leopold Senghor) a turma de futebol (representativa do Senegal, bi-campeã do torneio que habitualmente tem a interferência da maioria das nações africanas.

Mais notícias benfiquistas: Eusébio já executa ligeiros exercícios físicos, a recuperação de Artur Jorge parece um facto enquanto que a de Jaime Graça se afigura verdadeiramente morosa e difícil. Nené anda engripado e a lesão do africano David não evolue favorávelmente.

GUIMARÃES

Em Paris, o Vitória de Guimarães venceu o Red Star, por 2-1, com golos de Jeremias e Tito. Pinto falhou um «penalty». A equipa vimaranense alinhou assim: Sousa; Ramalho, Rui Rodrigues, Torres e Alfredo; Custódio Pinto, Abreu (José Carlos) e Pedrinho (Ernesto) Romeu Jeremias e Tito.

TAÇA

Para a «Taça de Portugal» efectuam-se hoje os seguintes jogos: Torreense-Sesimbra, Lusitano de Évora, Marítimo e Lusitano de Vila Real-Peniche (todos às 20 e 30). O Marinhense-Campomaiorense realiza-se às 16 horas.

ANGOLA

O F. C. Luanda conquistou o título secundário de campeão angolano, ao vencer (por 3-0) o Sporting de Huambo.

A equipa campeã alinhou neste jogo decisivo com seis jogadores ex-juniores, em substituição dos habituais titulares, em consequência destes terem exigido o afastamento do treinador Osvaldo Cambalacho. A direcção do clube não cedeu e Cambalacho fez alinhar em substituição dos grevistas os juniores que deram magnífica conta de si, de tal modo que os «azuis e brancos» conseguiram o almejado titulo que vem a perseguir desde a época passada.

RESERVAS

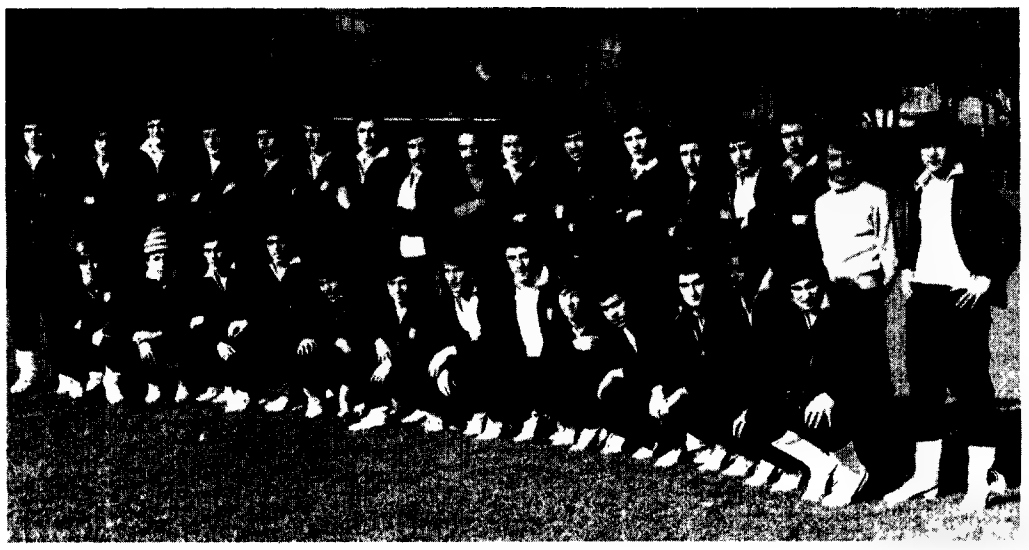
Sem qualquer aliciante cumprindo-se arrastadamente e falho de expressão, lá contínua hoje (se tudo correr bem...) o campeonato lisboeta de reservas, com os jogos Estoril-Sporting (16 e 30) Oriental-Atlético, Benfica-Odivelas e Vilafranquense-Picheleira (todos às 21 horas).

SETÚBAL

Terceira operação ao setubalense Correia exactamente no mesmo joelho, coloca em séria dúvida a boa realização dos anteriores...Entretanto, parece que também José Maria ficará uns tempos ausente do Vitória de Setúbal, e tal como os colegas Rebelo e Carriço, entregue aos cuidados do posto médico do clube de Silvério Jones.

ANTECIPAÇÃO

O encontro Oriental-Vitória de Guimarães disputa-se pelas 10 e 30 de domingo.



Os juvenis convocados para aselecção nacional, no Jamor, com o seu massagista José Ramos (segundo a contar da direita, em pé).

FUNCIONÁRIOS DA EMBAIXADA SOVIÉTICA CULTIVAM AMIZADES ATRAVÉS DO VOLEIBOL

. A ideia partiu do dr. Fernando Andrade, presidente da Associação de Voleibol de Lisboa: *Com o objectivo de desenvolver a prática do voleibol, em Lisboa, percorri as várias embaixadas sugerindo a constituição de equipas formadas entre os seus funcionários, para participarem em competições oficiais. Falei com embaixadores e secretários, que acolheram a sugestão como maior interesse. Na Embaixada da U.R.S.S.,disseram-meimediatamente que sim, regularizando de seguida a sua inscrição no «Torneio de Outono», disputado em Dezembro.*

A adesão pronta dos soviéticos tem uma explicação: *Na Rússia existem qualquer coisa como seis milhões de praticantes de voleibol. É o segundo desporto, em número de praticantes inscritos: o primeiro é o Atletismo. Não admira, portanto, que entre os funcionários que trabalham na Embaixada em Lisboa fosse possível reunir elementos para a constituição de uma equipa, embora pratiquem voleibol de recreação.*

Outras embaixadas não tardarão a integrar-se neste movimento de expansão do voleibol em Lisboa: *O Japão, Brasil, Bélgica e E.U.A. estão já a trabalhar na formação das suas equipas. A dos Estados Unidos será a próxima a aparecer em público, seguindo-se-lhe a da Bélgica.*

Depois da estreia no «Torneio de Outono», a equipa soviética inicou a sua actividade em competições oficiais, com carácter de regularidade, no Campeonato Nacional da III Divisão, realizando o seu primeiro encontro no passado sábado, no ginásio do Liceu Filipa de Lencastre, frente à equipa da Universidade Católica. Os russos dispõem de onze jogadores, mas tem apenas oito inscritos, seis dos quais tomaram parte neste primeiro jogo. Nomes: Chacov, Savkov, Zemski, Gnutov, Prokopenko e Oritchnco. Idades: entre os 30 e os 50 anos (Oritchenco tem 53 anos).

São todos eles funcionários e diplomatas dos mais diversos níveis: Chacov (3.° secretário), Savkov (representante da Associação Comercial), Zemski (2.° secretário), Gnutov (funcionário diplomático), Prokopenko (adido cultural) e Oritchenco (funcionário da Embaixada). Três deles (nada menos) falam correctamente o português.

. .Designaram a sua equipa de «Amizade». Chachov explica-nos: *Essa designação foi escolhida por mim. Propus que se chamasse à nossa equipa «Amizade» e todos os meus camaradas concordaram.*

. .Porquê «Amizade»? Justificação lógica de Chachov: *«Amizade», porque é esse o sentimento que queremos cultivar. Amizade entre o povo soviético e o povo português. Isto tem para nós um grande significado.*

. .Como surgiu a ideia? Responde Zemski, que desempenha as funções de treinador: *O convite do presidente da Associação veio ao encontro dos nossos desejos, pois nós damos grande importância à educação física. Estávamos ansiosos por uma oportunidade como esta. A nossa participação nas competições constitui um agradável passatempo, além de que cuidamos da nossa preparação física. Por outro lado, temos ensejo de conviver com os voleibolistas portugueses, o que nos ajudará a conhecer melhor o vosso povo e a fazer amizades.*

. .Fala-nos (depois) do acolhimento que têm tido: *Temos sido muito bem recebidos. O Torneio do Outono foi uma excelente jornada de confratemização. Ficámos em último lugar, mas estamos muito contentes.*

. .Zemski explica-nos que já sabiam falar português antes de virem para Lisboa: *Estudamos a vossa língua em Moscovo, pois ensina-se ali o português, tal qual como o inglês, o francês e muitos outros idiomas. Interessei-me pelo português, da mesma maneira que aprendi o inglês. Embora não tivéssemos nessa altura relações com Portugal, tinha-mo-las, no entanto, com o Brasil. O mesmo aconteceu com alguns dos meus camaradas. Agora, instalado aqui em Lisboa, terei oportunidade de aperfeiçoar o meu português.*

. .Por último Chachov, fala-nos de Portugal, dos portugueses e do nosso clima: *Estou encantado com Portugal. Os portugueses são muito hospitaleiros e amáveis. Para nós têm sido de uma simpatia inexcedível. Sentimo-nos entre amigos. O clima é excelente: nem damos pelo Inverno. O pior é a humidade. Mas não tardaremos a adaptar-nos.*

. .O dr. Fernando Andrade, que assistiu à reportagem, manifestou-nos (com entusiasmo) satisfação pelo aumento considerável do número de praticantes de voleibol, que subiu de 600 (na época passada) para mil (actualmente). A campanha em prol da expansão do voleibol começa a dar bons frutos. Agora, o necessário é continuar sem desfalecimentos.

Delegados sindicais suspensos pelo Caldas

Parece haver (ainda) quem ponha em dúvida a legalidade sindical da classe trabalhadora constituída pelos futebolistas profissionais. Se outras razões não tivessem decorrido do 25 de Abril, para legitimar a existência a actividade do Sindicato dos Futebolistas, bastaria agora a sua inclusão no grupo de trabalho que (a nível oficial) está a estudar legislação adequada ao exercício desta profissão específica, para ratificar o papel que lhe cabe como instituição verdadeiramente representativa dos profissionais nela filiados.

Para os que, porventura, teimam em pôr em dúvida essa representatividade, só nos resta concluir que (certamento) se não aperceberam ainda das profundas alterações que o processo revolucionário do 25 de Abril tem vindo a introduzir (e a transformar) na sociedade portuguesa.

Estas considerações, de ordem geral, vem a propósito da situação em que se encontram dois jogadores do Caldas (Malta e Rodrigues) ambos suspensos arbitrariamente pelo clube, de acordo com um regulamento interno cuja legalidade (esta, sim) se pode pôr em dúvida, já que lhe falta a homologação oficial (e nem a podia ter, por razões óbvias). E sabe o leitor por que foram estes jogadores suspensos «sine die»? Eles também não, embora se suspeite que a violência exercida sobre ambos tenha alguma coisa que ver com o facto de serem delegados sindicais e de terem cometido a «grave» infracção de exercer as funções inerentes a essa qualidade...

Tanto quanto nos é dado saber, através das informações obtidas junto do próprio Sindicato, aqueles seus dois delegados foram suspensos pelo clube em condições da mais completa ilegalidade. Foi-lhes instaurado um inquérito, sem culpa formada, no qual não constam os seus depoimentos, circunstância que torna impraticável a organização do respectivo processo disciplinar. A verdade, porém, é que Mália e Rodrigues continuam assim mesmo, privados do direito ao trabalho desde o passado dia 2 de Dezembro.

Recentemente, os dois jogadores foram chamados ao clube para lhes pagarem os ordenados relativos ao mês de Novembro, mas estes recusaram-se a receber, por verificarem que não era feita a liquidação integral do que lhes é devido.

Entretanto, sabemos que o Sindicato não descura este assunto e se prepara para nele intervir com os meios que estão (agora) ao seu alcance, por forma a ser dada solução justa à situação profundamente irregular em que foram colocados os seus dois delegados no Caldas, pelo «jogo ilícito» arbitrariamente praticado pelo clube (neste caso a entidade patronal). Oxalá a situação se esclareça e se resolva o mais breve possível, pois estamos informados que os jogadores em causa atravessam graves dificuldades financeiras, atenuadas, em parte, pela generosidade de alguns amigos. Mas, só...

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIARIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

O TEXTO NO CONTEXTO

Repensar o desporto

Repensar o desporto é repensar Portugal. Nem poderia ser de outro modo, num País em que os seus filhos (tal como em 1821, em 1836 e em 1911) vão ser chamados a eleger uma *Assembleia Constituinte*. Por outras palavras: uma assembleia representativa, com a missão de elaborar a nova Constituição Política. E, será então que o Movimento das Forças Armadas, fiel ao ideário democrático, devolverá ao povo o exercício do poder constituinte — povo esse representado pelos seus deputados eleitos livremente.

. .Contemplando o mapa-mundi, não é habitual que as Forças Armadas levem a cabo revoluções de pendor socializante. Muito pelo contrário: é para a direita que elas quase sempre se inclinam. O caso do Chile é bem vivo e cruel, como prova do que acabo de escrever. A Junta Militar de Pinochet, com todo o seu séquito de violências e de supressão dos direitos cívicos e humanos (os mais comezinhos), mostra-nos sem sofismas a que levam os golpes de Estado da direita e como as Forças Armadas os têm sabido corporizar magistralmente.

Todavia, em Portugal, as Forças Armadas operam uma revolução sem sangue, desvinculam-se de fórmulas conservadoras e prestam-se para dar aos portugueses o País que os portugueses escolherem. *Coragem e lucidez* — eis aí as duas grandes virtudes de que deram provas: coragem e lucidez moderadas pelo bom senso e pela cordura!...

Se trouxe para esta minha crónica os «militares do 25 de Abril», tal se deve à necessidade da sua vigilância para que não se volte a um Estado radicalmente centralizador, ditatorial, burocrático, jurisdicista, protector de minorias de plutocratas e burgueses. É que o nosso Desporto evoluirá ou involuirá, ao ritmo da nossa situação política. Continuaremos sob um conjunto de ideias, de acções e de instituições capitalistas? Pois então já sabemos que o desemprego precipitará milhares e milhares de pessoas na miséria; que a assistência e a educação só beneficiarão os endinheirados; que a exploração será a regra corrente; que a informação sofrerá da ingerência intolerável do grande capital financeiro. E será, num panorama destes, que o Desporto se destina *a todos*, quando a sociedade em geral se destina tão-só... aos privilegiados? Quando a sociedade é, toda ela, uma vasta manta de retalhos, onde as classes proliferam? Possibilitar a recuperação psicossomática do trabalhador e o seu recreio indispensável, através do Desporto; fomentar o Desporto predominantemente lúdico como factor de encontro e de participação; empenhar esforços na revivificação dos pequenos clubes, dentro dum planeamento global que os considere como células de incomparável valia na democratização do Desporto e, por expansão, na democratização de sociedade; aproveitar o Desporto como espaço de realização dos superdotados; definir as linhas por que o Desporto há-de programar-se dentro duma política nacional de saúde e como elemento de educação permanente — tudo isto só poderá rigorosamente realizar-se num país liberto dos centros imperialistas (à escala internacional), dos tentáculos dos monopólios e profundamente imbuído duma visão igualitária da Sociedade e da História.

Uma revitalização do Desporto «rapidamente e em força» não é possível, aqui e agora. É que a crise do Desporto nacional é um aspecto da crise da sociedade portuguesa. Antecipar algumas decisões que possam vir a integrar-se numa arquitectura constitucional hodierna — é tudo o que é possível, para já, providenciar. As *grandes reformas de fundo*, segundo o Programa do Movimento das Forças Armadas, dependem da *Constituição*... ainda por fazer! Vivemos todos num clima de incerteza, espécie de torrente intérmina onde os dados políticos aparecem e desaparecem de um dia para o outro. Sejamos humildes, que o mesmo é dizer: sejamos lógicos. E a lógica obriga-nos a passar do sensível ao inteligível, da imagem à ideia, do facto à lei. Ora o inteligível político, hoje e em Portugal, não nos permite essas certezas todas que alguns triunfalmente passeiam nos ombros frágeis do subjectivismo. Os factos e os acontecimentos não são mero capricho, mas racionalidade. E a racionalidade, em história, desconfia muito da previsibilidade. Em história, há um certo possibilismo e muita contingência.

MANUEL SÉRGIO

Desporto

Xadrez no Atlético de Alvalade

No Clube Atlético de Alvalade, disputou-se o Torneio do Fim-de-Ano em Xadrez, que contou com 16 participantes entre iniciados e jogadores que já têm rodagem em provas deste tipo. Classificações da fase preliminar:

. Série A: 1.º, Simões Nunes, 5 pontos em 5 possíveis; 2.º, António Baptista, 3; 3.º, João Assunção, 3; 4.º, João Calado, 3; 5.º, Pedro Coelho, 1; 6.º, Pedro Ribeiro da Silva, 0. Desistiram Palhoto de Matos e Costa Cabral.

Série B: 1.º, Manuel Serra, 6 pontos em 6; 2.º, Silva Oliveira, 4, 5; 3.º, António Assunção, 3, 5; 4.º, Oliveira Santos, 3; 5.º, Eduardo Campelo, 1, 5; 6.º José Ribeiro da Silva, 1, 5; 7.º, João Camacho, 1. Desistiu José Bernardo.

Classificações da fase final na Série 1, (1.º a 4.º classificados): 1.º/2.º, Simões Nunes e Silva Oliveira, 2 pontos em 3 possíveis; 3.º, Manuel Serra, 2; 4.º, António Baptista, 0. Série II (5.º-8.º): 1.º, António Assunção, 3 pontos em 3; 2.º, João Calado, 2; 3.º, Oliveira Santos, 1; 4.º, João Assunção, 0. Série III (9.º-12.º): 1.º, Eduardo Campelo, 2 em 3; 2.º, Pedro Coelho, 1, 5; 3.º, José Ribeiro da Silva, 1, 5; 4.º, Pedro Ribeiro da Silva, 1. Série IV (13.º): João Camacho.

A recente reformulação do «Regulamento Geral de Provas» da Federação de Xadrez, veio instituir um sistema classificativo pontual (sistema Elo), que determina a exacta posição, a nível nacional, dos jogadores federados. Cada xadrezista terá um «valor pontual» depois de concluir 30 partidas em provas oficiais (campeonatos federativos e associativos) ou oficializadas pela F.P.X. (torneios internos).

Outra inovação diz respeito à possiblidade de os grupos de xadrez organizarem as suas provas nos moldes que julgarem mais convenientes, ultrapassando-se assim a desajustada obrigação de se efectuarem campeonatos internos das diferentes categorias. Assim, o Clube Atlético de Alvalade vai levar a efeito, em Fevereiro e Março, o 1.º Torneio Interno/75, portanto a primeira prova a realizar-se nos novos moldes.

A mecânica do torneio será presidida pelo princípio de que, numa fase preliminar (Fevereiro), se devem defrontar jogadores de diversas categorias para que, na fase final (Março), se constituam séries com equivalência de valores. As partidas de cada série disputar-se-ão em sistema de todos contra todos.

Ritmo do campeonato: duas sessões por semana. Os jogos iniciam-se às 20.30 horas sendo o tempo de reflexão de duas horas para os primeiros 36 lances e de uma hora para 18 jogadas seguintes.

As inscrições estão abertas a todos os jogadores federados, até às 18 horas de 25 do corrente (sábado). Uma vez que a capacidade material da organização determina a limitação de inscrições, ficam estas reservadas aos jogadores do Clube Atlético de Alvalade até ao próximo dia 18.

FUSÃO ATLÉTICO-BELENENSES: VERDADE OU FICÇÃO?

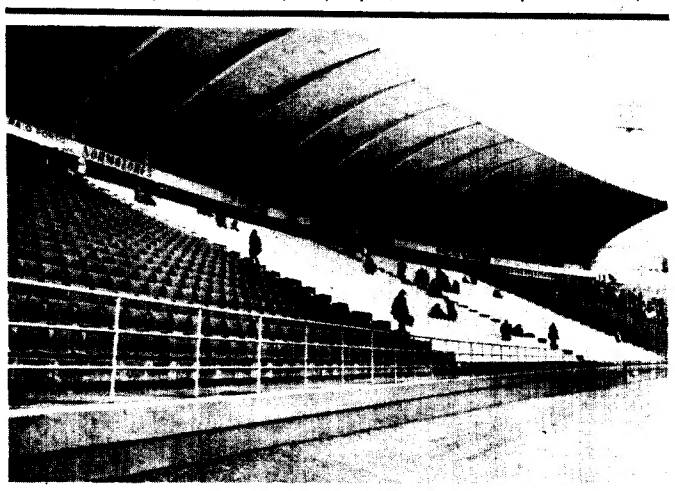
O «Clube Atlético Belenenses», por enquanto, é uma ideia: pouco mais do que uma sugestão. Mas, pode vir a tomar corpo se, como julgamos, o movimento que preconiza a fusão dos dois populares clubes da zona ocidental da cidade for capaz de vencer «as indecisões dos descrentes e as sentenças e ameaças dos derrotistas» (apontadas no «manifesto» distribuido no passado domingo, na Tapadinha) como os obstáculos a vencer para a concretização do projecto.

Existe (o «manifesto» assim o indica) um movimento pró-fusão dos dois clubes. Há, portanto, quem esteja na disposição de pôr o projecto em marcha, com vista à formação de *um grande clube abrangendo todo o extremo ocidental* de Lisboa. Mas, pergunta-se: será esse movimento fruto da vontade de uma maioria significativa da população de associados do Atlético e do Belenenses? Quem sabe responder?

. De resto desconhece-se a quem perguntar, pois o «manifesto» não está subscrito nem revela a sua proveniência. Porque se fosse conhecida a sua origem, gostariamos de fazer chegar aí estas e outras interrogações. Porém, como não sabemos, limitamo-nos a lançá-las aos «quatro ventos». Talvez apareça quem tenha a coragem de mostrar a face para explicar e fundamentar a luta pelo ideal que se dizem empenhados em atingir.

Até lá, ficamos na expectativa de, um destes dias, sabermos que sócios dos clubes em causa requereram (pelos preceitos estatutários) a realização de assembleias gerais, expressamente convocadas para o debate deste assunto. É que não vemos outra forma de tratar um problema desta natureza. Será (então) altura de sabermos o que pensam os clubes, pela voz dos seus associados (que são, afinal, quem tudo decide).

Apenas uma pergunta deixamos à reflexão dos que preconizam a fusão: transformar dois clubes num só, não será (também) uma solução que, por si, encerra já um propósito igualmente monopolista? Ou não se trata de criar mais um «grande clube» como os tais acusados de monopolistas?...



Nas Antas: modernizado o estádio, com a implantação de novos «lugares cativos»

registo

Ginástica: em Coimbra (pavilhão do Estádio Universitário) realiza-se no próximo domingo (às 14.15) o Torneio do Ano Novo. Para a competição feminina foram seleccionadas: M. Luisa Miranda, M. Luisa Contreiras, M. Filomena Palma, M. Avelina Alvarez, Ivone Alvarez, Teresa Mendes, Susana Mendes, Paula Oliveira, Inês Mendes, Ana Francisca Abrantes, M. Isabel Cabrita, M. Manuela Guimarães, M. Manuela Ferreira, Gracinda Cruz, Cristina Pinto, M. Luisa Antunes, M. Vitória Silva, Isabel M. Costa, Virgínio Ferreira, Luisa M. Amaral, M. Gabriela Freire, M. José Oliveira, Graça M. Lopes, M. Alexandra Tomaz, Rosana Cabral, M. Margarida Oliveira, Mariana Cristina Gomes, M. Alice Salles, Margarida M. Duarte, M. Helena Rodrigues, M. Helena Vale, Silvia Camilo, Cristina M. Abreu, M. do Rosário Vieira, Isabel M. Freire, Lígia M. Santos, Isabel M. Correia, M. Paula Tomaz, Graça M. Pessoa e Ana Cristina Torres.

Para a competição masculina, eis os escolhidos: João Morgado, Luis Gonçalves, Luís Lopes, Miguel Ferraz, José Contreiras, Artur Desrat, Luís Botelho, José Mendes, Manuel Henrique Barros, Sérgio Araújo Maia, José Fernando Santana, Artur Manuel Pereira, Miguel Pedro Sampaio, Domingos Manuel Santos, Carlos Manuel Silva, Jorge Valente, Pedro Renato de Almeida, Gabriel Maria da Silva, Pedro Miguel Lucas, António Pedro Franco, Paulo Jorge Duarte, José João Ferreira, Paulo Jorge Correia, Fernando Falcão, César Peixoto e Vitor Martins. Estes atletas representam as seguintes colectividades: Lisboa Ginásio, F.C. do Porto, Desportivo de Paço de Arcos, Cimento Tejo, Algés e Dafundo, Sociedade Boa União, Sporting e Benfica. Ainda a respeito de ginástica: foi concedida a medalha de «Dedicação» a António Soares Amorim de Sousa, membro do Conselho Técnico do Lisboa Ginásio. A partir de 14 de Fevereiro, vão funcionar (na Comissão Central) dois cursos para a formação de juízes de Ginastica Desportiva.

LUTA: para sábado, a Federação escalou os encontros União de Coina-Benfica e Runa-Atlético de Queluz, enquanto o Sporting descansa.

VOLEIBOL: Fica em suspenso o regional lisboeta de iniciados femininos «por razões várias sempre ligadas à falta de estruturação das equipas inscritas e à falta de legalização das atletas correspondentes». Igualmente foram anulados os jogos de juvenis (femininos) já disputados pela equipa da Escola Luisa de Gusmão, por **razões ligadas à orgânica administrativa daquele estabelecimento de ensino.**

BASQUETEBOL: As senhoras do Benfica venceram o Algés (36-30), em jogo que contava para o campeonato da 1.ª Divisão nacional. Na competição de juniores (zona Sul) o Barreirense derrotou o Sporting por 61-58.

RAGUEBI: foram sorteados os jogos referentes à 1.ª eliminatória e aos oitavos-de-final da «Taça de Portugal». Calendário organizado: E. da Amadora-Sacavenense. Oitavos-final: Vencedor do jogo E. da Amadora-Sacavenense-C. D. U. L.: Barreiro-Medicina; Belenenses-E. R. A. C.; E. R. A. S.-Monte da Caparica; C. D. U. P.-Académico; Aranhas-Agronomia; Tecnico-Cangurus; Benfica-Direito. O jogo da primeira eliminatória será realizado no dia 9 de Fevereiro. Os encontros dos oitavos de final serão efectuados no dia 23 de Março. Entretanto, volta à prática da modalidade a turma da Academia Militar.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO PARA A RECONSTRUÇÃO NACIONAL

10% ao ano

Participamos nesta iniciativa com toda a nossa experiência e o apoio dos nossos serviços.

Faça a sua subscrição em qualquer dos nossos balcões, em todo o País, onde prestamos todos os esclarecimentos.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Mulher

AS COMPANHEIRAS QUE FICARAM NA SOMBRA

Continuação da pág. 19

servas, com ideia de organizar aquilo por lá. As mulheres conserveiras, coitadas, ainda estavam pior que as corticeiras, não conheciam leis nem nada e eu comecei a falar-lhes. Fomos para o Grémio fazer queixa do patrão que nunca tinha pago horas suplementares àquelas mulheres e ele teve que lhes pagar mesmo. Mas despediu-me e no dia em eu tinha marcado uma reunião de mulheres para escrever uma carta de apoio ao Cunha Leal, que era o candidato proposto, em 1958, já quando regressava o encarregado viu-me e mandou chamar a polícia. Então fui presa no meio daquela gente toda. Levaram-me para a esquadra de Faro, onde estive 3 dias no calabouço e as minhas filhas ficaram sozinhas em casa. Eu dizia-lhes sempre que se um dia a mãe não aparecesse, esperavam mais um ou dois dias e depois se fosse preciso pediam dinheiro a uma vizinha ou vendiam qualquer coisa e iam para Lisboa. Depois de lá tomavam o barco para o Montijo. Mas ao fim de 3 dias eles foram-me buscar aos calabouços para me levarem para a sede da polícia e quando entro vejo a minha mala. Percebi logo que eles já tinham ido lá a casa e perguntei pelas minhas filhas. Eles não queriam dizer e começaram a insultar-me, mas eu não liguei nenhuma porque sabia o que era a P.I.D.E. Entretanto as minhas filhas que estavam noutra sala ouviram a minha voz e começaram a chorar. Eles então deixaram-nas vir. Depois trouxeram-me de Faro para Setúbal debaixo de prisão e em Setúbal quiseram-me separar das minhas filhas, mas eu não aceitei, que só me tiravam as filhas quando me tirassem a vida. Ou eram entregues directamente à minha família ou iam comigo para a prisão. Elas então ficaram com a minha mãe e o meu irmão e eu dali segui para a P.I.D.E. em Lisboa. Onde estive ano e meio presa.

— Nessa altura houve maus tratos?

— Sim... Quer dizer, não me bateram, mas estive 5 dias sem me deixarem dormir e ameaçaram-me, puxaram de pistolas e cassetetes, etc., para me meterem medo. Mas eu garanti-lhes que nunca falaria, que me podiam matar como já tinham feito a outros, mas que da minha boca não sairia uma palavra. De maneira que os interrogatórios demoraram muitos meses, sempre de manhã até à noite. Três meses de interrogatórios, depois voltei para a cadeia, ao fim de um ano fui julgada e apanhei então ano e meio de prisão.

— Que aconteceu quando saíu?

— Em 59 vim para fora e comecei a trabalhar aqui no Montijo, mas o meu marido continuava preso.

— E ele foi maltratado?

— Sim, foi muito espancado mesmo muito. Depois em 60 evadiu-se de Peniche com vários camaradas, entre eles o Álvaro Cunhal. Portanto em Maio de 60 juntei-me ao meu marido para irmos outra vez para a clandestinidade. Estivemos três anos e meio na clandestinidade e fomos presos outra vez quando foi a denúncia do Verdeal. Nós e outros amigos. O meu marido foi primeiro uns meses para o Aljube e eu para Caxias.

— Quanto tempo dessa vez?

— Seis anos. E houve mais repressão. Eu levei comigo a minha filha pequena que tinha ano e meio. Eles fizeram a fita do costume, só me chamaram ao fim de dois meses e começaram com boas palavras, a dizer que eu não os devia empatar para poder ir depressa cuidar dos meus filhos. Eu respondi-lhes que não se preocupassem com os filhos, pois também nunca se tinham preocupado com os filhos dos outros militantes presos. Se passassem fome não passavam mais que aquilo que o povo todo tem passado, a classe trabalhadora, que não tem passado outra coisa. Apareceu o Sachetti a dizer que o meu marido tinha sido muito amigo deles, que já tinha dito tudo, mas eu ri-me para ele e respondi a ele e ao Tinoco, que também lá estava, que o meu marido era uma pessoa muito honesta, portanto eu sabia muito bem que não tinha falado com eles. Insistiram, insistiram, mas viram que eu não dava nada e ao fim de umas horas mandaram-me para a cadeia. Há uma coisa: eu quando entrei na cadeia estava grávida e disse-lhes: «aviso os senhores de que estou grávida de três meses e têm de tomar a responsabilidade por aquilo que possa acontecer». Mandaram-me para a cadeia, mas como eu tinha a miúda comigo, fizeram-me tantas provocações, tanta coisa, assim como não darem água para a criança tomar banho, nem lençóis para se deitar, nem leite, nem comida quase isto porque eles sabiam que de mim não tiravam nada, mas através de fazerem coisas à minha filha queriam ver se me conseguiam vergar. E aquilo todos os dias era uma luta com os guardas e até com o médico, um tal doutor Barata, que me dizia que já tinha escrito a dieta para a menina, mas que o senhor director tinha riscado. E eu perguntava-lhe: «Mas afinal que médico é o senhor? Tem uma bata branca para quê? Para quê que o senhor andou na universidade tantos anos e depois deixa uma pessoa que não é médico, não é enfermeiro, não é nada, vir aqui e riscar aquilo que o senhor escreve? O senhor é da polícia, já eu sei, mas como médico podia ainda querer pôr uma máscara de bom e fazer as coisas de outra maneira». E ainda lhe disse que ele seria o verdadeiro responsável por tudo o que acontecesse a mim e à minha filha.

«Aquilo era assim todos os dias até que chega um dia o tal Abel da Silva, que era o director, estava num gabinete ao lado, ouviu-me e começou a insultar-me e a ameaçar-me. Eu estava de uma maneira tal, até porque a minha filha andava com uma crise de intestinos e tinha as fezes com sangue e tudo, que ao ouvir aquilo e vendo que ele ia agarrar no telefone para mo jogar, adiantei-me e ia eu pegar no telefone para lho atirar. Fiz aquilo sem querer porque já estava muito nervosa e no fim toda aquela tensão fez com que eu abortasse. Era meia-noite quando me levaram para o Hospital de S. José para ser operada e no dia seguinte levaram-me então para a Ordem Terceira, que era o hospital onde a Pide tinha uma secção. Estive lá quinze dias. Entretanto a minha filha ficou na cadeia com a mulher do Dias Lourenço, que era a Colélia.

— Quando melhorou voltou para a cadeia?

— Voltei, mas levaram muito tempo para me chamar. Tive eu que refilar e dizer que queria saber como estava o meu processo. Ainda houve uma luta na P.I.D.E. quando lá fui, porque eles diziam que eu não saía dali sem falar. Mas ao fim de umas horas viram que não levavam nada e voltei para a cadeia. Ainda estive ano e meio sem ser julgada e depois é que fui condenada a três anos e três meses. Ao todo fazia 6 anos e 3 meses, mas eu fui libertada antes de acabar a pena quando houve a amnistia do Marcelo Caetano. Sei que houve intervenções de estrangeiros junto do Governo porque eu estava muito em baixo e também sofro de epilepsia. Isso foi em Março de 69.

«EU NÃO SEI O QUE É A SORTE GRANDE PORQUE NUNCA A TIVE»

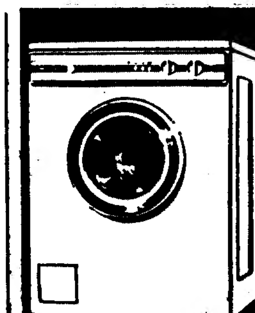
— E não houve mais clandestinidade?

— Houve, pois, quando foi o 25 de Abril eu estava na clandestinidade. O meu marido só saíu da cadeia quase em 73 e eu nessa altura fui com ele para a clandestinidade.

— E que pensa de tudo o que estamos a viver?

— Há pessoas que dizem que isto é a sorte grande, eu não sei o que é a sorte grande porque nunca a tive. A verdade é que sem pensar no meu caso que não era esse, a alegria de ver os companheiros que estavam presos sair da cadeia é uma coisa que nem se explica. Porque só quem sabe o que é a cadeia, o que é a clandestinidade, o que é a luta do Partido poderá dar valor ao que é uma liberdade como esta. Eu ainda hoje quase não acredito que estou em liberdade. Às vezes parece-me que não devo ir além porque pode lá estar um polícia. E a luta tem de continuar, porque senão será muito pior. Nós dantes continuávamos dentro da repressão do fascismo que tínhamos e o Partido cresceu na clandestinidade, agora em liberdade temos que o fazer crescer muito mais. Não podemos perder nem 1 hora.

BRUTUS
ALFAIATES
SALDAM A ESTAÇÃO DE INVERNO
A PARTIR DO DIA 15
AV. DA REPÚBLICA, 51-C — LISBOA


Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor
Miele
A própria segurança

AGENTE OFICIAL:
CRUPEL
Comércio de Móveis e Electrodomésticos, Ld.ª
Gerência de Mário Ribeiro da Cruz Pimenta
Rua da Condessa, 12-14 (ao Carmo) — Telef.: 32 62 11
LISBOA

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE SANTARÉM

A Escola da Regentes Agrícolas de Santarém, aceita até às 13 horas do dia 18 do corrente, candidaturas para professores provisórios das seguintes disciplinas:

Matemática (Curso Geral e Curso Complementar) — Ciências Físico Químicas (Curso Geral e Curso Complementar) — Ciências Naturais (Curso Geral e Curso Complementar) — Filosofia — Agrologia — Agricultura Geral e Máquinas Agrícolas — Silvicultura — Fruticultura.

Os candidatos devem indicar o «Curriculum» e as suas preferências por disciplinas, em carta fechada dirigida à Comissão de Gestão desta Escola.

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** a actuar FEDRA ARTISTA BRASILEIRA:

ESPADARTE CLUB — Sesimbra. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. **229189**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. T. **26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco. 33-A.**

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Economia — música variada
16.45 Sindicalismo
17.00 Música variada
18.00 Rádio estudantil
19.05 Programa infantil — música variada
20.00 Jornal da noite
21.15 Miniteatro
21.30 Música variada
23.00 De um dia para o outro
23.30 As doenças da saúde — de um dia para o outro
00.00 Entrada do MF 1 de Lisboa i— SINAL HORÁRIO

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio estudantil
00.30 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Intercâmbio musical
16.40 Sinfonia n.º 3 (Blomdahl)
17.05 Sonata em lá maior, op. 13 (Fauré)
17.32 Solos de órgão
17.45 Concerto em ré menor (Vivaldi)
18.00 Oratória «O Messias» (Haendel)
19.50 Sonatina em fá maior (Dussek)
20.00 Jornal da noite
21.00 O pianista Werner Haase
21.15 O violinista Jacha Heifetz
21.30 A ópera «Os Palhaços de Leoncavallo, comentada por Maria Helena de Freitas
01.00 Fehco

Peograma Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Quarteto n.º 14 em dó sustenido menor, op. 131 (Beethoven)
22.43 Concerto para dois pianos e percussão (Milhaud)
23.05 Dueto em lá maior (Teleman)
23.15 «Pelleas et Melisande», op. 5 (Schoenberg)
00.00 Suite op. 72, para violoncelo solo (Britten)
00.25 Concerto em ré menor, op. 47 (Sibelius), para violino e orquestra
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor de Miramar — Onda Média, 290,13 m. — 1034 KHz — Emissão contínua; Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 782 KHz — Emissão contínua; Modulação de Frequência (principais emissores) — Lisboa, 97,4; Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Lousã, 90,8; Fóia, 88,1 e Mendro 92 MHz

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.22 Palavra do dia — no final: terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES A SSOSICADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das **06.00** às **11.00** e das **17.00** às **22.00**

Rádio Voz de Lisboa

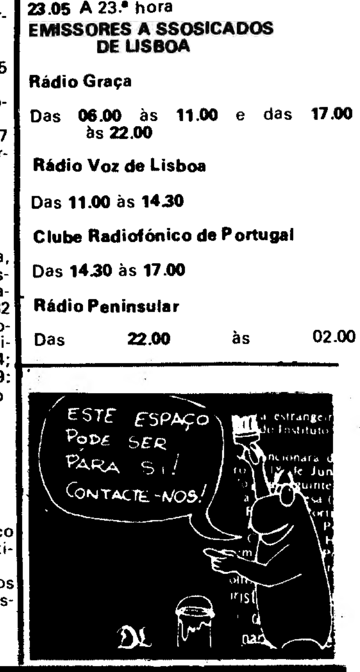
Das **11.00** às **14.30**

Clube Radiofónico de Portugal

Das **14.30** às **17.00**

Rádio Peninsular

Das **22.00** às 02.00



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava encoberto o vento era fraco e chovia em todo o território.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	9º
P. DOURADAS	1º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	9º
FARO	13º
FUNCHAL	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima **19º**
PENHAS DA SAÚDE
Mínima **0.1,3º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,5º
Atmosfera 10,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.54	**3,9 m**	11.28	**0,8 m**
18.15	**3,7 m**	23.37	**0,9 m**
Dia 16			
6.26	**3,9 m**		
18.46	**3,6 m**	12.02	**0,9 m**
Dia 17			
6.57	**3,7 m**	0.12	**1,0 m**
19.17	**3,5 m**	12.37	**1,0 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado com abertas; vento moderado de Noroeste soprando por vezes com rajadas em especial nas regiões do Norte; aguaceiros e possibilidade de trovoadas nalgumas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER ÀS 8.54
OCASO ÀS 18.40

DIA 20 — DIA 27 — DIA 3 — DIA 11

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO P-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Probidade, Rua de Alcântara, 15-A (Telef. 638589).
ALTO DE SÃO JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A (à Avenida D. Afonso III). (Telef. 843439).
ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque d'Ávila, 25/31 (Telef. 47088).
AREEIRO
Vera Cruz, Praça Afânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus). (Telef. 724941).
BAIRRO ACTORES
Esperança, 101-B (Telef. 722868).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, P.ª Casas Novas, lote 66 (Telef. 310172).
BAIXA
Morão, Rua da Assunção, 17 (Telef. 321289).
BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica, 429 (Telef. 780027).
CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (Telef. 650760).
LUMIAR
Matos Viegas, Avenida Rainha D. Amélia, 34-B (Quinta das Mouras) (Telef. 794174).
PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (Telef. 842725).
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Avenida António Augusto de Aguiar, 17-A (Telef. 42312).
XABREGAS
Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A (Telef. 383800).

TURNO P-2
TODA A NOITE

ALVALADE
Neoterápia, Campo Grande, 138 (Telef. 774682); **Estados Unidos,** Avenida Estados Unidos da América, 16-B (Telef. 725859).
AMOREIRAS
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (Telef. 680627).
ANJOS
Góis, Rua dos Anjos, 12-C (antiga Rua Registo Civil). (Telef. 840101).
AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outubro, 147-A (à Avenida Barbosa do Bocage). (Telef. 763107).
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A (à Rua do Casquinho). (Telef. 708242).
CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Telef. 666206).
CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Telef. 780181).
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (Telef. 862835).
LAPA
Alb. Rua de Santana à Lapa, 156 (Telef. 663562).
LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telef. 790704).
RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo). (Telef. 612248).
SÃO PAULO
Açoreana, Largo Conde Barão, 2 (Telef. 661330).
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bívar, 11 (Telef. 44324).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G. Guerra, 29 (T. 212081)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147)
OEIRAS
Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T. 263052)
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191)
CASCAIS
Misericórida, R. Regimento 19, 41 (T. 280141); **Cascais,** R. Conde de Monte Real, B. Caixas (T. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146, B. Janeiro (T. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (T. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, loja XI, Reboleira (T. 938424)
DAMAIA
S. JOÃO V, Av. Gurgel do Amaral, 21 A (T. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **Queluz,** Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)
MEM MARTINS
Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 21910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T. 2930058)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (T. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-A (T. 2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035)
COVA DA PIEDADE
Louro
Moita
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 142 (T. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (T. 229471)
SETÚBAL
Soromenho, P. Machado Santos (T. 22691); **Alice,** P. do Quebedo (T. 23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 15

ATÉ ÀS 22 HORAS

Foz, Rua Senhora da Luz, 380, Foz; **Alírio de Barros,** Rua de Costa Cabral, 240; **Gomes Carneiro,** Rua de Cedofeita, 348; **Magalhães,** Rua de Serralves, 566; **Nova de Monsanto,** Rua de Monsanto, 148; **Correia,** Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira,** Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Couto,** Largo de S. Domingos, 106; **Lapa,** Rua Antero de Quental, 211; **Luso-Francesa,** Rua Sá da Bandeira, 140.

A PARTIR DAS 22 HORAS

Correia, Praça Mousinho de Albuquerque, 50; **Corujeira,** Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **Luso-Francesa,** Rua Sá da Bandeira, 140 e **Magalhães,** Rua de Serralves, 566

COIMBRA

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida; **Viegas e Coelho** — Rua da Sofia.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Internacional Sexy Festival»

VARIEDADES
20.45, 23.00
«Ó pá pega na vassoura»

COLISEU
21.00 (6 anos)
«Festival Mundial de Circo»

MARIA VITÓRIA
20.45, 23.00 (18 anos)
«Até parece mentira»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Cabaretíssimo»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Dentadinhas na maçã»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
10 anos
«O regresso de Aleluia»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Uma bela rapariga»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Outono escaldante»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«A seita dos vampiras»

MOSCAVIDE
21.00 (13 anos)
«O Atentado»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«A Lady e o Motorista»

ESTORIL
CAsino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«O Clube da Alegria»

ESTORIL
Palácio
21.30 (14 anos)
«Acção Executivo»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Mais antiga Profissão»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«Os Ambiciosos Também Morrem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Tentações de um Viúvo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Pistoleiro Designado por Deus»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (13 anos)
«A traição do Padre Mariano»

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)13 anos)
«Homo-Dramaticus»

PORTO/Cinemas

S. JOÃO
21.30 (13 anos
«Amigos»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Mais Antiga Profissão»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Billy Jack»

VALE FORMOSO
21.30 (13 anos)
«Juntos são dinamite»

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Você Interessa-se pela Coisa»

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«O Grande Gatsby»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Empresta-me o Teu Motorista»

ÁGUIA DE OURO
20.00 (13 anos)
«Juntos são dinamite»

CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«Tequilla»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«Férido na honra»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os pecados inconfessáveis de uma senhora de bem»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«A grande farra»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Sofia e a educação sexual»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Os Pecados Inconfessáveis de Uma Senhora Bem»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Grande Farra»

GIL VICENTE
21.30 (13 anos)
«Peregrinação exemplar»

S. TEOTÓNIO
21.30 (18 anos)
«Nova York clandestino»

cinemas

BERNA
T. 776098 14.15,16.45, 19.15, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
AEROPORTO 1975
com: Charlton Heston, Karen Black
4.ª semana

APOLO 70
T. 763319 14.15, 16.45, 19,15. 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
CHINATOWN
O mais aclamado filme de 1974!
5.ª semana
Hoje às 00.15
Grupo D (maiores de 18 anos)
FIM-DE-SEMANA ILEGÍTIMO

ROXY
T. 42872 14.00, 16.30, 18.45, 21.45
Para todos
A FLORESTA MARAVILHOSA
4.ª semana
A explosão da vida e do amor num espectáculo sem paralelo

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
FOGO NOS LÁBIOS
Os jogos do amor sensual
Colorido
3.ª semana

ALVALADE
T. 717480 15.30, 18.30, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
O DONZELO
Uma grande comédia para rir
c/ Flávio Migliaccio, Leila Diniz

LIDO
T. 937593 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
O GRANDE GATSBY

CINESTÚDIO
T. 937593 15.30, 20.30, 22.30
Não acons. a menores de 18 anos
O FANTASMA DA LIBERDADE

CARLOS MANUEL - SINTRA
T. 2930394 21.30
Grupo B 10 anos
GRINGO NÃO ERA UM SANTINHO

UNIVERSAL
T. 774402 14.30; 18.30, 22.30
As 14.30 e 20.30 (Para todos)
FRENTE POPULAR 1936
de Henri Turenne
Às 16.30 e 22.30
Não acons. a menores de 18 anos
A TERRA PROMETIDA
de Miguel Litin
Às 18.30
QUANDO O POVO ACORDA
Não acons. a menores de 13 anos

RESTELO
T. 610375 21.30
Interdito a menores de 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES
(aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes)

EDEN
T. 320768 14.15,16.45, 19.15, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
AEROPORTO 1975
com: Charlton Heston, Karen Black
4.ª semana

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
MINHA MULHER É DOIDA
com: Barbra Streisand, Michael Sarrazin

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.30
Grupo D maiores de 18 anos
O CLUBE DA ALEGRIA

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.30
Grupo D 18 anos
A MÃO DE FERRO

POLITEAMA
T. 326305 15.15, 18.15, 21.30
Grupo B maiores de 10 anos
CANTINFLAS EM PEPE

ROMA
T. 727778 15.30, 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
SEXO LOUCO
Todos os dias às 18.30
AMOR ENTRE MULHERES

OXFORD
T. 2865027 16.00, 21.45,
Grupo D 18 anos
O MISTERIORO MR. MACKINTOSH

VOX
T. 720808 16.30, 19.00, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
VOCÊ INTERESSA-SE PELA COISA?
13.ª semana a esgotar

LUMIAR
T. 795296 21.30
Grupo D 18 anos
PARA MIM AS MULHERES NEM FU NEM FA

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
CARTAS NA MESA
c/ José Jorge Letria e Guida Maria

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
PARA AMAR OFÉLIA
4.ª semana de êxito!

CALEIDOSCÓPIO
T. 794141 14.15, 16.45, 19.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
CHINATOWN
O mais aclamado filme de 1974! Com Jack Nicholson e Faye Dunaway
5.ª semana

CONDES
T. 322523 14.15 16.30, 18.45, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
CARTAS NA MESA
ou a luta pela Informação
Um filme de Rogério Ceitil
Com: José Jorge Letria, José Ceitil e Guida Maria

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM
13.ª SEMANA DESENSAÇÃO
Lotações esgotadas
UM FILME DE PAIXÕES NUAS

LONDRES
T. 801313 14, 16.30, 18.45, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
INICIAÇÃO CARNAL
Tarde ou cedo toda a gente precisa de ser amada

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
007 E O HOMEM DA PISTOLA DOURADA

AVIS
T. 47163 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
TAL MÃE TAL FILHA

CASTIL
T. 530194 14.15, 16.45, 19, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
LARANJA MECÂNICA
7.ª semana

CINEARTE
T. 660446 15.30, 2130
Não acons. a menores de 18 anos
APOCALIPSE JOE

ESTÚDIO
T. 555135 14.00, 18.00, 22.00
Interdito a menores de 18 anos
LA MAMAN ET LA PUTAIN
3.ª semana
O filme de Jean Eustache

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30. 18.30. 21.45
Interdito a menores de 18 anos
WEEK END
(FIM-DE-SEMANA)
7.ª semana

EUROPA
T. 661016 15.15, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
A NOITE DOS GENERAIS
Hoje às 18.30
OS PASSAROS

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
LARANJA MECÂNICA
7.ª semana

MONUMENTAL
T. 555131 15.15, 18.30, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
BORSALINO & C.ª

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 12/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

P.S. "versus" F.S.P. ou o discreto encanto dos ataques

A célula de Algueirão da Frente Socialista Popular, recentemente surgida de uma cisão no Partido Socialista, emitiu um comunicado à população em que afirma ser *a organização política dos militantes socialistas para quem o socialismo significa o poder dos trabalhadores e o fim de toda a opressão de classe* e denuncia *as práticas equívocas de partidos socialistas em que predomina a tendência social-democrática e que apenas servem os interesses do capital.*

Por sua vez, a Comissão Nacional do Partido Socialista, ao tomar posição face à constituição da F.S.P., afirma num comunicado: *Um movimento que nasce e se justifica fundamentalmente através de ataques a um outro partido ou não tem qualquer finalidade política ou receia torná-la pública!* E noutro ponto acrescenta que *qualquer identificação entre a lista B apresentada ao Congresso* (encabeçada por Manuel Serra) *com este movimento, constitui um abuso que revela um completo menospreso pela verdade.* Para o P.S., a criação da F.S.P. tratou-se *apenas da auto-exclusão de uma minoria de aderentes que manifestamente só por equívoco chegaram a estar ligados à organização do partido.*

SESSÕES E COMÍCIOS

O *Partido Socialista* promove amanhã, às 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, um comício que será certamente dominado pela questão da unicidade ou não unicidade sindical. Num comunicado em que convida os jovens a estarem presentes, a Juventude Socialista afirma que neste momento *há forças políticas apostadas em sufocar a jovem democracia portuguesa e a irreversível caminhada do nosso povo para um socialismo autêntico.* O P.S. é, como se sabe, «por um socialismo de base» e contra a unicidade.

A secção do mesmo partido em Oliveira de Azeméis promove depois de amanhã no Ginásio do Liceu daquela vila, uma sessão de esclarecimento, com a presença dos militantes Lopes Cardoso, Costa e Melo, Carlos Candal e Carlos Lages.

O *M.D.P./C.D.E.* de Viana do Castelo promove no dia 18, às 21 e 30, na Casa do Povo de Meadela, um comício, com a presença dos drs. Orlando Mendes e Romeu de Sousa e de Maria de Fátima Carvalho.

O *M.D.P./C.D.E.* vai realizar ainda as seguintes sessões de esclarecimento no mês corrente: dia 17, em Rio Tinto, na Riocoop, às 21 e 30 com apresença de Augusto Quintela; dia 18, em Arcozelo, concelho de V.N. de Gaia, no Eden Clube Arcozelo, às 21 e 30 e no Porto, na Escola Filipa de Vilhena, às 11 horas; dia 19, em Crestuma, concelho de Gaia, nas escolas primárias, às 21 e 30 e em Merles, concelho de Gondomar, no Salão Paroquial às 21 e 30. Também no dia 19, realiza no Campo da Palmeira, em Coimbra, às 18 horas, um comício popular, com a presença de José Tengarrinha, Vítor Costa, Horácio Guimarães, Francisco Pereira de Moura e Orlando de Carvalho.

SOLIDARIEDADE

A Secção de Santarém do Partido Socialista solidarizou-se com a posição tomada pelos trabalhadores da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém, num plenário do dia 9, em que foi analisado o despacho do secretário de Estado da Segurança Social, relativo à integração dos Serviços de Acção Medico-Social da Previdência na Secretaria de Estado da Saúde. O despacho é de 20-12-74 e só foi difundido no dia 6-1. Em suma, os trabalhadores protestam contra o atraso, recusam-se a colaborar com o despacho por não terem tempo de nos prazos marcados apresentarem *um trabalho que se pretende válido, produtivo e participante*, e denunciam a mudança de nome do serviço se a mesma não for acompanhada de «modificações sensíveis de carácter estrutural e político».

POLITIQUICES

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos convidou os partidos políticos representados na sede do concelho a pronunciarem-se acerca da comissão de gestão da Santa Casa da Misericórdia local. O P.P.D., segundo afirma um comunicado conjunto do M.D.P./C.D.E., P.C.P. e P.S., escusou-se a participar na reunião. Estes três partidos manifestam estranheza e afirmam que a secção do P.P.D. daquela vila «continua a confundir a política nacional com politiquices locais».

Ao mesmo tempo denuncia as intenções da Intersindical e combate as ilusões que a sua direcção burocrática lança nas massas trabalhadoras sobre a possibilidade da libertação da classe operária poder deixar de ser obra da organização e luta da própria classe operária.

OUTRAS ORGANIZAÇÕES

As organizações marxistas-leninistas Partido Comunista de Portugal (m-1), Aliança Operária e Camponesa, União das Mulheres Trabalhadoras de Portugal e a Federação das Juventudes Comunistas de Portugal enviaram um comunicado, onde depois de atacar os «cunhalistas», sustentados pelo «social-imperialismo russo» e o «aventureirismo dos grupos radicais estilo U.D.P., M.E.S. e M.R.P.P.», se manifestam contra «a unidade sindical social-fascista», em defesa de uma «unidade sindical democrática», independente do Estado. As organizações signatárias manifestam-se contra a manifestação de ontem.

Entretanto, não nos foi possível apurar as posições do O.C.M.L.P. («O Grito do Povo»), nem da U.D.P.

Tanto o M.E.S., como a U.E.C., o M.D.M. e o M.J.T., haviam já anunciado a sua adesão à manifestação convocada pela Intersindical.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DA U.N.I.T.A.

Nacionalidade angolana para todos os portugueses radicados em Angola

PENINA, 15 (dos enviados especiais) — «Ninguém vai expulsar as tropas portuguesas que actualmente não são forças de ocupação mas sim forças de cooperação. Por isso não há calendário rígido para a sua retirada de Angola» — declarou o dr. jorge Valentim no decurso de uma conferência de Imprensa em que adiantou diversos pontos já resolvidos do protocolo que o Governo Português e os três Movimentos de Libertação vão assinar esta tarde no hotel Penina no Algarve.

Foi a segunda vez que este dirigente da U.N.I.T.A. acompanado de uma camarada (irmão, como se tratam entre si os membros da U.N.I.T.A.) se dirigiu aos jornalistas no âmbito da realização da cimeira. Na primeira fora recebido com uma notória animosidade, pois além de uma declaração sobre o seu movimento, apenas desmentiu (sem apresentar quaisquer meios de prova que não a simples negativa) a veracidade das cartas trocadas entre Jonas Savimbi e o exército portugues quando decorria a guerra nas frentes de luta do M.P.L.A. e da F.N.L.A. Essas cartas tinham sido publicadas há algum tempo pelo jornalista Aquino de Bragança na revista «Afrique-Asie» e no «Diário de Lisboa».

Ontem, Jorge Valentim apareceu com outra disposição e com bastante matéria informativa para fornecer. Daí que esta conferência de Imprensa se tenha transformado num quase «show» pessoal. Lembre-se para quem o esqueceu, ou diga-se para quem não o saiba, que este destacado elemento da U.N.I.T.A. é apontado como número dois ou três dentro da organização desde que o 25 de Abril lhes abriu as portas da luta legal em Angola.

Entre os avanços noticiosos que Jorge Valentim fez sobre o conteúdo do protocolo destacaremos os seguintes:

— Angola vai ser independente no fim deste ano de 75.

— O Governo de transição será constituído até fins de Janeiro. Depois certas instituições e leis eleitorais vão ser criadas, haverá uma campanha eleitoral e será eleita a Assembleia Constituinte. — O presidente da República é eleito pela Assembleia Constuituinte.

O Governo de transição reveste certas características inovadoras porque em caso nenhum de descolonização o processo seguido foi o que Portugal e os três movimentos de libertação já acordaram.

— O Governo não terá um primeiro-ministro mas sim um Conselho Presidencial com um representante de cada movimento:

— É certo que o Governo de Portugal poderá nomear certos ministros de origem portuguesa que tenham a confiança dos Movimentos de Libertação.

— A presidência do Conselho Presidencial será rotativa. A rotação não se afinirá por critérios de representatividade popular ou força militar de cada movimento, mas por um critério unanimemente aceite.

— Em certos ministérios mais melindrosos (por exemplo na informação), durante as eleições o ministério será formado por um ministro de um movimento e dois secretários de Estado dos outros movimentos. Exemplo: se o ministro for do M.P.L.A. haverá dois secretários de Estado, uma da U.N.I.T.A. outro da F.N.L.A.

— O Exército Nacional angolano será formado pelas quatro partes: pelas forças dos movimentos, fundamentalmente formadas por guerrilheiros, e pelo Exército português. Terá da qual haverá direcção, acima do qual haverá o Conselho Nacional de Defesa, de que fará parte o alto-comissário como representante de Portugal.

— As eleições serão antes da independência.

— São angolanos aqueles que nasceram em Angola, aqueles que se radicaram em Angola e que queiram optar pela cidadania angolana. Não haverá em Angola dupla nacionalidade.

«Quando os senhores lerem o documento final — disse ainda Jorge Valentim — e virem a F.N.L.A. em primeiro lugar, o M.P.L.A. em segundo e a U.N.I.T.A. em terceiro, a ordem não é devida a nenhum factor especial.

Seguiu-se sempre na indicação dos movimentos por ordem alfabética.

Foi aceite o direito inalienável do povo de Angola à indepência enquanto Portugal reconheu também os três movimentos como os únicos legítimos representantes do povo de Angola.

Legislação prepara a independência de Angola

LUANDA, 15 — (R.) — O Governo Provisório de Angola publicou diversas medidas destinadas a ajudar a abrir o caminho para a independência.

Um decreto prepara o terreno para a definição, em linhas gerais, das responsabilidades financeiras entre os Governos angolano e português, distribuição das receitas de impostos, propriedades do domínio público, divisão dos gastos com a Defesa e o aumento de empréstimos e obrigações.

Outro decreto prorroga até Março o prazo limite para o pagamento de contribuições que eram devidas em 31 de Dezembro de 1974, sem serem aplicadas sanções contra aqueles que não efectuaram a liquidação. Esta última medida, segundo o preâmbulo do decreto, foi tomada em virtude da «situação anómala da economia do Estado».

O Governo publicou também a nova Lei de Imprensa, que substituirá em Angola aquela actualmente em vigor em Portugal.

A nova lei garante a liberdade de Imprensa e a liberdade de pensamento e estabelece medidas de protecção a jornalistas no exercício dos seus deveres profissionais.

São puníveis a difamação do Chefe do Estado, de ministros e diplomatas, o incitamento à revolta ou a greves, agressão ideológica contra os princípios democráticos e o processo de descolonização e outros delitos previstos na lei comum.

Nos termos da nova Lei de Imprensa, as publicações podem ser multadas até 200 000 escudos e ser suspensas por períodos até 30 dias.

O Sindicato dos Jornalistas Angolanos publicou hoje um comunicado protestando por não ter sido consultado acerca da nova lei e alegando que certos artigos não salvaguardavam os interesses profissionais dos jornalistas. O sindicato anunciou também que vai convocar uma reunião geral para debater a lei.

EM CONSELHO DE MINISTROS

Três diplomas fundamentais

Está reunido em S. Bento, desde o princípio da tarde, o Conselho restrito para os assuntos Económico-Sociais, nele tomam parte, também os secretários de Estado do Trabalho, Economia, Finanças, Assuntos Sociais, Equipamento e Ambiente. Na ordem do dia, assuntos de carácter geral. O Conselho destina-se a apreciar tecnicamente e na especialidade de diplomas e medidas da sua competência.

Quanto ao Conselho de Ministros, volta a reunir-se amanhã. É dada como certa a inclusão do projecto de lei sobre associações sindicais na agenda do plenário governamental. Este diploma, na sua redacção actual — após as alterações impostas pelos trabalhadores que o discutiram nos seus sindicatos e locais de trabalho, — deveria já estar aprovado, mas a discussão fora adiada, em princípio para a próxima sexta-feira, por iniciativa de um dos ministros que discorda do princípio da unicidade sindical. Recorde-se que o projecto já foi aprovado pelo Conselho dos Vinte, por unanimidade, e depois beneficiaria de apoio público do Movimento das Forças Armadas e das Assembleias de Delegados do M. F. A. na Armada e Força Aérea, além da Intersindical, do P. C. P., do M. D. P. / C. D. E, do M. E. S.e outras organizações. A impressionante manifestação popular de ontem, sob o signo da vitória, deve ter resolvido os últimos problemas; a vontade dos trabalhadores no sentido de um movimento sindical unitário, democrático, independente e forte deve ser consagrada na lei.

Na reunião de ontem, o Conselho de Ministros, acabou a discussão da Lei de Imprensa, como noutro local noticiamos. Um dos pontos controversos era o da necessidade, entendida pelos sectores mais progressistas do Governo, de continuar a prever-se medidas administrativas excepcionais para os crimes de agressão ideológica contra-revolucionária. Supôs-se que o Governo chegou a um entendimento, através de uma solução legislativa incluida na própria lei.

O diploma tem agora de ser ratificado pelo Conselho de Estado, antes da sua promulgação. O mesmo acontecerá de resto, com o decreto-lei, sobre as associações sindicais.

Para a reunião de ontem, do Conselho de Ministros, estava prevista a discussão do novo projecto de lei sobre saneamento, prometida pelos órgãos de Poder e que se destina a eliminar as dificuldades burocráticas que o anterior propiciou atrasando toda a «limpeza» das estruturas fascistas e o próprio processo revolucionário. Mas, segundo o comunicado final, o mesmo não teria ainda sido apreciado.

VASCO GONÇALVES NA "CIMEIRA"

O Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, desloca-se esta tarde ao Algarve, a fim de assistir, no hotel da Penina, ao encerramento da cimeira entre os movimentos angolanos e o Governo português.

BURCHETT:

Boa vontade do descolonizador

«O modo como Portugal está a resolver o seu problema colonial é o primeiro caso em que eu vejo verdadeira boa vontade da parte do descolonizador» — disse-nos o famoso jornalista australiano Wilfred Burchett, ontem chegado ao hotel D. João II, para seguir a parte final da Cimeira do Algarve.

«Estou habituado a ver processos de descolonização com grandes choques» — acrescentou Burchett. — Mas o vosso parece-me bom, sincero e com muitos aspectos originais.»

Burchett está a ultimar um livro sobre a actual situação portuguesa, em que o último dos 16 capítulos previstos é exactamente sobre a descolonização.